

REVISTA DA SEMANA

N. 24 15-6-57 Cr\$ 8,00 em todo o Brasil

REPORTAGEM COMPLETA
SÔBRE A CHEGADA DE
CRAVEIRO LOPES AO BRASIL



GUERRA NA
GUANABARA
ENTRE
PESCADORES



★ Terminou o famoso caso Montesi, que desde 1953 agita a Itália tendo inclusive derrubado um Ministro do Exterior. Este que aparece na foto (escortado por um carabineiro), é Gilberto Montesi o mais curioso dos personagens envolvidos na história. O grande mistério se resumia em saber onde Montesi havia passado a noite de 9 de Abril de 1957. Montesi se recusou sempre a dizer onde estava, mas finalmente em Juízo quebrou o mutismo e falou: estava no seu apartamento, com a irmã de sua noiva. E essa afirmação (fácilmente comprovada), acarretou-lhe o descrédito e o rompimento de um noivado, por outro lado trouxe-lhe definitivamente a liberdade.

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Craveiro Lopes no Brasil	4/12
Arranha-céu — Prisão infantil	14/17
Nova História do Brasil	19/21
Marlene marcha sobre Paris	22/25
Rádio do passado e rádio do presente ..	30/35
Luisa Barreto Leite denuncia	46/49
Lambanceiros e donos de currais	52/55
O Piraquê continua	56/59

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente Gratuliano Brito
Diretor-Comercial Ivan Guimarães
Diretor-Gerente Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade J. M. Costa Júnior
Paginação Victor Tapajós
Fotografia A. Vieira e A. Ferreira
Desenho Alberto Lima
Laboratório V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



◆ **NOSSA CAPA** — Emilinha Borba, um dos maiores cartazes do rádio, conhecida (e ídolo) do Amazonas ao Chui. Reportagem de Sílvia Donato e Alberto Ferreira, páginas 30 e seguintes.

VIAJAR

● Quem quiser realmente aprender a amar esta cidade, deve viajar. Para qualquer parte do mundo, para a Europa ou Niterói, para o Norte ou o Sul do país. Não conheço nenhuma cidade no mundo que se identifique tanto com a gente, que faça tanto parte de nossa vida, que entre em nossos poros, que comece logo a tomar parte em nossos desejos, sonhos, ambições, alegrias ou tristezas, do que esta heróica, bela e tão mal amada pelos governos, cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Amamos a cidade onde nascemos quando não foi aqui que vimos a luz do dia; amamo-la como um bem que se tem guardado longe, distante. Gostamos de revê-la, de buscá-la em nossa lembrança, e encontrá-la em nosso passado. Mas não gostaríamos de voltar a viver nela, a acabar nossos dias ou recomeçá-los ali. Amamos sem vãos patriotismos, sem charlatanices nacionalistas todo o país, o Norte com suas características que tendem a desaparecer, sua gente boa, suas comidas, sua paisagem de matas, florestas, mares e rios; amamos o Nordeste com seu povo hospitaleiro de voz cantante, criaturas suaves e tão simples que estão sempre parecendo velhos conhecidos nossos, pessoas que conhecemos quando e onde não sabemos, mas com certeza são velhos amigos, — quem sabe? — parentes.

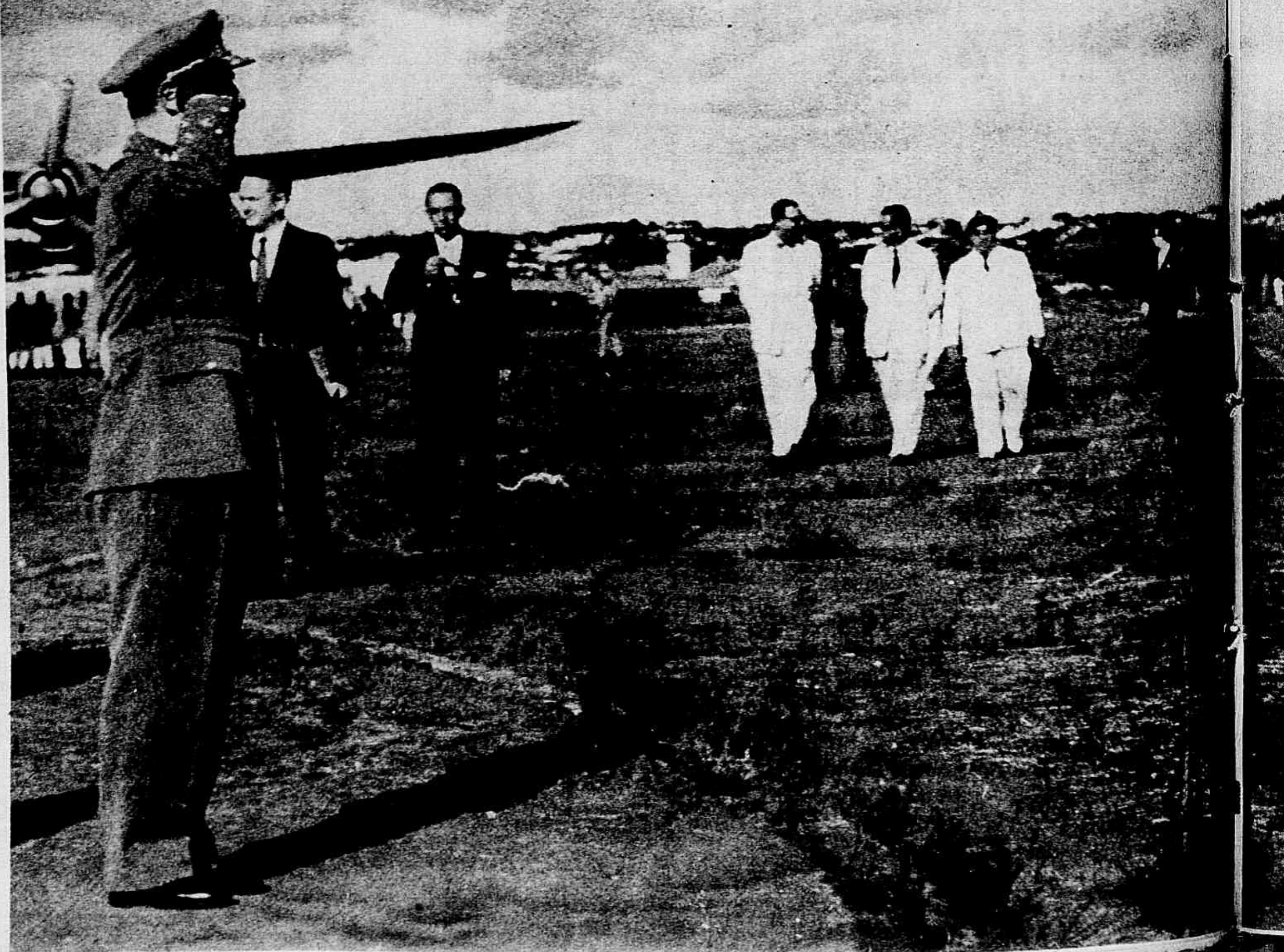
● Amamos o Sul tão diferente, tão mais difícil para a nossa simplicidade de nortistas e nordestinos, com hábitos que são diferentes dos nossos, mas falando nossa língua, sentindo nossos sentimentos. Amamos o Brasil naquilo que os portugueses colonizadores conseguiram: a unificação da linguagem e dos pensamentos. Mas quando viajamos e voltamos é que sentimos como este Rio, este Distrito Federal, esta cidade, é o nosso maior amor. A chegada à Praça Paris quando se vem do Galeão ou do Aeroporto Santos Dumont é como se estivéssemos chegando em casa. O mar está sendo comido, estão liquidando a tão bela baía de Guanabara, as árvores são geralmente mal tratadas, os pobres "figus benjamim" transformados em bois, elefantes e não sei mais o que, como os encontrados na mencionada Praça Paris. Mas é tão bela esta cidade, tão envolvente, tão aprisionante que quando voltamos com os olhos maravilhados do que vimos fora dela, parece que até as árvores estão nos dando as boas vindas.

● Como é bom viajar este Brasil. Como é bom encontrar em cada Estado uma gente boa, uma paisagem belíssima; como é bom conhecê-lo todo, amá-lo com um só amor. Mas principalmente como é bom voltar ao Rio... A leitora ou leitor, naturalmente está querendo saber porque vim eu hoje, sem mais aquela, cantar este amor pelo Rio, dizer coisas que todos sabem porque todos sentem. Eu lhes responderei que tudo isso acontece porque fui a Pernambuco, estive em Recife, cidade que adoro, revi o Capiberibe, fui a Caruaru, vi festas, gente boa, conheci quitutes, bebi suco de cajá e voltei. Sempre que volto tenho tanto a mesma sensação, a mesma alegria em voltar que achei de meu dever mais uma vez (que não será a última) cantar e contar esta heróica, nobre, sempre bela — apesar dos maus governos, — cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, meu bem.

ENEIDA

CRAVEIRO EM SALVADOR

REVIVE EPISÓDIOS DA



DESCOBERTA DO BRASIL



(CONTINUA)



Durante todo o percurso do cortejo presidencial, o General Craveiro Lopes foi aplaudido pela multidão.



A primeira personalidade brasileira a ser condecorada pelo Presidente de Portugal foi o Governador Antônio Balbino.



D. Berta Craveiro Lopes, 1ª dama de Portugal, acompanha o espôso na visita que ora faz ao Brasil. Muito elegante.

A CARAVELA RÚSTICA, COM CABRAL EM 1500 E O POSSANTE AVIÃO, 457 ANOS DEPOIS, COM CRAVEIRO LOPES ★ AS PRIMEIRAS EMOÇÕES DO PRESIDENTE DE PORTUGAL AO PISAR TERRAS BRASILEIRAS ★ LÁGRIMAS JUNTO AO MONUMENTO A TOMÉ DE SOUZA, EM SALVADOR, NO LOCAL ONDE FOI FUNDADA A CIDADE ★ VIBRARAM OS BAIANOS APESAR DA POBRE ORNAMENTAÇÃO DAS RUAS E LOGRADOUROS ★ AS CERIMÔNIAS E O GRANDE CORTEJO DOS PRÉSTITOS HISTÓRICOS

Reportagem de JOSÉ MARIA NEVES

Fotos de NEWTON VIANNA

QUATROCENTOS e cinquenta e sete anos depois do cidadão português Pedro Álvares Cabral descobrir o Brasil, aportando em uma caravela rústica o lugar denominado por ele próprio de "Pôrto Seguro", na Bahia de Todos os Santos, um seu patrício, envergando vistoso fardamento de gala e acompanhado de luzidia comitiva, desembarcou nas mesmas terras de um possante avião quadrimotor, do tipo mais moderno, e que fez um itinerário bem diferente. Só depois de receber as homenagens do estilo, que são devidas aos Chefes de Estado, é que o General Higino Craveiro Lopes pôde trilhar os caminhos percorridos pelos seus antepassados e contemplar, emocionado, as belas praias de Amaralina, Itapoan, Chega Nêgo, Barra e outros locais que deixaram deslumbrados os intrépidos marujos das naus portuguesas e que foram testemunhas do grande feito luso.

● A PRIMEIRA CERIMÔNIA EMOCIONANTE

Se no início do itinerário o ilustre Presidente de Portugal começou a sentir as primeiras emoções, pouco depois, na visi-

ta a pontos históricos, esse estado chegaria ao seu clímax. Realmente, quando o General Craveiro Lopes deparou com o monumento a Tomé de Souza, erigido no farol da Barra, no exato local onde em 1549 o Primeiro Governador Geral fundou a cidade de São Salvador, seus olhos umedeceram. Saudado pelo mais antigo membro da colônia lusa na Capital baiana, que disse falar como representante de Tomé de Souza, o Presidente, pretendendo evitar que os circunstantes notassem as lágrimas que ameaçavam cair sobre as suas faces, baixou a cabeça e ouviu a alocução até o final nessa posição. Debalde foi o artifício, pois todos perceberam a sua forte emoção e por ela também foram atingidos.

Quebrando o protocolo, o General falou agradecendo a homenagem. E, ao final do simples mas emocionante improviso, abraçou efusivamente a todos os velhos cidadãos portugueses que o rodeavam. Os aplausos das autoridades e do povo, presentes, serviram para amenizar o forte ambiente emotivo. Moças que compõem a bem organizada Polícia Feminina de Salvador se encarregaram do resto. Embora em posição de sentido, em continência ao Chefe de Estado, ofereceram seus

OS PORTUGUESES AO PRES. CRAVIE

OS PRÉSTITOS DOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DO BRASIL DERAM M



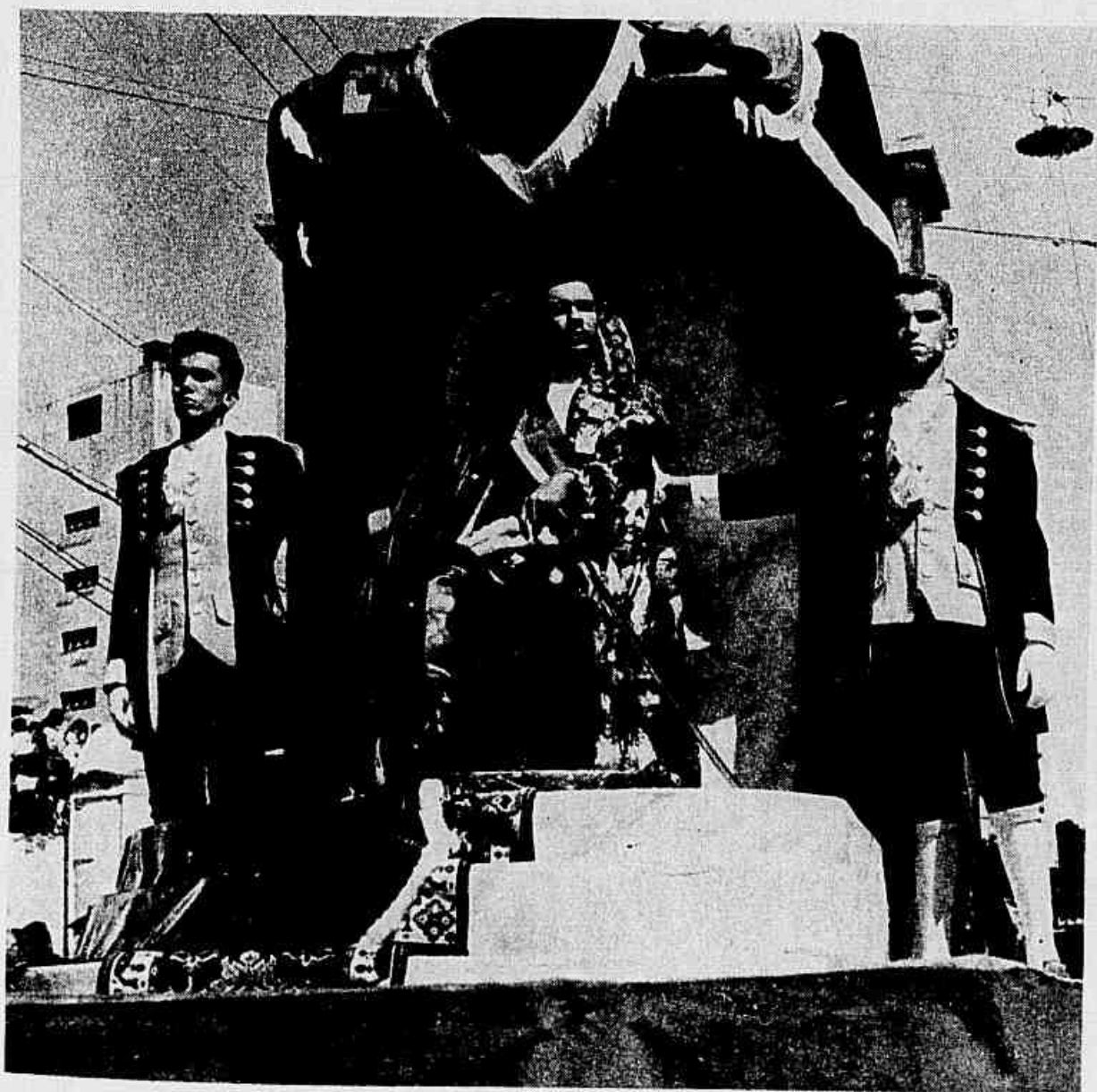
A primeira caravela, com Pedro Álvares Cabral a bordo abriu o grande desfile. Jovens baianos foram os intérpretes.



A Igreja Católica também esteve presente. Eis a homenagem ao Primeiro Bispado do Brasil. A fé e o patriotismo.



AM MAIOR GRANDIOSIDADE ÀS HOMENAGENS DOS BAIANOS A CRAVEIRO



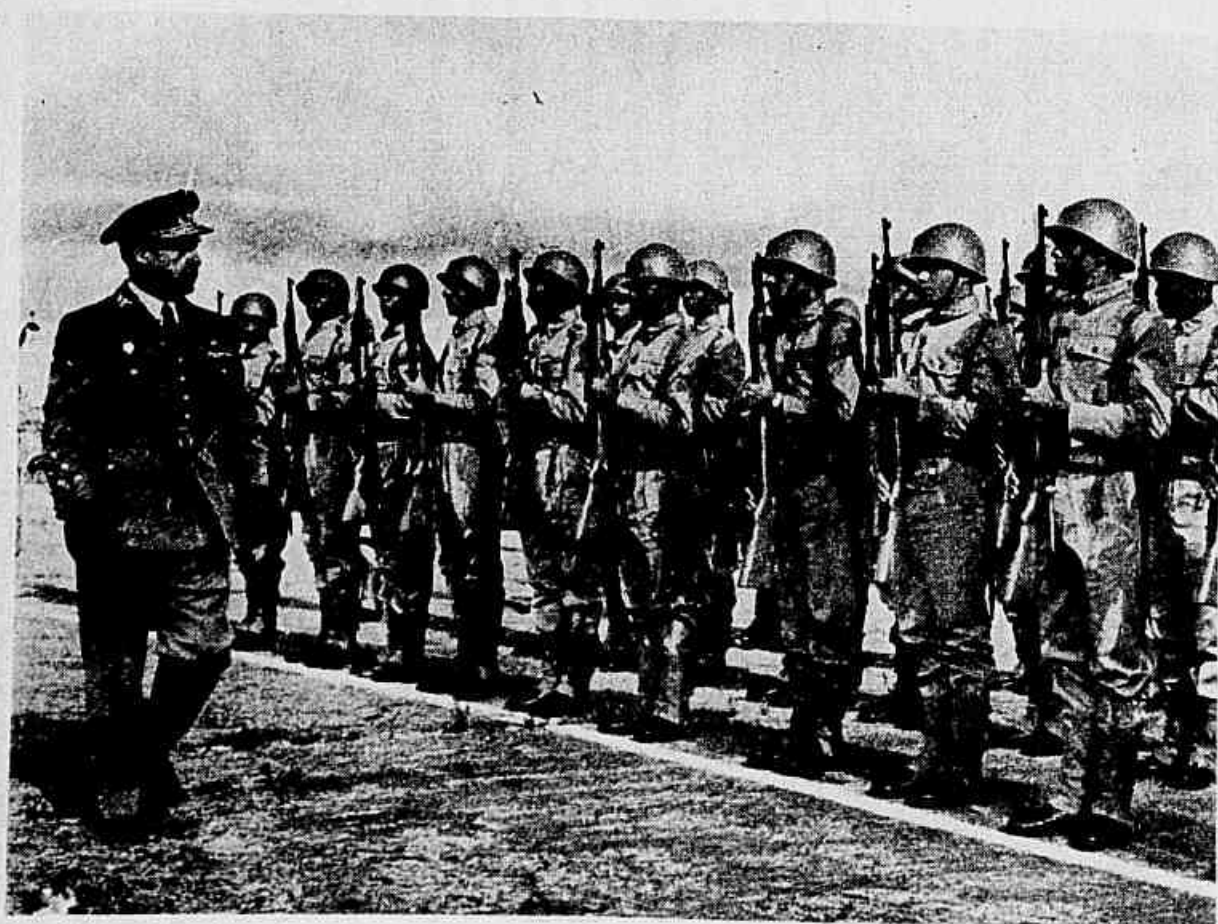
Reconstituição perfeita, ao vivo, do trono de Dom Pedro I. O intérprete é um amador teatral. Representou bem.



A juventude brasileira recebeu merecida homenagem. As lindas baianas arrancaram aplausos da multidão presente.



Quatrocentos e cinquenta e sete anos depois de Cabral desembarcar no Brasil numa caravela morosa e sem conforto, Craveiro chega de avião. O tempo marcha.



As Forças do Ar do Brasil em continência ao Chete da Nação portuguesa. Craveiro desembarcou fardado. Porte marcial.



Sempre curioso em saber tudo a respeito da Bahia, Craveiro Lopes solicita informações ao Governador Antônio Balbino.



O General é um perfeito militar. Veja-se a elegância com que leva a mão à pala do quepe para uma continência em resposta às saudações que recebeu.



CRAVEIRO LOPES

A colônia lusa, em Salvador, prestou significativa homenagem ao Chefe de Estado. Craveiro emocionou-se.

lindos sorrisos ao nosso visitante, comungando do mesmo entusiasmo cívico de que estava ele contagiado. Foi, a meu ver, a mais emocionante das solenidades realizadas em Salvador, nessa visita que nos faz o Presidente da Pátria-Mãe.

● ENTUSIASMO POPULAR, APESAR DA POBRE ORNAMENTAÇÃO DA CIDADE

Foi lamentável que a administração municipal da capital baiana se descuidasse tanto da ornamentação das ruas e logradouros por onde passou o cortejo presidencial. Teria sido melhor nada fazer do que apresentar a pobre e inexpressiva ornamentação, se é que assim se poderá chamar o que vimos em Salvador. Pedacos de pano nas côres da bandeira portuguesa e alguns painéis com as armas do país amigo, eis o que foi colocado dependurado nos postes de iluminação, sem nenhum gosto artístico. Talvez por isso é que os jornalistas que foram a Salvador, inclusive este repórter, acreditassem que os baianos receberiam sem entusiasmo o General Craveiro Lopes. Felizmente, isso não aconteceu. O que vimos foi o povo, sem distinção de classes, vibrar de entusiasmo à passagem do cortejo do Presidente. Foi como que uma réplica ao pouco caso dispensado pela Prefeitura de Salvador ao embelezamento da cidade para uma recepção mais condigna ao nosso visitante. Confesso que fui surpreendido com o que vi e observei. Sem estardalhaço, mas com vibrante alegria, os baianos receberam o General Craveiro Lopes. E à proporção que o cortejo avançava em direção ao palanque armado à frente do Palácio do Governo, na Av. Sete de Setembro, o entusiasmo aumentava. O General, sorridente e visivelmente comovido, agradecia em gestos largos e espontâneos, como que esquecendo a qualidade de militar que tanto o caracteriza. O povo gostou da sua atitude. Craveiro Lopes, pela sua simplicidade, não deveria ser tratado com tanto protocolo pelo Itamarati. Ele próprio foi desprezando o aborrecido cerimonial que lhe prepararam os homens da Casa de Rio Branco, especialmente destacados para a Bahia a fim de organizar o programa em sua honra. O primeiro gesto que cativou os baianos foi a maneira como tratou os jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas e radialistas. Ainda no aeroporto do Ipitanga, depois de receber os cumprimentos do Governador Balbino, o ilustre visitante cumprimentou os profissionais da imprensa que foram a Salvador para fazer a cobertura jornalística de sua chegada. E balbuciou um "Bom dia" bem luso, com tôdas as características fortes do sotaque da terra de Camões. E, para espanto de todos, inclusive das altas autoridades que assistiram o seu cativante gesto para com a imprensa, disse, despedindo-se dos jornalistas:

— Muito obrigado pela vossa presença.

Mais tarde, já no Palácio da Liberdade, momentos antes de se dirigir aos aposentos que lhe foram reservados para um merecido repouso, falava mais demoradamente com os repórteres. Indagou, inicialmente, se havíamos feito bom trabalho, se estávamos satisfeitos e porque os fotógrafos batiam tantas chapas. Respondeu um de nossos companheiros:

— É preciso, General. A visita de uma personalidade como V. Ex^a, que tanta coisa em comum tem com os brasileiros, necessita ser reportada com cuidado especial. Por isso batemos tantas chapas quantas forem necessárias. Depois — informou o fotógrafo — fazemos uma seleção e aproveitamos as melhores fotografias.

— Mas, então, os senhores desperdiçam muito material.

Estamos contando êsses pequenos detalhes para mostrar a personalidade do General Craveiro Lopes. E, mais uma vez re-

petimos: não havia necessidade do Itamarati usar de tanto rigor no cerimonial. Deixem o homem se sentir à vontade.

Houve, ainda, uma passagem que não podemos deixar de registrar. Foi quando S. Ex^a se dirigia ao salão nobre do Palácio do Governo para condecorar o Governador do Estado. Ao passar por uma porta foi abordado por um tipo popular em Salvador que tem a mania da poesia. Esticou a mão para o General, cumprimentou-o vigorosamente e colocou sobre as mãos do militar, que segurava as luvas, um maço de panfletos que mandara imprimir sob o patrocínio de uma firma comercial com versos de sua autoria em homenagem ao Presidente de Portugal. Craveiro Lopes, dado o inesperado da cena, hesitou um pouco, mas, ao encarar com o importuno, sorriu e segurou o papelucho. O Governador Balbino não teve outro jeito senão explicar ao seu hóspede que o homenzinho era um tipo popular de Salvador, bom e estimado por todos. O General cumprimentou-o e agradeceu a homenagem.

● O DESFILE DOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

A nota alta nas homenagens que o povo baiano prestou ao Chefe do Governo português foi o desfile dos préstitos rememorando os acontecimentos históricos do Brasil. Abriu o grandioso espetáculo a primeira caravela que aportou à Bahia. De tamanho regular, a alegoria contava com os mínimos detalhes da nau capitânea de Pedro Álvares Cabral. As suas velas enfunadas, com a Cruz de Malta em destaque, a caravela constituía todos os personagens da tripulação famosa. À frente, um moço da sociedade baiana interpretava Cabral, olhando, de quando em quando, o horizonte em busca da terra. Foi quando se ouviu o grito de "terra à vista". Deu-o o marujo que se equilibrava no alto do mastro principal da embarcação. Foi um momento de vibração. Tôda a massa humana prorrompeu em aplausos. Foi o início do grande cortejo histórico que, até o seu final, seria delirantemente aplaudido.

Seguiu-se o desembarque dos tripulantes. A descida dos petrechos pelos escravos, cada qual trazendo às costas os objetos mais variados, desde os panelões aos barris de vinho e água potável. Veio a cena da primeira Missa. Impecável. Ali estavam reproduzidos todos os detalhes da grande cena religiosa. O padre rodeado dos tripulantes e mais adiante os índios em atitude de expectativa. Tudo isso fez vibrar os baianos e os portugueses da comitiva do General Craveiro Lopes.

Várias passagens do século XIX foram rememoradas. As damas com seus vestidos muito rodados e os indefectíveis espartilhos. Cabeleiras supostas, vestidos a caráter, cada um dos personagens revividos mereceu aplausos do próprio Presidente de Portugal. Noventa minutos após encerrava-se o grande desfile com uma alegoria que deixou profundo sentimento de brasilidade. O Brasil do presente, o Brasil da Petrobrás, o Brasil de Volta Redonda, o Brasil das grandes realizações.

Terminado o programa de festejos, momentos antes de embarcar no Barroso, rumo à Capital da República, o General Craveiro Lopes dizia a este repórter, em resposta a uma pergunta que formulamos a S. Ex^a:

— Jamais contei assistir a espetáculo mais emocionante. Verdade é que sempre acreditei na amizade dos brasileiros. Nós somos irmãos e os laços que nos unem a cada dia se estreitam mais. Entretanto, a vibração do povo, as homenagens que me prestaram, foram além do que eu poderia imaginar. Estou muito grato aos baianos e a todos os brasileiros. De volta à minha pátria direi, comovido, que os nossos irmãos brasileiros homenagearam Portugal como a sua verdadeira Pátria-Mãe.

1.º PRÉDIO - SOLUÇÃO

**o drama
do menino de
apartamento!**

COMPRE HOJE

no centro de um parque de
12.000 m² - esta sua residência:
SOLAR DAS LARANJEIRAS



SOLAR DAS LARANJEIRAS fica situado em meio a um parque arborizado de 12.000 m², com 58 metros de frente para a rua Mario Portela e a 60 metros da rua das Laranjeiras. EDIFÍCIO MODERNÍSSIMO de 4 fachadas afastadas do alinhamento da rua, algumas até com 22 metros de recuo.

apartamentos todos de frente, sem vizinhos

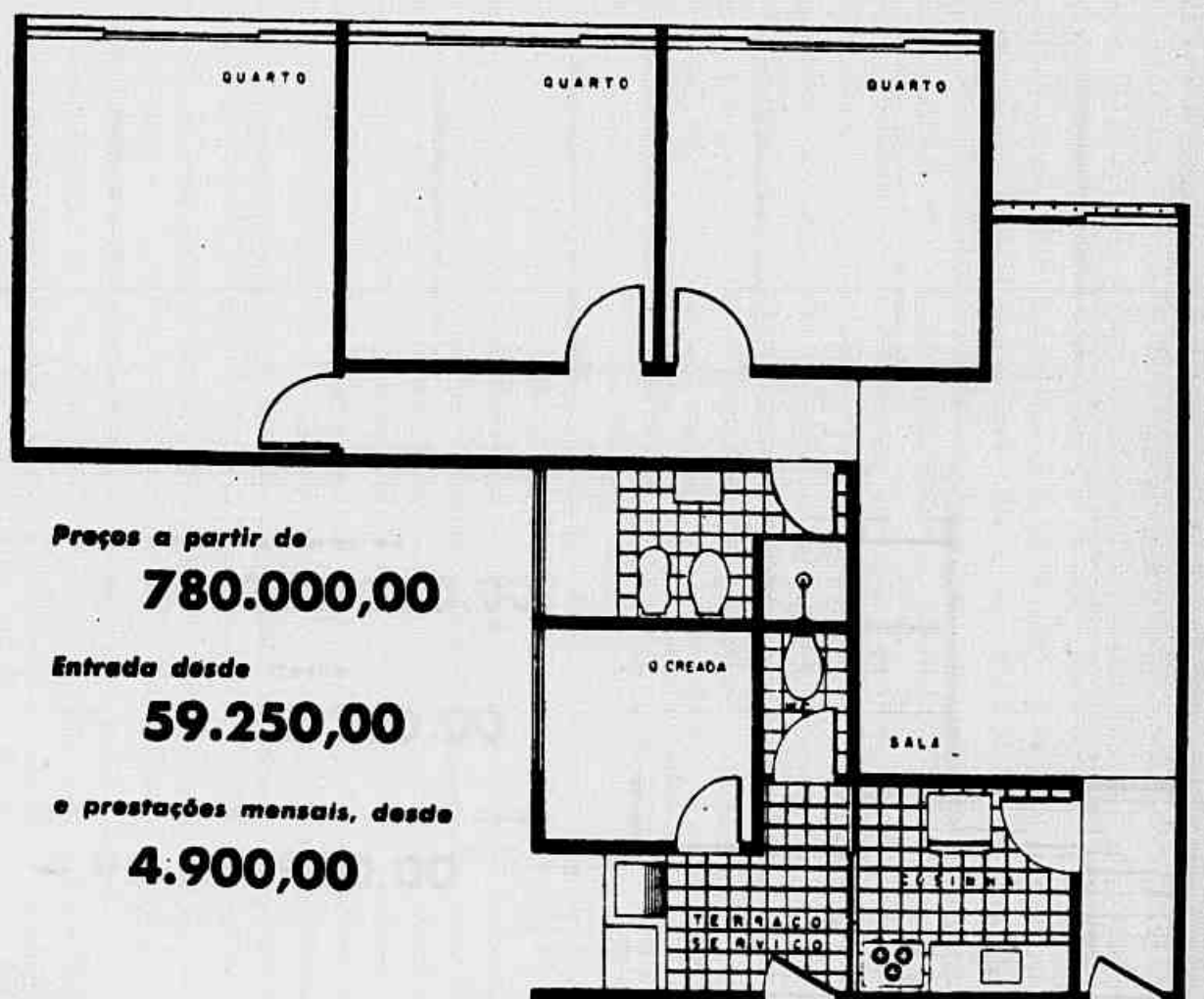
● Áreas livres e arborizadas circundando o "Solar" que ocupará apenas 16% do total da área do terreno.

● Espaços amplos para que seus filhos corram e brinquem à vontade sem necessidade de ir para a rua ou para as calçadas.

● Playground privativo e piscinas separadas para adultos e crianças.

Apartamentos tipo residência com 2 ou 3 ótimos quartos, amplo living-room, banheiro completo, cozinha e todas as demais dependências, inclusive uso e gozo do maior parque privativo feito para propriedade de um só edifício.

SOLAR DAS LARANJEIRAS fica num trecho onde nunca faltou água. É realmente privilegiado nesse particular.



Preços a partir de
780.000,00

Entrada desde
59.250,00

e prestações mensais, desde
4.900,00

Orlando Macedo

INCORPORAÇÃO E VENDAS DE IMÓVEIS

Rua São José, 90 - 5.º andar - tel. 22-9950 (rede interna)

VENDAS NO LOCAL, DIÁRIAMENTE, INCLUSIVE AOS DOMINGOS, A PARTIR DAS 8:30 DA MANHÃ.

REVISTA DA SEMANA — 13

● Veja a relação entre a área total do parque (12000 m²) e o espaço ocupado pelo Solar das Laranjeiras

ARRANHA-CÉU, PRISÃO



EM uma tarde triste, escura, a repórter saiu andando sem destino por Copacabana. Nas ruas, em silêncio, pessoas passavam apressadas, mesmo as que iam acompanhadas, caminhavam caladas. E as crianças? Por onde andariam as crianças? Lá estavam as crianças, narizinho colado nas vidraças, vidraças embaçadas por sua respiração, respiração de pássaro cativo. Não sei se a distância ou meu estado de espírito, mas seria capaz de jurar que aquela menininha no terceiro andar chorava e molhando o dedinho nas lágrimas, desenhava bonecos na vidraça. Judiação! Judiação prender assim os pequeninos. Eles que tanto precisam de ar, precisam de terra, de sol. Pobres vítimas! E aquela caminhada sem destino cessou. Quem sabe uma porção de gente junta, clamando contra a judiação, poderia fazer alguma coisa pelos pequeninos cativos? Primeiro fui ao humaníssimo Manoel Bandeira...

«PÁSSAROS ENGAIOLADOS»

♦ ... «a situação das crianças criadas em «apertamentos», é lamentável. Os pequeninos não apanham sol, não podem correr à vontade, não sentem o vento batendo-lhes no rosto. São como pássaros engaiolados, loucos para escapar. É uma vida terrível, não só para os pequeninos, como para os bichos, cães, gatos, aves e, até mesmo, para os adultos, que são obrigados a morar em apartamentos.

Moro em um edifício, mas em andar alto, de frente para o mar, recebendo sol e vento o dia inteiro. Depois, eu não sou mais criança, isso já me basta. Quando passo por um prédio e vejo uma criança, geralmente triste, olhando através do vidro da janela, como se estivesse numa penitenciária, fico com tanta pena, que tenho vontade de bater em sua porta e pedir aos pais para deixarem que eu leve sua criança para ir ao Jardim Botânico, à praia, ao Jardim Zoológico, dar um passeio...

INFANTIL



O DRAMA DA CRIANÇA DE
APARTAMENTO — POETAS, PROFESSORES,
PSICANALISTAS, HIGIENISTAS E EDU-
CADORES, APONTAM A SOLUÇÃO
PARA O PROBLEMA.

Enquete de SILVIA DONATO ★ Fotos de ALBERTO FERREIRA



"PRECISAMOS
LIBERTAR A
CRIANÇA"

◆ O PROFESSOR DANTE COSTA é uma autoridade de renome internacional no campo da nutrição. Catedrático da Faculdade Nacional de Medicina, higienista, já representou o Brasil em dois Congressos Internacionais. Dante Costa foi um dos fundadores do Departamento Nacional da Criança, onde iniciou a Campanha Nacional pela Recreação Infantil, sendo de sua autoria os principais trabalhos que a esse respeito foram publicados entre nós. Atualmente, é diretor dos Cursos do SAPS. Abordado sobre o assunto, declarou-nos:

— Trata-se de um problema dos mais imperativos da vida moderna. A criança precisa de brincar, como precisa do ar que respira. A recreação, as atividades de jogos e recreios não são meros divertimentos: são condições essenciais ao desenvolvimento normal da criança, quer no aspecto somático, quer no aspecto corporal. Como especialista em crescimento e nutrição, tenho atendido em minha clínica, a grande número de crianças de mau desenvolvimento, ou de crescimento retardado, vítimas desse confinamento moderno, dessa moderna prisão infantil, que são os arranha-céus. Brincando a criança exercita os músculos, desenvolve a capacidade muscular, enrijece o corpo, cria uma forma corporal vizinha da normalidade, e esses fatores positivos de saúde, ao lado da boa alimentação, garantirão, desde a infância um desenvolvimento futuro feliz e farão prever um adulto normalmente constituído.

Mas a recreação não interessa apenas ao crescimento físico, continuou o professor Dante Costa, ela vai ajudar a saúde mental das crianças e coopera fortemente na formação de sua personalidade. O espírito de sociabilidade, o prazer da convivência, o espírito de iniciativa, a alegria de querer bem ao seu semelhante, e também o poder de conhecê-lo melhor, são fatores também influenciados pela recreação, e são forças vitais, valores inestimáveis para a criança feliz. Eis porque é preciso libertar a criança do confinamento dos arranha-céus. E nem me estou referindo aos benefícios do ar livre, a circulação de ar puro nos pulmões da infância, como fatores positivos de saúde. Em alguns arranha-céus esse direito é mantido, e elas o exercem. Aquelas primeiras forças ou vida a que me referi, o direito a recreação, o direito de ser feliz brincando, isto a vida em arranha-céus tumultua, põe em perigo, torna-se insuficiente.

O arranha-céu não é amigo das crianças. O arranha-céu, contudo, em alguns de nossa cidade, é validade inelutável. Não podemos destruir os que existem, nem evitar que alguns sejam construídos. O que devemos fazer, então? Parece-me que o zoneamento das cidades é indispensável. Construir arranha-céus num bairro como a Lagoa, por exemplo, é atentado contra o conforto de viver, é crime urbanístico, agressão à natureza e prejuízo à saúde da população. Cumpre-nos impedir isso. Mas em outros lugares onde o arranha-céu já existe, só uma coisa pode-se fazer, em benefício das crianças: a criação de parques de recreio, a obrigatoriedade de «play-grounds», a invenção de estações de recreio. A criança de arranha-céu é um pequeno ser em perigo. Para salvá-lo é preciso dar-lhe um pouco de sol, de jardim, de ar puro, dessas belas invenções da natureza, que não devem ser apenas privilégios dos pássaros. As crianças são também pássaros ávidos de vida. E a recreação é que possibilita o vôo desses pássaros, o vôo das crianças, o seu desenvolvimento, pelos largos horizontes da saúde e da alegria, conclui o professor Dante Costa.



A CRIANÇA TURBULENTA

♦ **BUSCAMOS MAIS** uma opinião, a do professor Vasco Vasques: «A carência de espaço em um apartamento, para que a criança possa brincar a sua maneira, cria a criança turbulenta que observamos quando soltas em uma praça pública. Correm, pulam, gritam e até brigam, como que tementes de perder cada segundo de liberdade. O problema é muito sério, pois forçados a promiscuidade com os adultos, porque em sua maioria os apartamentos mal dão para acomodar toda família, a criança tende a desumanizar-se. Para ela não há segredos, ou há segredos mal guardados, mal entendidos e portanto mal interpretados, o que mina sua formação psíquica.

A falta de contato direto com a natureza, nesses monstros pré-fabricados, podemos assim dizer, criam crianças pálidas, neuróticas, acanhadas. Criança precisa de espaço para seus folguedos, precisa de outras crianças, precisa de um líder, e essa aproximação não pode ser feita de janela a janela; cada uma presa em seu apartamento. Enquanto não for estabelecido, por lei, que cada nova construção de edifício de apartamentos reserve uma área para um parque infantil, os pais devem procurar contornar o problema incentivando os filhos na criação de clubes infanto-juvenis, com programa de passeios coletivos aos pontos pitorescos da cidade».



A ESPONTANEIDADE DA INFÂNCIA

♦ **LUCIA BURLE MARX**, que há vinte anos vem lidando com crianças de quatro a quatorze anos, na sua qualidade de professora, e que hoje mantém um curso de admissão aos Ginásios da Prefeitura, na rua Pompeu Loureiro 38, pareceu-nos pessoa mais que indicada para ser ouvida:

— A vida da família moderna, comprimida em apartamentos, traz grandes prejuízos à formação da mente infantil. Desde muito cedo, a criança entra, obrigatoriamente, a viver entre os adultos, perdendo a espontaneidade e a inocência própria da infância.

Mas não é só essa a desvantagem. A necessidade de expansão física não pode ser satisfeita entre quatro paredes e a rua torna-se o sonho máximo dos guris. Nessa rua porém, cheia de perigos e muitas vezes proibida pelos pais, concentra-se todo o seu ser, desviando a atenção dos estudos, da leitura e da vida familiar.



INFÂNCIA SEM MISTÉRIOS

♦ **A POETISA LAZINHA LUIZ CARLOS**, abordou um novo ângulo da questão.

— Não posso entender a vida sem recordações, sem mistérios. A infância de agora, que está sendo criada em apartamentos, não poderá, jamais, lembrar, como eu e muitos de vocês, de uma escada que conduz ao sótão. De um canto mais escuro da casa, de uma árvore frondosa, sob cuja sombra, tantos sonhos traçamos. Não existem segredos, nem mesmo um burquinho para esconder aquelas bobageiras tão valiosas para as crianças.

E não é só isso. Tem a fuga dos pais ao problema. Internam crianças de quatro anos em classes maternas. Por mais carinhosa e atenciosa que uma professora seja, poderá ela dar à criança toda ternura natural que existe em cada mãe? Não posso chamar de egoísta a mãe que encontra coragem para dar, ao menos por algumas horas, um pouco de espaço e terra para seus filhos brincarem. Ela não quer ficar livre para passear, como muitos pensam, ela quer é dar o melhor para seu filho querido, embora seu coração parta-se toda vez que entrega a criança na escola. Mas que poderia ela fazer, se no edifício onde mora não há um espaço para as crianças brincarem. Deixá-la presa no apartamento, só para não ficarem separadas por algumas horas? Meus três filhos já estão crescidos, mas observo, e muito, minhas amigas, mães de menores. O problema é muito sério, dramático, mesmo.



MÉDICO, POETA E SENADOR

♦ O SENADOR POR ALAGOAS, Ezequias da Rocha, que também é médico, encontrou no tema, criança presa, inspiração para um comovente poema, a que deu o título de: «Menino de Apartamento».

*Menino de apartamento,
Que olhas só de cima as ruas,
Que raro pisas no chão,
Que não corres, que não suas!*

*Mas que anseias por viver
Como vivem os pardais,
Pelas árvores cantando,
Traquinando nos quintais!*

*Triste, pálida criança,
Que na prisão se estiola,
Leãozinho numa jaula,
Canarinho na gaiola!*

*Precisas de liberdade,
De sol, de ar, de amiguinhos,
Coisas que nem mesmo faltam
Aos filhos dos passarinhos.*

*E sobra neste país,
Ao redor do teu degredo,
Tanta luz e tanta praia,
Tanta campina e arvoredo!*

*Mas tu não tens, rico herdeiro
Do céu, da terra, do mar,
Nem uns palmos de jardim
Para correr e pular.*

*Por que assim te enclausuraram,
Travêso e belo petiz?
Por que roubam teu direito
De ser alegre e feliz?*

*Mundo malvado éste nosso,
Sem alma, sem coração:
A Inocência que é o futuro,
Nas grades de uma prisão!*

*Progresso injusto, insensato,
Que sufoca a alma infantil!
E Deus te deu, meu menino,
A vastidão do Brasil!*



MIRA Y LOPEZ FAZ APÊLO

♦ EDUCADOR E PSICANALISTA, o professor Emilio Mira y Lopez, desde a sua vinda para o Brasil vem debatendo o problema da criança em apartamento:

— Os construtores do passado, infelizmente, sempre visaram o conforto do adulto. Esqueceram que uma criança não pode ter um desenvolvimento sadio confinada em um ambiente onde não há luz, ar e liberdade. Muito tenho clamado, junto à Prefeitura, para conseguir a obrigatoriedade da construção de parques infantis em tôdas as obras de edifícios residenciais. Se isso fôsse feito a partir de já, em menos de vinte anos não existiria um só prédio sem o espaço reservado às brincadeiras das crianças. O problema teria desaparecido. Infelizmente, os altos lucros, o comercialismo, não permitem tais práticas, entre a maioria dos construtores.

Mira y Lopez interrompe a palestra para mostrar-nos um álbum de recortes, onde encontramos entrevistas suas, concedidas a jornais e revistas, tôdas elas abordando o mesmo assunto: «Espaço para as crianças cujos pais morem em edifícios de apartamentos». Continuando,

— As praças públicas são tão raras, com tanta promiscuidade. A criação de «play-ground» nos edifícios, selecionaria, automaticamente, os amiguinhos de nossos filhos. Todos seriam do mesmo nível intelectual e social. As mães poderiam estabelecer um revezamento, bastando que uma em cada dia, tomasse conta de tôdas as crianças que estivessem brincando no pátio. Os pequeninos teriam brinquedos apropriados à sua idade, colegas para os jogos e gozariam de muito mais saúde, com a luz, ar e liberdade, que já me referi acima. Apelo para que os construtores reservem um espaço em cada edifício novo para a criação de um parque para as crianças passarem suas horas de folga.



VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.

CAIXA POSTAL 1202

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**B É L -
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº

NOME

RUA

Nº

CIDADE

ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00

Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50

Por Vale Postal Cr\$ 125,50

LEIAM

EU SEI TUDO

REVISTA
MENSAL

PREÇO
CR\$ 10,00

XAMBU

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
ÊXITO GARANTIDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 200,00 — Casal 300,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



FALANDO AO LEITOR

CESARIO MARQUES, assina a reportagem deste número "Guerra na Guanabara". Menino ainda, representa a nova e excelente geração de jornalistas. Pertence a "Tribuna" e ao "Jornal do Brasil".

EM DEZEMBRO publicaremos as 10 mulheres mais bonitas do Brasil, numa seleção organizada por Mauro Braga. Em 1956 (quando a lista foi organizada pela primeira vez), o sucesso foi extraordinário. Estamos olhando e estudando detidamente o assunto.

A LEITORA LOURDES Olsen, numa carta muito bem escrita faz uma análise inteligente sobre a nova REVISTA DA SEMANA. Elogia (muito) a reportagem política, louva a lealdade, a clareza e a independência das nossas informações e dos nossos comentários.

BOA A REPERCUSSÃO que estão obtendo as reportagens de Haroldo Damasio focalizando os clubes cariocas. Já apresentamos o Fluminense, o Monte Líbano, Piraquê (neste número). A série prosseguirá com clubes da cidade, da zona Sul e do subúrbio.

A EXCELENTE reportagem sobre o lixo (nº 23) é da autoria do jornalista Gilberto Guimarães. Muito bem feita, clara, objetiva, imparcial. Apesar de tratar do problema do lixo, é uma reportagem limpa.

AINDA é muito cedo, sr. Carlos Gondin Vieira. A eleição para Presidente da República será em 3 de outubro de 1960. Não acha que com 3 anos e meio de antecedência será muito difícil antecipar os candidatos?

DENTRO DE alguns números daremos início à série (prometida) sobre a situação política dos Estados. O autor das reportagens (verdadeira radiografia política e eleitoral de cada Estado) é Mauro Braga.

O SR. HILDON MATOSO quer saber quando chegarão as máquinas novas da REVISTA DA SEMANA. Ainda este ano, sr. Hildon. Estamos tão impacientes quanto o senhor.

O CAMPEONATO CARIOCA só começará em meados de agosto. A informação é para o sr. Nilton Morais Barros.

CRAVEIRO LOPES não é o primeiro Presidente a visitar o Brasil, sr. Jorge Morgado. O primeiro foi Manoel Antônio de Almeida, em 1922. Veio para as festas do nosso Centenário. Teve uma recepção apoteótica. Mas a do Presidente Craveiro, foi evidentemente (e compreensivelmente), muito mais importante.

**CAPISTRANO
DE ABREU:**



HISTÓRIA NOVA DO BRASIL

O GÊNIO E A IRONIA CONTRA A PATRIOTADA ★ DEFININDO RUI BARBOSA ★ O INDIO, O PORTUGUÊS E O NEGRO ★ SÍNTESE HISTÓRICA

Reportagem de AUGUSTO SOUZA MEYER

REVISTA DA SEMANA — 19



HISTÓRIA

NOVA

DO BRASIL

Na foto, o índio Vicente, do grupo Panó, que Capistrano trouxe do interior para estudar sua língua e que terminou bombeiro no Distrito Federal

QUEM lê um destes compêndios de História do Brasil cheio de patriotadas, sente um vasto alívio por Capistrano de Abreu haver criado uma nova escola de história viva do Brasil, honesta e irônica, aguçando em nossos eruditos o espírito da auto-crítica, tão necessária à destruição de tolos tabus, criadores de uma pobre visão de conjunto dos fatos, em muitos e indefesos cérebros por esse Brasil. Alguns exemplos tirados da obra (Capítulos de História Colonial) e da correspondência (publicada pelo I.N.L. por José Honório Rodrigues) e veremos surgir a figura de nortista, meio relaxado, mas genial do velho Capistrano, a meter a colher torta nos pés de barro de muito ídolo...

«Amo, admiro o Brasil, espero dêle», disse em carta a Urbano Duarte de Oliveira em 7 de setembro de 1895, pois a ironia em Capistrano não é gratuita mas um instrumento moderador das deformações históricas dos xenóforos. Atacou fatos e homens para destruir exageros, mitos... pois não atacou Rui Barbosa? Senão vejamos a sua opinião em carta a João Lúcio de Azevedo, escrita da fazenda de Assis Brasil, em março de 1919, perto das eleições...

RUI... INTELIGÊNCIA PRUSSIANA — «Não sou eleitor. Não acredito haja alguém capaz de salvar o Brasil ou de perdê-lo. Fui-lhe apresentado, por Machado de Assis, numa reunião. E' simples, bem educado. Não gosta de conversa comprida. Acorda muito cedo, às 10 da noite adormece. Não fuma, não bebe; vive ou pelo menos procura viver dos rendimentos da vida, sem atacar o capital, disse uma vez. Por isso é mais forte do que há vinte anos atrás. Sua biblioteca anda por algumas dezenas de milhares. Em certas prateleiras há três carreiras de livros: dizem que é capaz de ir no escuro tirar o volume que deseja. Emprestou-me um, todo encapado, o que me obrigou a comprar tela inglesa para reencapá-lo. Hoje não empresta mais... Ouvi que, estudante, antes de lavar o rosto, por conselho do pai, lia algumas páginas de Camilo. Deve ter concorrido para dar à sua inteligência uma feição prussiana, sempre preparada, sempre mobilizada, prestes a partir para a guerra, ao primeiro toque de corneta. A sua faculdade

fundamental é a memória. Outra faculdade é a análise: quando começa a dissecar um caso e julga-se que chegou ao fim, está apenas no meio. A sua força é igual na escrita e na oratória. Seu vocabulário é ilimitado. Creio que terá compilado para uso próprio um vocabulário analógico, e se o desse à luz, seria a mais útil de suas composições... Escreve às vezes uns artigos orquestrados, que impressionam. Os neologismos em que às vezes incide parecem nascer com várias gerações...

Ouvi-o falar, bem duas vezes, uma numa conferência abolicionista, que durou mais de uma hora, outra, poucos minutos. Hoje não me abalo para ouvi-lo: não me agrada a voz. Cultura filosófica parece não possuir. Para ele a filosofia reduz-se à lógica e a lógica à dialética. Sua dialética é feroz. A falta de cultura filosófica pode explicar a sua versatilidade. A princípio, anticristão, anticatólico, talvez agnóstico, virou de bordo, fêz-se **bondieusard** depois da residência forçada na Inglaterra em 93, quando leu Balfour; fêz-se católico, se não praticante, de oratória. Antes de tudo é advogado: adstrito à causa que defende incapaz de ver a outra parte, espôsa com o mesmo ímpeto as hipóteses mais contraditórias. Criou-se na Bahia sob as asas do Dantas dos abraços, e era seu factótum; tem mudado de patrões; hoje é a família que o explora e valoriza... Considerava-se o primeiro dos brasileiros; promoveu-se depois a primeiro dos contemporâneos. Na sua roda íntima e mesmo fora dela, crê-se que é um gênio. Será mesmo? E o velho Capistrano nunca mais falou em Rui Barbosa...

AS TRÊS GRAÇAS — Agora, entrando pela história, vamos encontrá-lo estudando a raça. Em primeiro, O ÍNDIO: «Se examinarmos a influência do meio sobre estes povos naturais, não se afigura a indolência o seu principal característico. Indolente o indígena era sem dúvida, mas também capaz de grandes esforços, podia dar e deu muito de si. O principal efeito dos fatores antropogeográficos foi dispensar a cooperação. Que medidas preventivas se pode tomar contra o calo? A mesma ausência de cooperação, a mesma incapacidade de ação incorporada e inteligente, limitada apenas pela divisão do trabalho, parece terem os indígenas legado aos seus sucessores».

Definido o índio, passa ao PORTUGUÊS... «O português do século XV era fragueiro, abstinente, de imaginação ardente, propenso ao misticismo, caráter independente, não constrangido pela disciplina; o seu falar era livre, a ténpera era rija, o coração duro. Com a rudeza de costumes que assinalam aqueles tempos, cruzes que hoje denotariam a vileza de um caráter perverso, não tinham semelhante significação. A força muscular era tida em grande apreço. Decepar de um boi quase todo o pescoço eram feitos dignos de recordação histórica».

Chegando então a vez do NEGRO... «Os primeiros negros vieram da costa ocidental, e pertencem geralmente ao grupo banto; mais tarde vieram de Moçambique. Sua organização era robusta, sua resistência ao trabalho indicaram-nos para as rudes labutas que o indígena não tolerava. Destinados para a lavoura, penetraram na vida doméstica dos senhores pela ama de leite e pela mucama, e tornaram-se indispensáveis pela sua índole carinhosa. A mestiçagem com o elemento africano, ao contrário da mestiçagem com o americano, era vista com certa aversão. Os mulatos não podiam receber ordens sacras, por exemplo; com o tempo souberam melhorar de posição e impor-se à sociedade.»

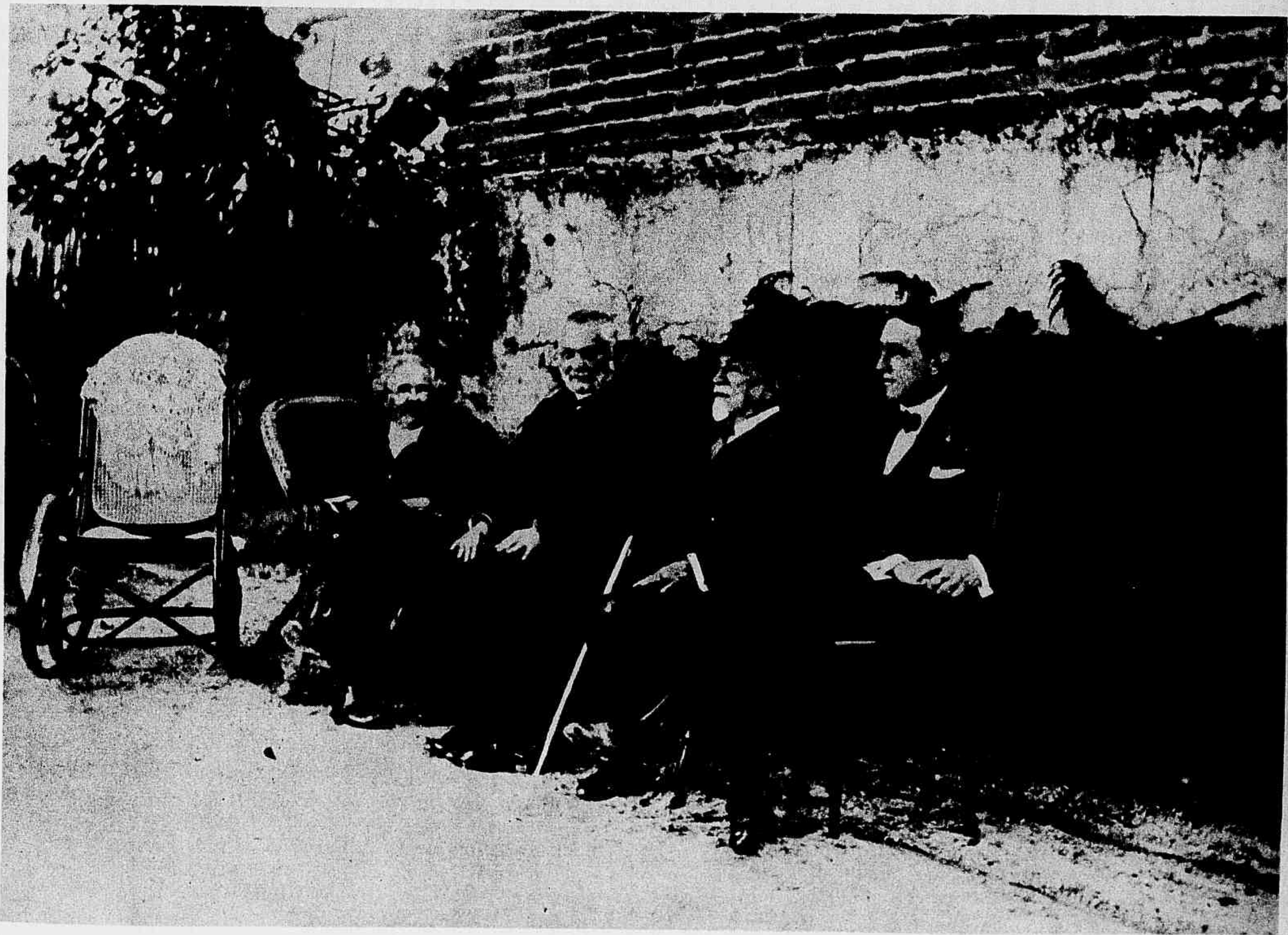
● **BRASIL—1711** — Surge então o retrato irônico mas honesto do povo: «O negro trouxe uma nota alegre ao lado do português taciturno e do índio sorumbático. As suas danças lascivas, toleradas a princípio, tornaram-se instituição nacional; suas feitiçarias e crenças propagaram-se fora das senzalas. As mulatas encontraram apreciadores e foram verdadeiras rainhas. O Brasil é inferno dos negros, purgatório dos brancos, paraíso dos mulatos, resumiu em 1711 o benemérito Antonil...

● **BANDEIRANTES** — Os Bandeirantes ao atacarem uma redução também mereceram de Capistrano a seguinte apreciação: «...No dia de São Francisco Xavier, (1 de dezembro de 1637) estando celebrando a festa com missa e sermão, cento e quarenta paulistas com cento e cinquenta tupis todos muito bem armados, a som de caixa, bandeira tendida e ordem militar, entraram no povoado, e sem aguardar razões, acometeram a igreja, disparando. Pelejaram seis horas, desde as oito da manhã até às duas da tarde. Queimaram a igreja aonde se acolhera a gente. Abriam um postigo e saindo por ele a modo de um rebanho de ovelhas, com espadas, machetes e alfanques lhes derribavam cabeças, truncavam braços, atravessavam corpos. Provavam os aços de seus alfanques em rachar meninos em duas partes...» e comenta o historiador... «Compensará tais horrores a consideração de que por favor dos bandeirantes pertencem agora ao Brasil as terras devastadas?...»

● **TRÊS SÉCULOS DEPOIS** — Termina a obra principal de Capistrano de Abreu, por um parágrafo inspirado da síntese histórica brasileira, no período 1500-1800, que tornou-se proverbial: «Cinco grupos etnográficos, ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular — eis em suma ao que se reduziu a obra de três séculos...»

Nada de ufanismos, mas a busca da verdade pura e simples, doa a quem doer. Percebe assim o leitor que o velho Capistrano era e é inimigo figadal da patriotada e do sempre crescente bacharelismo que anda por aí, glorioso. Graças a Deus, o velho fez escola.

Da esquerda para a direita: Assis Brasil, o velho Capistrano, Domingos Jaguaribe e um desconhecido.



MARLENE

MARCHA SÔBRE PARIS!



NUM SEGUNDO A REALIDADE DE UM SONHO DE
MUITOS ANOS ★ PIAFF DERRUBA FAMOSO EM-
PRESÁRIO FRANCÊS ★ MALAS PRONTAS, ES-
TRÉIA NÃO MARCADA ★ NEM VESTIDO DE BAILE
NEM BAIANA NA REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Reportagem de FERNANDO LOBO

O ENSAIO da televisão começava a acontecer quando Edith Piaff entrou na TV-Rio. Tudo começa assim e tudo pode ser resumido assim: naquele momento Marlene iria mudar completamente o seu destino artístico. Aquela mulher, que só é triste quando canta, sem conversa muito longa, sem propostas incompreensíveis iria apenas perguntar a Caribé da Rocha, quem era a moça que ensaiava e se era possível uma exibição privada, um dia, em qualquer lugar, para ela, Piaff. Foi assim, assim mesmo que começou a marcha de Marlene sôbre Paris.

● HA MUITOS ANOS

Marlene, desde que surgiu no rádio, sempre teve sonhos grandes. Não se deslumbrou com os primeiros dinheiros ganhos a ponto de querer fazer um pé de meia, um vestido por ano, e ser boa moça, de casa própria em lugar distante e vida parada. Sempre teve, isto sim, êste tom boêmio de viver mais à base de ser passarinho, agitada como é, elegante como é, ousada como sempre foi, atirada como jogadora nas paradas grandes, nas jogadas difíceis, nos lances impossíveis. Todos que vivem à sua maneira sempre terminaram vitoriosos. Além do mais, a moça que ontem deixava São Paulo para fazer o

Rio — tem uma estrêla que a acompanha e que pode ser medida à base de quilômetros.

Há muitos anos atrás, Marlene já havia armado o seu sonho de ser nome na Europa. E seguiu. E viu terras que a guerra havia queimado, e sentindo Paris entendeu Paris, como um mundo difícil e exigente. Viu com olhos de turista sabendo bem que não era tempo, pois as coisas não estavam ainda arrumadas nem na França, nem na Itália, nem em nenhum lugar do "mundo velho". Voltou e não mentiu à imprensa, farofando que havia sido um "tiro". Continuou sonhando, mas traçando seus planos. Recentemente teve uma oportunidade, mais ou menos sem importância, de ser atirada num "show", também sem importância, que passou sem ser notado numa noite igual as outras, em Nova Iorque. Foi para ver, ela que tem alma cigana e espírito de vôo. Ver Nova Iorque é ver um mundo! A viagem resultou em algumas propostas que somadas bem seria um começar outra vez, um tentar perigoso, numa terra também difícil. Da sua cabeça e de seu coração não saíam as imagens da Tôrre Eiffel, ou do Arco do Triunfo. Paris era seu alvo e sôbre Paris ela iria marchar!

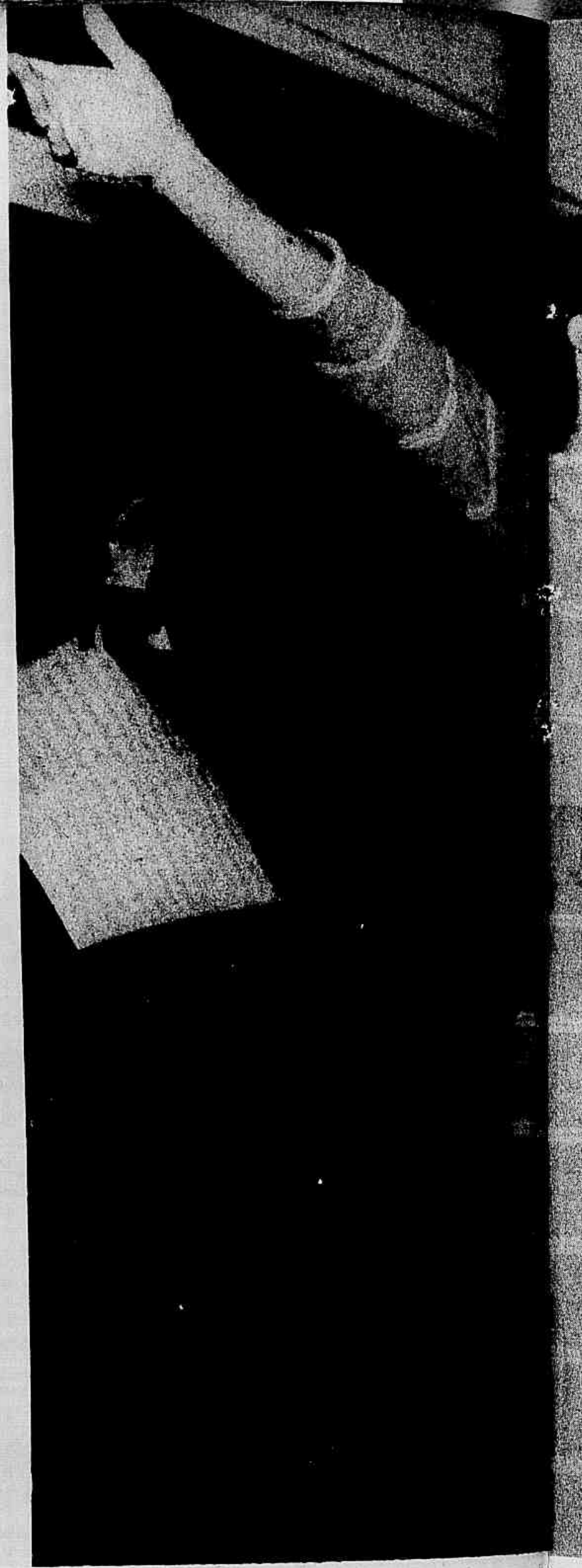
● QUANDO SURGE A REALIDADE E DEPOIS OUTRA

O empresário Lombroso pertence a uma das mais conhecidas agências da França. Esses homens têm faro teleguiado.



Marlene neste momento, teria acabado de assinar contrato com Edith Piaf. A reportagem contou coisas maravilhosas do que pretende fazer com a grande sambista. Disse também que o Brasil é uma das coisas mais belas que já viu e que pensa, seriamente, em um dia vir a morar, definitivamente, no Rio.

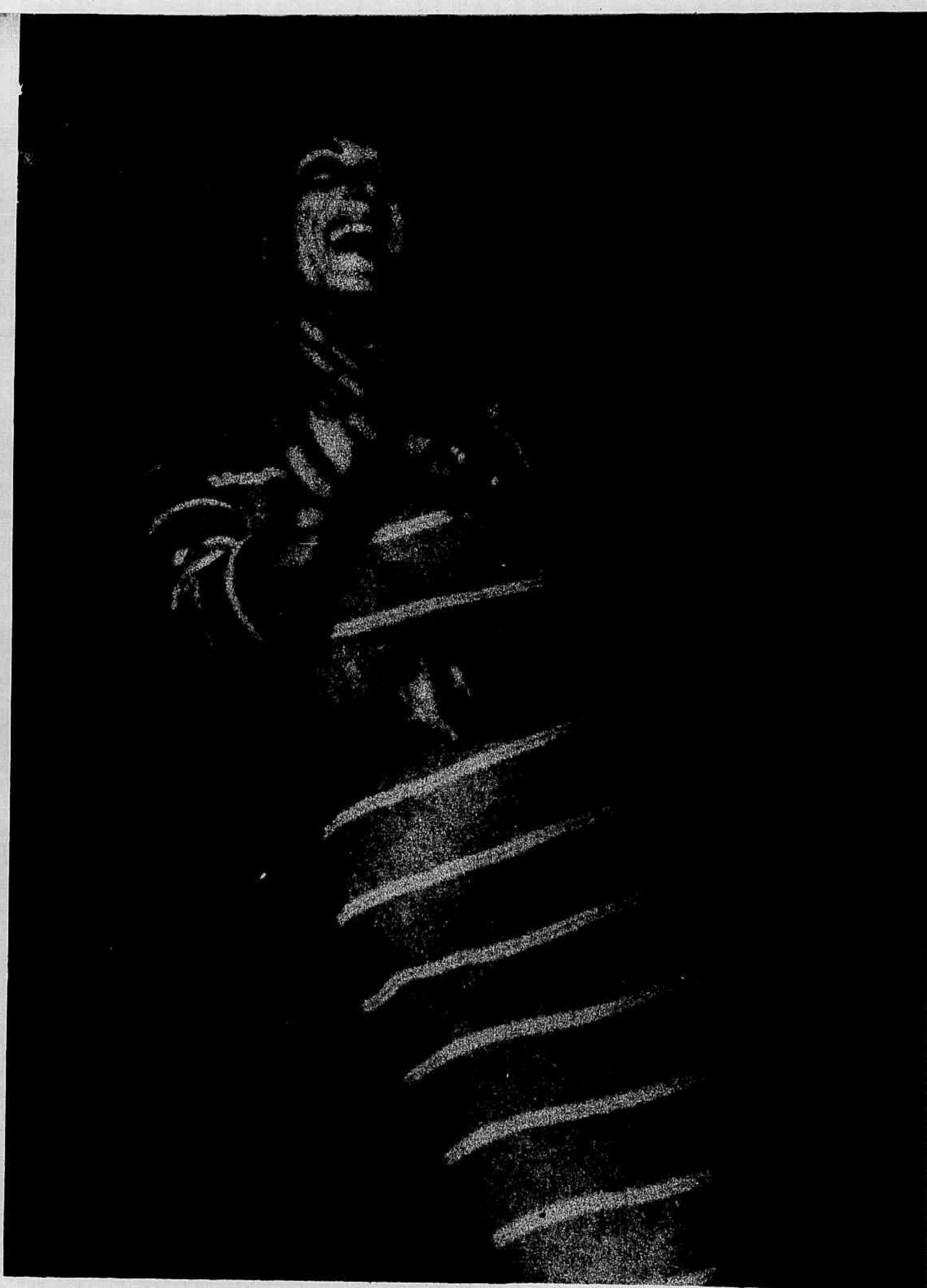
MARLENE



Foi com esse vestido que Edith Piaf viu Marlene no ensaio de televisão no Canal 13. Quando Marlene quis saber se cantaria de balana ou de vestido de baile, a Piaf respondeu: «Não! Com aquele mesmo vestido que a vi pela primeira vez. Talvez se estivesse de balana eu não tivesse prestado atenção ao seu

Sabem do mundo como do prato, sem sair de suas casas. Uma carta e uma proposta chegaram para as mãos da nossa cantora. Dinheiro, dinheiro forte não havia mesmo, traduzido em cruzeiros. A Europa não paga bem e muito menos bem a um nome desconhecido. Marlene seria uma tentativa para o empresário, e uma tentativa maior para a sua vontade. Ela iria pensar. Iria dormir, sonhar, acordar, andar, pensar, roer as unhas, pensando, perguntando só aos amigos, medrosa de divulgar a imprensa. E assim foram suas noites, seus dias,

sem que as suas viagens, seus trabalhos, suas atuações na Rádio Nacional fossem suprimidas. Marlene tinha a cabeça em brasa e lia e relia a estranha carta do homem francês. E finalmente concordou: estrearia no dia 12 de junho em Portugal e no começo de julho no Teatro "Olímpia", onde somente nomes famosos, estão presentes. Naquela mesma tarde, depois de ter enviado a resposta de que aceitaria a proposta do empresário Lombroso, foi que Edith Piaf entrou nos estúdios da TV-Rio e viu Marlene.



talento». A viagem de Marlene está marcada para novembro. Falando à repórter Edith Piaf disse essa frase importantíssima: «Marlene estreará comigo em Paris, em fevereiro. Eu mesmo a levarei ao palco pela mão e direi à minha gente de quem se trata. Farei isso pela primeira vez na minha vida».

● E UMA NOVA HISTÓRIA COMEÇA

Caribé da Rocha trouxe Marlene ao canto e deu o recado em português que em francês lhe havia dado a grande Piaf: "se Marlene poderia dar uma audição, privada, etc. etc. Um novo redemoinho acontece na cabeça de Marlene que escuta da boca da maior cantora de França estas palavras: "nunca empresei nenhum artista e muito menos um artista estrangeiro, mas a minha proposta está feita. São dois anos de contrato para fazer toda a Europa e os Estados Unidos. Tenho certeza

de que não vou perder nenhum franco e sim ganhar muitos. Conheço muito bem quando as pessoas têm talento". E perguntarão depois: e o contrato com o sr. Lombroso, o tal empresário? E nós responderemos como a Piaf respondeu: "deixe ele comigo, esta noite falarei com ele pelo telefone." E falou mesmo. Marlene vai seguir. É a sua grande aventura. É o seu sonho que vai ser realidade. Sucesso? Quem sabe! Fracasso? Quem sabe? A aventura e o jogo são os caminhos mais seguros para as sensações novas e os êxitos maiores. Marlene vai arriscar e nós vamos torcer por ela!

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

GENTE



VAN JAJA escreveu um poema concreto, intitulado «O Hipopótamo». É uma peça satírica, não de adesão ao movimento que tanta celeuma vem causando principalmente entre os escritores e artistas mais moços. — JOEL SILVEIRA, sem dúvida um dos maiores jornalistas do Brasil, de tempos para cá vem dedicando cada vez mais tempo e esforço à Literatura, em detrimento de sua atividade na imprensa. Se temos a lamentar, por um lado, essa atitude, que nos privará mais e mais de um ótimo repórter e articulista, por outro devemos congratular-nos com o autor de «Desaparecimento da

Aurora», escritor correto, dotado de força poética bastante notável, capaz de atingir em futuro próximo, com sua inteligência e vontade, lugar de destaque em nossa Literatura. — FRASE DE Agripino Grieco, o conhecido e mordaz crítico de literatura: «Enquanto a França, em dois mil anos de História, só teve um Condé, o Brasil, em sua breve existência, já possui três: o José, o João e o Elysio...» — DI CAVALCANTI completará, no próximo mês de setembro (a 6) sessenta anos de idade. Escritores e artistas já se movimentam, para comemorar de maneira condigna a data. Di bem o merece. — PEDRO (O Magnífico) CALMON irá mesmo para a Embaixada em Lisboa? E para onde, então, será remetido o senhor Alvaro Lins? Para a Academia Brasileira de Letras?... — BRITO BROCA está virando um «papão» de prêmios literários, graças a «A Vida Literária no Brasil: 1900», editada na Coleção Letras e Artes, do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura (de Simeão Leal). Agora mesmo, lá se foi para as bandas do conhecido ensaísta o «Fábio Prado» de 1957. E diga-se de passagem: Brito Broca, trabalhador e modesto, bem o mereceu. — ADALGISA NERY tem um livro de poemas a ser editado, breve, pelo acima citado Serviço de Documentação do M.E.C. — GEIR CAMPOS foi quem deu a conhecer, ao colunista, a antologia (impressa por Seghers, na Bélgica) «L'ART-POETIQUE», que contém vasta série de manifestos poéticos, de Homero à atualidade. Dentre os poetas brasileiros nela citados, cumpre destacar Drummond e Andrade. Esse é um livro valioso, já encontrado nas boas livrarias do Rio e de São Paulo. — COISAS COM as quais o colunista ainda não se acostumou: livro que já vem com a crítica (talvez escrita pelo próprio autor) dentro das páginas, escritor que envia o retrato pedindo para publicar, «amigo» que solicita crítica condescendente ao «livro de fulaninho»...

DI CAVALCANTI expôs, na Galeria Exclusividades, em Copacabana, uma série de seus mais recentes trabalhos. Particularidade interessante dessa exposição é que o Presidente da República, que na tarde do mesmo dia, 15 de maio, não comparecerá à inauguração do Salão Nacional de Arte Moderna, à noite fez questão de prestigiar a mostra do velho artista, assim reafirmando seu conhecido amor às Artes Plásticas, e, de certo modo, realtando paz com os artistas plásticos, que ficaram algo sentidos com a ausência em questão. A foto mostra Di, ao lado de J. K., em frente a um dos óleos expostos.

O CHAMADO Realismo Social está desaparecendo. Graças a Deus, o Salão Nacional de Arte Moderna já quase não mostra

ARTE

NOTAS

nenhuma peça de demagogia plástico-social, tão de agrado de certos elementos mais interessados na política que na arte.

ALFREDO VOLPI expõe no Museu de Arte Moderna uma extensa série de obras. Esse grande artista, que aos sessenta anos continua buscando, inovando, renovando, incessantemente (pois bem sabe que parar é retroceder), substituiu a mostra de Fulvio Reuter, grande fotógrafo italiano, há tempos encerrada no M.A.M.

AGORA a 25 de junho, em Buenos Aires, será inaugurada a grande exposição de

Artes Plásticas organizada pelo Itamarati, com a assistência do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Quase cem artistas participam da mostra, a mais importante já dedicada às artes brasileiras em país estrangeiro.

EM LAUSANNE, na Suíça, inaugurou-se no dia primeiro uma exposição — «Graphia 57» — que está sendo considerada a maior jamais organizada naquele país. Quinhentos e cinquenta expositores de doze países exibem máquinas gráficas (cerca de trezentos tipos ultra-modernos), numa área imensa, que abrange inúmeros «stands», alguns de 400 metros de comprimento!



LIVROS EM DESFILE

Cotação: * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom

LUIZ CRULS, o engenheiro belga que, chegado ao Brasil no ano de 1874, daqui só sairia para morrer, em 1908, foi encarregado em 1892, pelo Govêno Republicano, de efetuar o reconhecimento do planalto central brasileiro — tarefa de que se desincumbiria maravilhosamente dois anos depois, com a publicação de um hoje famoso Relatório, «Planalto Central do Brasil». É essa obra que a José Olympio acaba de reeditar em sua Coleção «Documentos Brasileiros», com introdução de Gastão Cruls — filho de Luiz Cruls. Realçar a sua importância, principalmente nesse momento, em que a capital do país vai ser transferida para aquela região, é tarefa desnecessária. O livro aí está, em bem cuidada e completa edição. E devem lê-lo quantos se interessarem por assuntos nacionais (José Olympio, Documentos Brasileiros, número 91. Rio de Janeiro, 1957. 3ª Edição. 333 páginas. 26 ilustrações, 3 mapas).

A DIFUSÃO Européia do Livro, prosseguindo em sua vasta série de bons lançamentos de literatura de autores europeus, acaba de publicar a tradução brasileira — feita por Sérgio Milliet, o que por si só garante-lhe a qualidade — de «A Idade da Razão», de Jean-Paul Sartre. Esse livro — o primeiro da tetralogia «Les Chemins de la Liberté», ainda não terminada por Sartre (falta o último volume) — mostra-nos o autor de «O Muro» no pleno domínio de suas qualidades de escritor poderoso e até certo ponto original, e há de agradar, por certo, aos que apreciam o gênero (Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957. 298 páginas. Capa de J. Guillaume).

«REVISTA BRANCA» é a responsável pela tradução para o português de uma das mais conhecidas obras do crítico Van Wick Brooks, assinada por Homero de Castro Jobim: «O Florescimento da Nova Inglaterra». A Nova Inglaterra foi um celeiro de grandes escritores norte-americanos, como Whitman, Thoreau e Poe, para citar apenas essa trindade famosa. Van Wick Brooks descreve-nos o meio em que viveram tais escritores, não tentando subordiná-los a ele inteiramente, mas mostrando até que ponto foram os mesmos produto de sua época, em que se afastaram dela, porque, etc., etc. Bom estudo, em apresentação gráfica bastante convincente (Revista Branca, Rio de Janeiro, 1957. 411 páginas).

O AUTOR de «Poesia Nem Sempre» (que bem poder-se-ia chamar, com mais propriedade, «Poesia Quase Nunca»), Mário Newton Filho volta a publicar um livro de versos: «Ilha Solidão», dessa vez sob a prestigiosa proteção do Clube de Poesia do Brasil, outrora de S. Paulo. Poesia sem grandes originalidades, a de Mário Newton Filho busca, exatamente, reabilitar o lugar-comum. Uma coisa, porém, é tentar essa reabilitação e consegui-la, e tentá-la para resvalar, como acontece a Mário, no mais fundo abismo da banalidade. Outra coisa que nos desagrada, nesse autor, é a sua ostensiva vaidade: pelo menos umas vinte páginas de seu livro são dedicadas à transcrição de elogios aparecidos na imprensa, ou enviados em cartas pelos amigos, a respeito de livros anteriores. Não é com elogios que se constrói uma obra literária: é com bons livros, com livros autênticos, vividos, sofridos (Clube de Poesia do Brasil, 1957. 139 páginas. Cotação: medíocre).

DOIS LIVROS versando praticamente sobre o mesmo assunto: «Aspectos da História da Imprensa», de Fernando da Silva Gomes (Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho, 1956. 31 páginas), e «A Imprensa no Mundo», de Pierre Denoyer (Coleção Saber Atual, Difusão Européia do Livro, S. Paulo, 1957. 130 páginas — Tradução de Raul Lima).

FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS DA LITERATURA

★ A SÉRIE de pequeninos retratos sem relaque de escritores velhos e moços que de tempos para cá estamos publicando, em nossas "Reportagens-mirim", vem causando ao colunista aplausos e ataques, êsses em número superior àqueles. É que ainda não estamos acostumados, no Brasil, a separar a atividade literária da social. Por vèzes, elogia-se, no escritor, o amigo ou o conhecido, já que a crítica sincera, executada num plano impessoal, talvez viesse a feri-lo ou a desgostá-lo. Cria-se assim, com tais contemplações, com essa covardia intelectual, tóda uma lista imensa de falsas celebridades, tóda uma galeria, extensa e incolor, de mediocridades posudas. Com o passar dos anos, até mesmo aos olhos dos mais experimentados tais medalhões acabam por passar por valores legítimos — e a mentira assume foros de axioma. Isso é que vem acontecendo, não é de hoje, em nossas letras. E os resultados aí estão, no paupérrimo de nossa Literatura, onde somente um ou outro autêntico escritor tem de lutar, com desigualdade de recursos, lado a lado com medalhões inexpressivos, dispondo todavia de vasta máquina publicitária, que não lhes regaleia elogios.

Situação melancólica. E diga-se desde já que não só na Literatura faz-se ela sentir: ela está presente em tóda a vida nacional, vemo-la no campo da Política, da Economia, da Administração, por tóda parte, reclamando urgentes providências, a ação corajosa de uma palmaria, os protestos dos independentes e dos corajosos. Porque é preciso gritar contra os tacanhos, reagir às vaidades dos mediocres, dizer-lhes que não podem impunemente enganar o público com sua permuta de elogios baratos.

Escritores matriculados em Ibopes, Ipases, Iapetes, e tantos outros galhos polpudos — de onde distribuem recompensas aos insinceros que os elogiam (um uisque no "Juca's Bar", uma entrevistazinha nos suplementos, só Deus sabe o que mais) — devem sumir dos quadros de nossas letras. Os funcionários públicos da Literatura Brasileira devem cair em compulsória. Fiquem com suas letras burocráticas, arrumem-se bem na vida, resolvam-se financeiramente — mas deixem a Literatura em paz: com essa senhora, eles nada têm que ver. Ociosos e ignorantes, cevem no nada a sua ociosidade e a sua ignorância; venais, vendam-se por um copo de álcool; homúnculos, contentem-se com a própria estatura; cérebros maninhos, portentosas faltas de imaginação, eunucos mentais, continuem em sua mediocridade bem nutrida e feliz. Mas pelo amor de Deus, deixem a Literatura em paz.

REPORTAGEM-MIRIM

VOCAÇÃO DE PIADISTA E OUTROS ASSUNTOS

EM «O SEMANÁRIO» número 59, na página dedicado às «Letras e Artes», certo senhor Leandro José. Quem será: nome ou pseudônimo, seu ou de outrem? O Soldado Desconhecido? Algum cantor de fados em disponibilidade? Ou o Holandês Errante? Quando desperta, ergue-se sobre duas, ou sobre quatro patas? Quem será, Deus meu, Leandro José?) escreve, a respeito do colunista: «José Roberto Teixeira Leite resolveu agora brincar, em sua coluna semanal da «Revista da Semana», de berlinda com escritores velhos e moços. Cada semana escolhe quatro ou cinco dos mais em evidência e procura, então, realçar-lhes os defeitos (?) ou pelo menos aquilo que ao jovem colunista parece qualidade negativa nos escritores focalizados. Seus conceitos são sempre injustos (tirados do nada) mas é inegável que em geral muito engraçados, o que prova que a vocação do jovem Teixeira Leite não é bem de crítico, mas de piadista». Somos gratos ao Desconhecido Escriba por ter revelado de público mais essa vocação irreprimível do «jovem Teixeira Leite». Afinal de contas, os piadistas ganham bem, mais até do que os críticos, êsses outros piadistas que procuram esmiuçar qualidades e defeitos em uma literatura como a brasileira, onde tudo é importado, até o uisque de que se nutrem nossas «celebridades». Mas há, na notinha em questão, muita coisa que remendar. Assim, vamos por partes:

1) Não escolhemos somente escritores dos mais em evidência: qualquer pobre diabo serve. Até do senhor Nataniel Dantas já tratamos, há tempos, não se lembra, Leandro José? E não lhe estamos dedicando, agora mesmo, tão vasto espaço? Já vê que não se trata de evidência...

2) Está bem que ache injusto nossos conceitos: é um direito que lhe cabe. Mas não deve estranhar que eles sejam tirados do nada: afinal, é sabido, filosoficamente, que «do nada, nada vem». Como queria, então, que se pudesse extrair alguma coisa da «obra literária» de escritores como Nataniel Dantas, Saldanha Coelho, Pedro Calmon e semelhantes?

3) Quanto ao retrato (aliás gozadíssimo) em que o colunista aparece de olhos entrecerrados, explica-se: êle estava tentando ler, por dever do ofício, «Memória de Inverno»...

Não nos queira mal, senhor Leandro José (quem será mesmo?): nós não lhe desejamos mal algum. Mesmo porque, nessa coisa tóda, desconfiamos da existência de algum dente de Saldanha Coelho. Ou d'antas, quem sabe?...



Nem tudo, porém, no mundo, é leandro José. E assim sendo, e para não perder mais tempo, vamos passar um rápido olhar em alguns escritores brasileiros dos tais mais em evidência, a ver se tal evidência é ou não merecida, em que se estriba, etc., etc.

ÁLVARO LINS — O atual embaixador do Brasil em Portugal deve ter sido a resultante de alguma brincadeira de mau gosto. Disseram que o homenzinho entendia de Crítica Literária, e záz: êle não se fêz de achado. Mestre da crítica impressionista entre nós, seus rodapés no «Correio da Manhã» chegaram a gozar de grande prestígio, porque no Brasil, infelizmente, por mais tolices que se diga ou escreva, sempre haverá alguém que nelas encontre algo digno de aplauso. Também porque, amigo de todos os criticados, não se cansava em distribuir títulos de «maior romancista» ou de poeta «genial» a torto e a direito. Bafejado pelo govêrno atual (a despeito de em 1945, ter andado de namoricos com a UDN), antes de seguir para Lisboa puseram-no na Academia Brasileira de Letras. Para a sua eleição, imprimiram praticamente tudo quanto escrevera nos últimos vinte anos. Não ficou garatuja ou bobagem, sua, que não merecesse as honras do volume. A Imprensa Oficial alvarolinizou-se totalmente, por semanas a fio. Por fim, êle foi eleito. A posse foi aquêle «papelão» até hoje pouco compreensível. Está em Lisboa, de férias. Mas qualquer dia volta, para tristeza de nossas letras. GILBERTO FREYRE — Há quem considere nosso festejado «mestre de Apipucos», insigne autor de «Casa Grande e Senzala», como um grande sociólogo. Os jovens, todavia, já começam a distinguir mais êsse embuste. Gilberto Freyre (com y,

façam o favor) é um caso todo particular em nossa Cultura: inventaram-no aí por volta de 1922, por causa da tal Semana de Arte Moderna, responsável por muita vigarice. Explica-se o caso: quando os personagens geniais que organizaram a Semana de Arte Moderna repararam que, entre tantos grandes poetas, músicos, romancistas e sabe Deus que mais, que compunham o grupo, ainda não existia nenhum sociólogo, abriram imediatamente as inscrições para o concurso de sociólogo — cargo isolado, vitalício — a se realizar dentro de mais algum tempo. Só encontraram um candidato: o já citado Gilberto Freyre (com y, olhem lá...). Nomearam-no então. E desde essa época mestre Gilberto Freyre é o sociólogo padrão O de nossa cultura. Em verdade, é o maior sociólogo de Apipucos. Talvez... — ÁLVARO MOREYRA — A definição de literatura do senhor Álvaro Moreyra êle mesmo tentou, ao dar o título de «As Amargas, Não» a um de seus mais recentes livros. Para Moreira — que já teve a sua época, lá por volta de 1900, literatura deve continuar sendo o tal «sorriso da sociedade» de que falou Afrânio Peixoto, muito conhecido entre os alunos de Medicina Legal. E' bonzinho, engraçadinho, bem comportado, original em seus amôres pelos burrinhos, gostando, tantas vèzes, de esparramar sua ternura pelos passarinhos, pelas flores, por tanta coisa mais. Fundou há muitos anos «Para Todos», onde ainda hoje escreve, quinzenalmente, uma crônicinha abaixo da crítica. Não duvidamos nada se a qualquer dia dêsses embarafastar pela Academia Brasileira de Letras a dentro. Afinal de contas, para quem gosta de burrinhos, não haverá nada de mais agradável.





APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero —
Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango —
Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em ape-
nas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino For-
naciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já
em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que
permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem pro-
fessor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Pos-
tal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também
à venda em todas as livrarias de Rio e de São Paulo.
O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado
de Aulas Particulares, diariamente, das 8 hs. às 22 hs.
à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 —
São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

DE JUNHO

- UTILIDADE DOS DETRITOS DA INDÚSTRIA ATÔMICA
- ESTÃO FALANDO DE OUTROS PLANETAS
- NÃO HÁ DIFICULDADES COM OS «FILHOS PREMATUROS»!
- COMO FUNCIONA UM DISCO VOADOR?
- QUANTOS GERMES SÃO TROCADOS NUM BEIJO?
- VITÓRIA AMARGA DE ISRAEL — A «OPERAÇÃO KADESH»

PREÇO CR\$10,00

REDAÇÃO — MARANGUAPE 15 — 1º ANDAR

“GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA”

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil pági-
nas, impresso em ótimo papel e sólida-
mente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra
cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

A Princesa Maria Cristina de Savoia Aosta compareceu ao concurso hípico nacional realizado em Roma, na Praça de Senna. A jovem princesa foi vista na companhia da Condessa Matilde Maresca de Serracapiola.



A sra. Carla Gronchi visitou a primeira Exposição Nacional de Tapeçaria de Roma. A Sra. Gronchi mostrou-se vivamente interes-
sada com o que viu

Clark Gable (foto) está rodando com Eleanor Parker em Hollywood, o filme «Um Rei para Três Rainhas». Diz-se que será o seu último filme e que logo que o terminar se retirará na sua fazenda da Califórnia.

e durante toda a visita foi assistida pelo arquiteto Carlo Mercuri.

Robert Strom, um menino de dez anos de idade, superou a prova final do «Deixa ou Gira» americano e ganhou 128 mil dólares.

O Marechal Zukov, alarmado com a ger-
dura que se está di-
fundindo entre os ofi-
ciais do exército so-
viético, ordenou que



Charles Chaplin comprou, por meio milhão de libras, uma casa na Costa Azzurra. Ao chegar ao aeroporto de Cannes proveniente de Genebra, anunciou que, dentro em breve, será pai pela sexta vez. Por outro lado, precisou que a estréia mundial do seu filme «Um Rei em Nova York» será realizada no outono vindouro, em Paris.

todos os membros das forças armadas, desde o simples soldado aos marechais, praticassem uma hora de ginástica por dia.

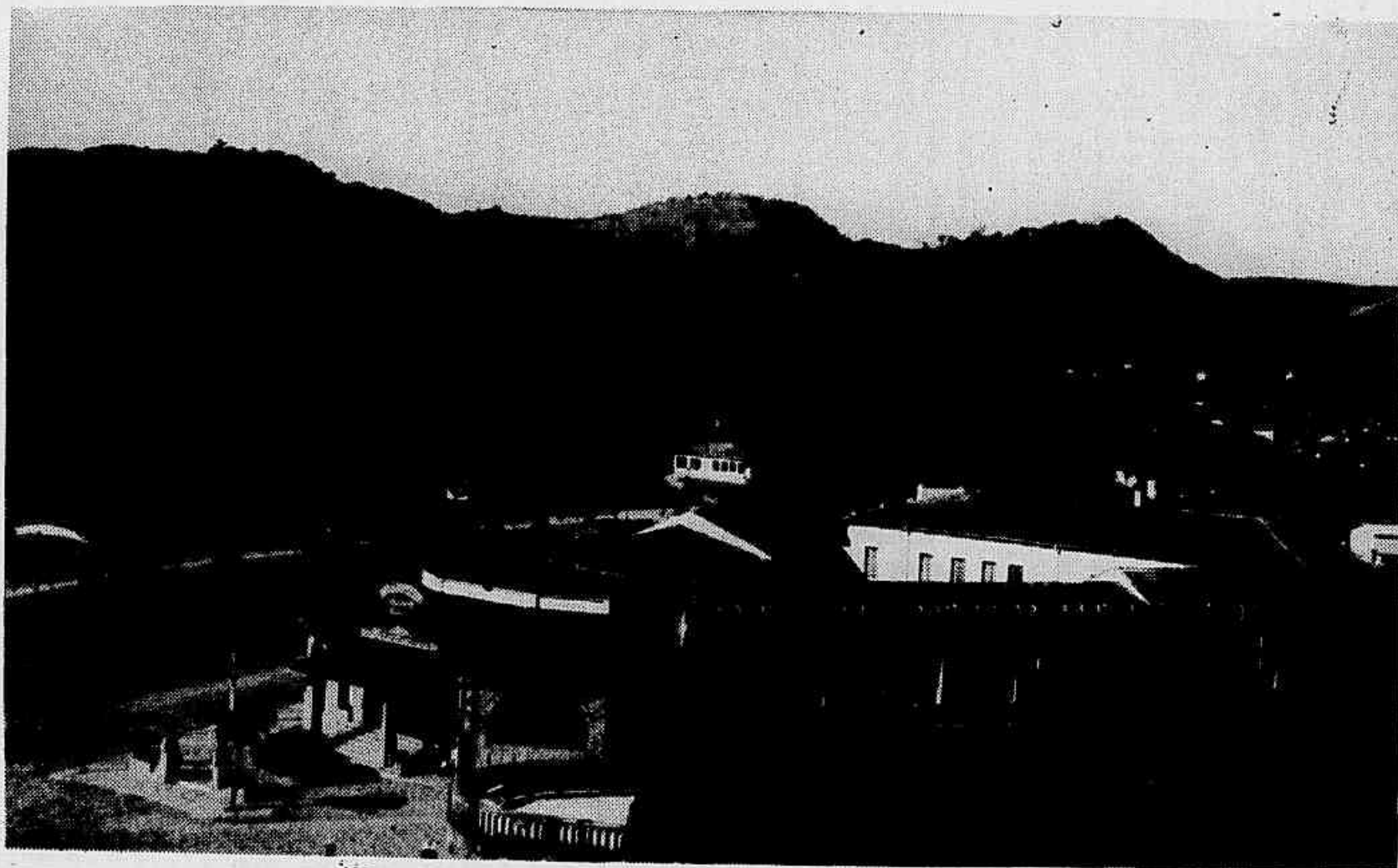
Sadri Khan, segundo filho de Aga Khan, ao retornar à Europa, anunciará o seu noivado com Nita Dyer, ex-espôsa do milionário alemão Von Thysen. Sadri Khan está concluindo os seus estudos na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.



Rossana Rossanigo (foto), a «Miss Fossette» do programa «Deixa ou Gira» realizou com sucesso as provas para o filme «Arrivederci Roma», interpretado por Renato Rascel. Tentará «girar» no mundo do cinema de preferência a continuar vencendo na televisão.

(Cont. na pág. 37)

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

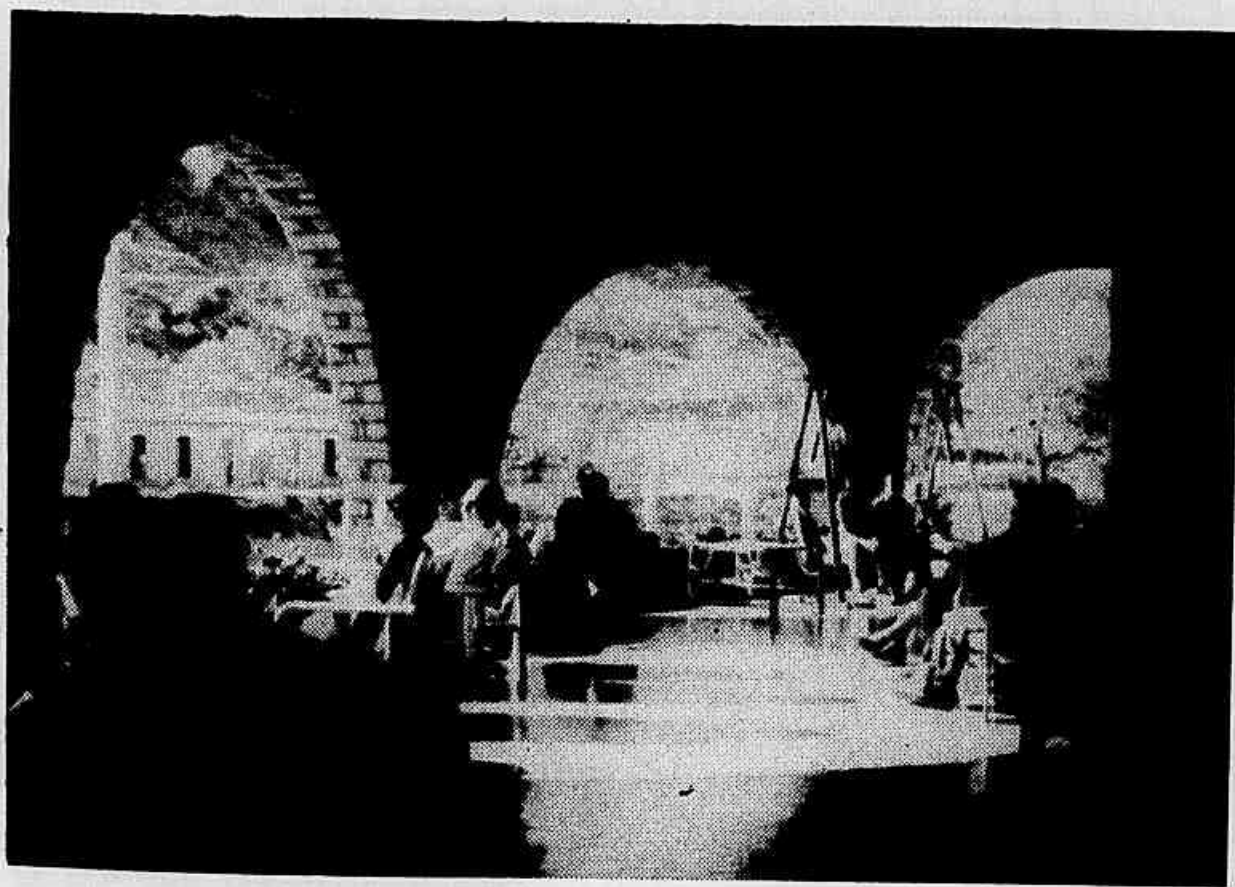
♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num esconcho de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DADIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter», Av. Rio Branco, 57-A, Tel.: 23-5361 e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4. Águas da Prata, Est. S. Paulo. ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

EMILINHA BORBA conta coisas do...



RÁDIO DO PASSADO E RÁDIO DO PRESENTE

**HISTÓRIA RESUMIDÍSSIMA DA CARREIRA DA
CANTORA, (FILHA DA TEMPESTADE) QUE É
A HISTÓRIA DO PRÓPRIO RÁDIO ★ FATOS INÉ-
DITOS ★ CRÍTICAS ★ PASSADO E PRESENTE
"POIS O FUTURO A DEUS PERTENCE"**

Texto de SILVIA DONATO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

❶ Nesta reportagem com a cantora Emilia Savanna Borba Souza Costa, simplificando, com a «Emilinha de vocês», vamos desvendar fatos de sua carreira ainda pouco divulgados, alguns até inéditos. Por favor, leitores, um salto até à rua Visconde de Niterói, número 62, naquele 31 de setembro de 1924. Seu Eugênio não sabendo se agradava os gêmeos que acabavam de nascer ou a sua Edith, companheira de tantos anos. Mas o filho do coronel Borba não podia dar parte de fraco, sorriu ternamente e foi saindo, talvez até pensando no nome que daria àquela menina e àquele menino. Isso ele decidiria depois, quando a sua Edith estivesse mais fortinha.

Anos foram rolando... rolando... os filhos já eram sete, que ele era obrigado a contar nos dedos, para não esquecer nenhum... tinha a «Nininha» (Maria de Lourdes), a «Xezira» (Nena), depois «Dundunga» (Salete), já são três, não é isso mesmo? Agora os gêmeos, «Negrinha» e «Ze Maria» (Emília e José), a «Lolota» (Eli) e para terminar a caçula «Ratinho» (Teresinha), que recebeu esse apelido por viver mastigando, com os dentes para a frente, igualzinho a um ratinho. Gostoso para a criança era o costume da casa, alimentado pelo vovô e o papai. Quando um fazia aniversário natalício, todos os outros recebiam presente e presentes diferentes, porque a turminha era muito unida, não havendo perigo de briga. Quando um usava a bicicleta o outro estava no patinete. O José Maria, apesar de não ser o mais velho, abusava um pouco do fato de ser o único filho homem. Quando as meninas ficaram mocinhas,



Emilinha Borba na sua espetacular residência.



Emilinha cuida com carinho de sua elegância. Nesse setor, sua maior rival é também Marlene.



Emilinha tem paixão pelo filho. Ele comanda tôda sua vida, é a sua preocupação máxima

EMILINHA BORBA conta coisas

com passeios próprios da idade, foi que ele não gostou. Todas as noites havia programa. Hoje era a Nininha que queria ir a um baile, amanhã a Xeriza exigia companhia para a praia, depois era a caçula querendo ir ao parque de diversões e vieram os namoricos, que Zé Maria supervisionava. Vocês já conhecem a família, um pouquinho, mas já é o suficiente para compreenderem melhor a nossa entrevistada. Agora vamos deixar os outros de lado e tratar só dela, a Emilinha Borba.

«TIA CHIQUINHA» — URCA — CARMEM MIRANDA — A carreira artística de Emilinha Borba reflete a história do próprio rádio, seus primórdios. Ninguém começava lá em cima, não senhor! Primeiro eram os programas de calouros, os horários infantis, as apresentações como «cronner» nas orquestras de buates e dancings.

A «Hora do Guri», sob a direção da «Tia Chiquinha» (Sílvia Autuori), foi o bêrço radiofônico de Emilinha, isso por volta de 1936. Depois veio o teste para cantar no cassino da Urca, suprema ventura para as que almejavam o estrelato. Com seus 16 anos ela fôra aprovada para cantar no «show». Faltava-lhe um vestido de baile, vistoso, próprio para a sua apresentação. Nossa entrevistada usará suas próprias palavras para descrever o fato:

— Sem saber onde conseguir um vestido de baile, inclusive o tempo era de horas, não havendo nem mesmo a possibilidade de preparar um, surge alguém que era uma doçura, quase irreal: Carmem Miranda. Chamou-me e fez o oferecimento, «não fique aborrecida, mas se você quiser provar os meus vestidos, pode ficar com o que lhe servir». A menina-moça que eu era não soube como agradecer. Corria o ano de 1939. Meses depois Carmem Miranda foi para os Estados Unidos. O vestido que ela me deu naquele dia, ainda existe, guardado entre as coisas muito amadas, sua lembrança para mim é assim como de uma irmã. Quando a nossa «embaixatriz do samba» ainda vivia, porém nos Estados Unidos, a saudade era tanta, que pedi ao Chocolate e Lourival Faissal para escreverem um samba cheio de bossa, cujo título seria, «Volte, Carmem». Pronta a gravação, enviamos com um abaixo assinado. Mas a querida irmã não voltou...

○ RÁDIO DO PASSADO — Uma chuva de alagar a cidade aparece como responsável pela entrada de Emilinha para o rádio. Estando na cidade, resolvera ir assistir ao programa onde cantava sua irmã, Nena Robledo, hoje casada com o compositor Peterpan, na antiga Rádio Cajuti. Repentinamente a chuva caiu. Grossa, inundativa, com a cidade desaparecendo no aguaceiro. E a Nena que não chegava. Uma emissora não pode parar, um programa não pode ser adiado para mais tarde. Alguém teve a idéia salvadora: a Emilinha também não cantava? Então? Convidada, nem titubeou. Começou ali sua carreira radiofônica, uma das mais brilhantes em toda a história do rádio.

Depois foi a Rádio Nacional, onde permanece até hoje, não só como estrêla de primeira grandeza, como campeã absolutíssima de correspondência desde 1947, dez anos, portanto. Dizer que ela responde uma a uma todas as cartas que recebe, seria faltar com a verdade, pois o tempo seria pouco, mesmo com três secretárias funcionando, para responder a milhares e milhares de cartas.

Emilinha foi candidata ao título de «Rainha do Rádio» em 1949, chegando em terceiro lugar, tendo na sua frente Ademilde Fonseca e Marlene, que sob o patrocínio da Cia. Antártica, foi eleita, com 529.982 votos. Em 1953, só contando com o apoio do povo, tornou a candidatar-se ao título, tendo vitória esmagadora sobre as outras candidatas.

○ O GRANDE PRÊMIO — Volta Emilinha com a palavra: «Hoje em dia, a coisa mais comum é uma jovem candidata a emprego em emissora, já aparecer com o seu disquinho debaixo do braço. Podem os ouvintes não saber de quem se trata, mas a moça já mudou seu nome para a cera. No meu tempo, quando consegui gravar o «pirulito que bate, bate», a coisa era muitíssimo diferente. Uma gravação era o nosso Grande Prêmio», não vinha assim não. Primeiro a fama, para depois deitar na cama. Ainda lembro como se fôsse hoje, da primeira vez que me ouvi, pelo rádio. Estava em casa ajudando mamãe, quando o locutor anunciou-me. Levei um susto tão grande, pensando que ia ser multada, pois não estava na rádio para cantar. Era a primeira rodada do meu disco de estréia. Toda família se movimentou para a compra de uma vitrola. Quando conseguimos, o disco foi ouvido até ficar gasto. Ganhei exatamente vinte mil réis e como fiquei feliz...

Animadíssima, continuou Emilinha: «No meu tempo, a coisa era outra. Não havia patrocinador que desse jeito em cantora ruim, ou a coisa era muito boa mesmo, ou não ia para a frente. Dono de emissora era dono de emissora. Ele escolhia, e como sabiam escolher, ele decidia o destino da gente. As aprovadas, prova que eram mesmo ótimas, aí estão até hoje, cantando e muito. Não vou citar o nome delas, porque posso esquecer alguma e criar inimizades. Outra coisa, dez anos atrás, havia mais amizade, carinho. Hoje, premidas pelo lufá lufá da concorrência, pelas exigências da vida moderna, os artistas só se conhecem



Emilinha tem uma linda coleção de bonecas que exhibe ao repórter com satisfação.

na emissora. Ninguém visita ninguém. O fulano não é convidado para padrinho da filha da sicrana. Em compensação, o dinheiro entra com mais fartura, há mais campo, há campo para todas, boas ou ruins, dependendo sempre do patrocínio, das arrumações. É, o rádio mudou muito... muito.

○ MAMÃE EMILINHA — Contar com detalhes toda carreira de Emilinha Borba, falar de seus títulos, entre eles, os mais expressivos: «Preferida da Marinha» e «Rainha dos Corações», detalhar os milhares de jingles que já gravou, as centenas de discos, enfim, contar da existência de 425 fãs clubes organizados no Brasil inteiro, em sua homenagem, seria um não mais acabar. Só a história dos fãs clubes daria outra reportagem, porque nasceram, de que, como vivem, sua organização, apoio da cantora, iríamos longe, fica para outra reportagem, porque outras virão.

Agora, outro salto. Abril de 1953. Emilinha viaja para o Rio Grande do Sul. Durante uma semana percorreu tudo, de ponta a ponta, até as vilazinhas. Foi numa delas que conheceu uma fã gaúcha, mulher magra, tipo amargurado. Essa mulher lhe fez uma oferta, o próprio filho, que ela queria sair pelo mundo, queria ganhar a vida e não podia. Tinha aquele menino. Emilinha foi ver. Quatro meses tinha o garotinho, sem nome, sem registro. Quando agarrou seu dedo e apertou, selara sua sorte. Em cartório, foi feita a doação. Hoje ele é o garotão que vocês vêem nas fotos que ilustram esta reportagem. É a alegria e esperança de Emília.

Outro pulo, agora para setembro de 1956. Seu casamento com o desportista Artur de Souza Costa Filho, a quem já amava e quanto... Ninguém foi avisado. Os repórteres andaram tonteando por Caxias, enquanto ela casava em um cartório retirado, tendo por padrinhos Eiri Teixeira Pinto (deputado) e Dona Rosa Gonçalves Ribeiro. Tudo muito simples, «como simples são os meus fãs», explica a cantora, «fiz tudo assim porque procuro sempre agradar àqueles que são a história de minha carreira, os fãs. Sei que eles não gostariam de muita pompa. Eles entenderam o meu gesto».

O casal reside em Copacabana, apartamento próprio, com todo conforto. Tem duas domésticas que são tratadas como pessoa da família. O Artur Emília já está se preparando para ir ao Jardim de Infância. Terminando... Emilinha Borba é uma mulher feliz!

O ROTEIRO DO PROGRESSO E A RIQUEZA CONDUZIRA' VOCÊ AO LOTEAMENTO CIDADE **BEIRA-MAR**

POR APENAS

C. \$ 100,00
MENSALIS

V. TERA' SEU TERRENO!

Registrado e escrito no Decreto-Lei 58 sob o nº 1,
fôlhas 1 a 4 no Cartório do 2º Ofício de
Casimiro de Abreu.

Situado na mais linda Praia do Oceano Atlântico.

Cortado pela mais bela Rodovia do Estado do Rio.
A maravilhosa Amaral Peixoto, TODA ASFALTADA.

Onde você pode praticar a coqueluche do mo-
mento, a pesca submarina.

Caça em abundância. Matas, Rios e Florestas.

INFORMAÇÕES E VENDAS

Cia. Brasileira de Melhoramentos, Urbanização e
Planejamentos

Rua Araújo Pôrto Alegre, 56, sobre-loja, g/2
Tel. 32-9933



SEM COMPROMISSO

(Cont. da pág. 28)



Danny Kaye, sem conhecer sequer uma nota de música, dirigiu um concerto pela Orquestra Sinfônica de Boston. Foi um sucesso sem precedentes pela hilaridade que causou, e a renda de quase 10 mil dólares foi revertida em favor dos músicos inválidos.

◆
Françoise Arnoul, Micheline Presle, Jean Marais e Gérard Philipe aterrissaram de helicóptero em Manhattan. Estão realizando uma incursão pu-

Rainer II, de Mônaco (foto) vendeu à Sra. Bacca o iate «Deo Juvante» a bordo do qual fez com Grace a travessia nupcial do Mediterrâneo.



blicitária em favor do cinema francês, e tomarão parte também em doze programas de televisão.

◆
Primo Carnera chegou a Brisbane, Austrália, onde disputará uma série de encontros de luta livre.

◆
Charles Vidor firmou um contrato com David O. Selznik para dirigir o filme «Adeus às armas» no lugar de John Huston, que abandonou a compa-

Monica Amecoafia (foto), de 22 anos, foi eleita «Miss Ghana», por ocasião da conquista da independência do seu país. Ao chegar a Londres recusou-se a revelar aos jornalistas a sua medida. Não aceitou também os convites que lhe fizeram, dizendo que em seu país uma garota só pode aparecer em público ao lado do esposo.



nhia na Itália há algumas semanas.

◆
Dmitri Shostakovitch pediu a substituição dos dirigentes soviéticos que se ocupam das atividades musicais. Protestou contra o mau gosto e a banalidade de certos cantos populares e sustentou a necessidade de sustentar a luta contra os resíduos do culto estalinista que ainda influenciam os compositores soviéticos.

Nives Zegna (foto) será a provável Beatriz de Cenci num filme que está sendo programado. A Miss Itália já realizou diversas experiências teatrais: diz-se que Gassman pretende utilizá-la.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição física lhes permite ser activas, esportistas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espírito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da in experiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e de qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

INSUFICIENCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

“Mil” lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO



FECHADURA
TRAVA DIREÇÃO

MERLI

SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52 - 046 - 22-6144

RIO DE JANEIRO





FLAGRANTE

PAULO GRACINDO VAI FAZER SÃO PAULO

Este ano de 1957 começou para Paulo Gracindo em grande atividade. É que o aplaudido animador traçou planos para expandir o seu programa de auditório que já completou dez anos de existência — o que é um verdadeiro record. A Nacional concedeu a Paulo Gracindo mais uma hora, além das que ele já usava aos domingos. Em seguida, propostas vieram de outros pontos do país, para que ele levasse o seu programa em apresentações semanais. Depois de vários estudos Paulo resolveu fazer Belo Horizonte, onde alcançou um sucesso sem precedentes. Agora é São Paulo que o quer. É a «Rádio Record» que o chama. E a esta altura Paulinho de Carvalho já deve ter firmado o enorme contrato que Paulo Gracindo exigiu para apresentar na capital bandeirante um espetáculo de uma hora, na televisão e no rádio, ao mesmo tempo. O plano é qualquer coisa de novo em matéria de arte, bom gosto e equilíbrio. Aqui está ele ao lado de uma das suas estrelas: Ângela Maria. Também com ele nesta jornada semanal à Paulicéia deverão estar presentes: Emilinha Borba, Cauby Peixoto, Marlene, Heleninha Costa, Neusa Maria, Jorge Goulart, Nora Ney e muitos e muitos outros cartazes altos.

EM MATÉRIA DE DISCOS

- ★ A "Columbia" solta na praça o seu suplemento onde destacamos êstes nacionais:
- ★ "A CHUVA CAI (Irany de Oliveira) Alcides Gerardi.
- ★ "Assustado" (Gilvan Chaves) Gilvan Chaves.
- ★ "FIESTA" — (Samuels-Whitcup) Poly e Seu Conjunto.



CARLOS NOBRE tem na praça a sua última gravação. Trata-se de um disco da «Todamerica» e que tem numa face o samba canção «Não», de A. Mendonça e na outra o bolero: «Viverá Sempre Só», de Raimundo Olavo e A. Chaves.

INTERNACIONAIS

- ★ "A PERFECT LOVE" e "ON THE LONDON BRIDGE" — Jo Stafford.
- ★ "UNWANTED HEART" e "MIRACLE OF LOVE" — Eileen Rodgers com Ray Conniff.
- ★ "ON THE STREET WHERE YOU LIVE" e "WE ALL NEED LOVE" — Vic Damone.
- ★ "Valley Valparaiso" e "We ALL NEED LOVE" — Percy Faith.

NOTÍCIAS

★ A "Odeon" lançará no mercado as "Aventuras de Robbin Hood". Já tivemos oportunidade de ouvir a prova e podemos afirmar que a adaptação ao filme de Walt Disney está sensacional. A garotada vai ficar entusiasmada com as brigas de Robbin Hood, que a esta altura já deve estar à venda. A parte musical é de Léo Perachi e a narração de Aloisio de Oliveira.

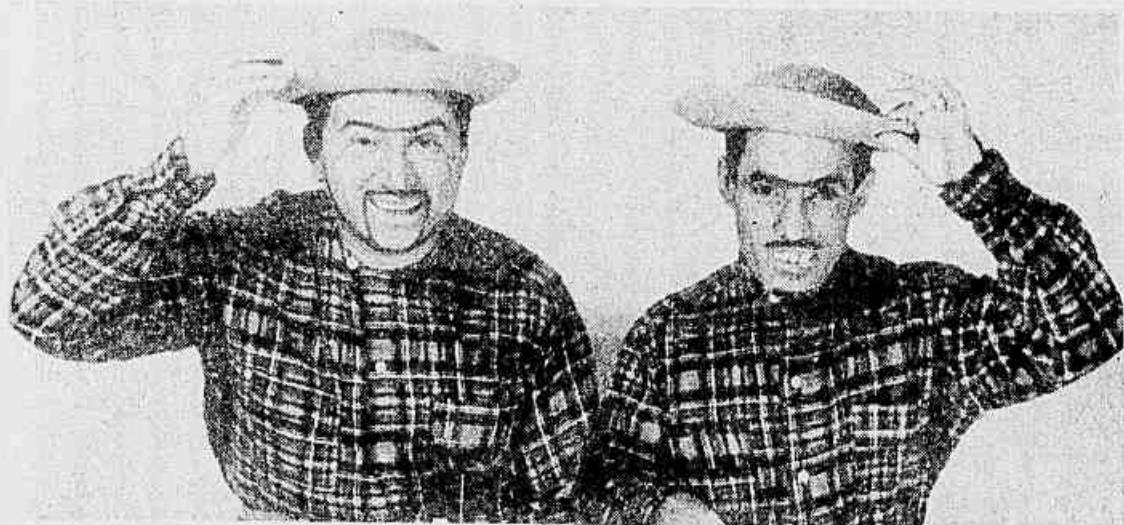
A "Columbia" nos dá as gravações veixadas por Silvio Caldas antes de embarcar para Suez. São elas: "Canção para Mamã", "Pôrto dos Casais", "Feitiço da Vila", e "Ave Maria". (Todos em 45 rts).

CRÔNICA

VAMOS COM CALMA!

O mundo está ficando curtinho. Os aviões, todos os dias, estão se encarregando de torná-lo cada vez mais minguado. E nós, já não fazemos roda para ouvir quem vem da China ou do Japão, muito menos de Paris ou Nova York. Quando o compositor e desenhista Nássara foi aos Estados Unidos, isso por volta de 1940, na sua volta havia gente grossa para recebê-lo. À noite, no Café Nice, houve enchente de amigos e conhecidos para que o homem contasse o que vira, o que provara, o que achara. Muito antes, Carmem Miranda e o «Bando da Lua» já deslumbravam o nosso meio artístico indo com frequência a Buenos Aires. Um «alô, macacada», chocou muito os nossos brios verde-amarelos, em melhores tons naqueles tempos que nesses de agora. E por dizer «agora», é, neste presente que um punhado de nomes da nossa música tem pisado terras outras. Foi ainda ontem que Stelinha Egg e o maestro Gaia, passaram por tôdas as cortinas de veludo ou de ferro e viram o mundo asiático. Ele a esta hora está aqui jogando xadrez no clube sem que ninguém queira arrancar os botões de sua camisa ou fazê-lo em cuecas, como tem acontecido freqüentemente com o cantor Cauby Peixoto. Cláudio Santoro escreve hoje para Guilherme Figueiredo dizendo que assistiu à «Rapôsa e as Uvas», em Leningrado! Ninguém se emociona ou toma porre por isso. E é um triste sinal, êsse de ausência de alegrias, por causas que ainda ontem eram de fechar o comércio. Sim, fechar o comércio à base do feriado, como o foi em Recife, na chegada do Jaú, do Zeppelin, de Ramon Navarro, aqui no Rio. Quem está derrubando êste mundo são os aviões. Para ver terras não deve haver pressa e o que é bom é velejar cachimbando e sendo sacudido pelas ondas amigas. O mundo assim era maior e seus encantos mais difíceis, seriam mistérios. Agora mesmo Caymmi está em Lisboa e nem manda dizer nada a ninguém pois todo mundo sabe como Lisboa e Paris são. Dóris Monteiro foi, vai voltar e se os jornais a que está prêsa não dessem seu mimoso retratinho, não saberíamos de nada. Piaff está no Rio, está em São Paulo, de volta levará Marlene para uma temporada de dois anos em terras de Europa. Silvio Caldas lavou os pés nas águas perigosas do canal de Suez e baterá asas para a Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra, até que acontecerá na Bahia ou em Santos, sem que aconteça muita coisa em volta da sua conversa. É que o tempo também encurtou, como o avião encurtando o espaço e, nessa vida de sacudidelas e velocidades absurdas só o disco L.P. foi que resolveu andar mais devagar e assim, ganhou melhor qualidade. Vamos com calma, como diria Reinaldo Dias Leme — o mesmo Reinaldo que mora em Nova York — que ainda ontem almoçou ali com Rubem Braga, que hoje, se fizer sol, estará lá pras bandas de Cabo Frio.

QUATRO GRUPOS SÃO NOTÍCIAS



A conhecida dupla caipira do rádio carioca — Alvarenga e Ranchinho — seguirá este mês para Portugal. Tem contrato para atuações no «Teatro Monumental», em Lisboa. Até lá continuarão atuando na Tupi todos os domingos às 21 horas.



Quatro cartazes da Nacional numa hora de descanso. Carmélia Alves — que hoje está em Portugal, Nora Ney fazendo Rio-São Paulo, Dolores Duran cantando cada vez mais legal e finalmente Jorge Goulart. Todos da Nacional.



O produtor José Mauro acaba de lançar mais um novo programa na Tupi. (Quintas-feiras — 21 horas). O título do programa: «Samba, Muito Samba». Na foto, participantes do programa: Fernando José, José Viana, maestro Cipó e José Mauro que fez uma nova Tamoio.



O assunto em São Paulo é Maysa Matarazzo e os compositores cariocas já voaram daqui ao seu encontro. Na foto, Henrique Simonette, Maysa, Jacques Netter, Fernando César, Nazareno de Brito e Agostinho dos Santos.

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES



Aqui estão dois autênticos cartazes da «Record» trazendo os prêmios «Roquete Pinto» ganhos ultimamente. Ela é Virgínia de Moraes, que foi considerada a «melhor locutora» e ele, o nosso velho conhecido Pedro Luís, seguro, sereno e autêntico locutor esportivo, eleito também o melhor.



Aqui estão Jorge Magalhães, uma das mais belas vozes da «Record» (locutor) e ela, a moça bonita Lucy Reis, que emocionada recebeu o importante troféu que teve direito como a melhor apresentadora de programas. Assim é que anda a «Record», marcando pontos altos, porque tem programas de bom nível.

CARTAZES PAULISTAS RECEBEM TODOS OS ANOS O PRÊMIO ''ROQUETE PINTO''

Quem trabalha na «Record» passa a ter um novo sistema de trabalhar. É que, num lance, o novato se incorpora à grande família que ali existe e passa a ser, não uma figura apontada a toda hora como o «maior» nem muito menos ali se encontra clima para botar a chamada «banca». O que há é um espírito de coleguismo, uma «bossa» de fazer tudo junto, sem que ninguém deixe o buraco aberto somente porque não foi mandado fazer. É por isso, sem dúvida, que a «Record» desde o dia em que nasceu, até hoje, tem sido a emissora mais popular e mais querida dos paulistas. Dentro dela existe uma Isaurinha Garcia que já nem sabe contar nos dedos os anos de seu contrato, sempre renovado. Eternamente seduzida pelo Rio, muitas vezes balançou o corpo para uma mudança, mas a sua «Record» a prendia, sem querer. Aracy de Almeida, que tem sempre um toque de exigência no que faz como trabalho; achou a emissora, aquela, um bom lugar para se faturar dinheiro, entre trabalho e ternura. É que Paulinho de Carvalho faz da sua cara uma cara alegre, e não aquela que costumam mostrar os chamados patrões exigentes. E assim a «Record» vai indo muito bem e a rapaziada que nela trabalha faturando e marchando sem atropelos. Todos os anos institui-se em São Paulo o Prêmio «Roquete Pinto», conferido aos «melhores» do ano. Os de «Record» são fregueses daquele «troféu». É sobre alguns deles que queremos falar.

RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

Sempre às suas ordens!

NEGRA AGUAS DA PRATA BELO HORIZONTE

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

JUNDIAÍ

CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

BELO HORIZONTE

Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395 | Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912 | Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

TRAJETÓRIA EVOLUTIVA

3 «É um livro destinado a atrair a atenção do leitor para o conhecimento de si próprio e de seu papel no Universo. Nos dois capítulos iniciais é feito um estudo rápido sobre a matéria e a energia, tal como não-las apresentam cientistas e filósofos. As noções científicas utilizadas estão expostas de caráter bastante elementar de modo a poderem ser apreendidas facilmente. Uma vez estudadas matéria e energia, como elas se nos apresentam apoiadas nos cálculos físicos e químicos, solicita, insistentemente, o nosso raciocínio, a existência de um outro princípio, que não o princípio matéria e energia, para, em conjunto ambos, transformarem a complicada heterogeneidade de funções de nosso corpo, na perfeita homogeneidade fisiológica com que elas maravilhosamente surgem ante as minuciosas pesquisas dos cientistas. Afirmam, entretanto, em geral, os fisiologistas, que as manifestações de vida, e mesmo de inteligência, nada mais são que propriedades da matéria, embora concordem que a matéria componente do corpo humano é exatamente a mesma matéria inanimada conhecida.

3 Mas a verdade é que devem eles próprios, os fisiologistas, sentir-se hesitantes e confusos ao afirmarem serem os movimentos executados pelo homem, o equilíbrio e o funcionamento de seu complexo corpo, as vibrações da matéria cerebral nada mais que propriedades da matéria».

Nota — TRAJETÓRIA EVOLUTIVA — pelo Cap. Aviador Felino Alves de Jesus, estudando cientificamente as relações existentes entre o homem e o Universo, de acordo com os princípios Força e Matéria — 2ª edição aumentada, Cr\$ 20,00. Cada volume, pelo Correio custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119 — Rio de Janeiro.

GRANDE FOCO

DEUSES E RELIGIÕES

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»

◆ Este capítulo se destina, especialmente, àqueles que desejam quebrar as algemas do sectarismo, para poderem dar liberdade às suas almas, desejosas de alçar a regiões que o materialismo religioso não pode alcançar.

É perfeitamente compreensível que o índio das selvas ou o negro das matas africanas não possam ter uma concepção da espiritualidade que vá além daquela mística de adoração, ao fogo, ao raio, ao sol, por lhes faltarem bases de raciocínio, que os demovam daquela perplexidade adoratória aquilo que, para eles, constitui um mistério insondável. Nestas condições é que aparece a primeira idéia de deus, inaceitável para os mais civilizados, mas real para aqueles seres primitivos.

A Lei da evolução não falha. A evolução do espírito se processa através de inúmeras encarnações, e é só por meio delas que o raciocínio vai se desenvolvendo, pelo caminho da espiritualidade, à luz da qual o misticismo perde a sua forma, a sua significação, para dar lugar, somente, aquilo que o bom-senso e a lógica admitem como verdadeiro, com fundamento nas lições aprendidas no livro da Vida.

O espírito assim que principia a raciocinar, na primeira fase da sua encarnação, em forma humana, reconhece a existência de uma inteligência que não sabe definir, mas que pode sentir e observar. Porém, o estado de ignorância em que se encontra, devido à inferioridade normal das suas condições humanas, explica, perfeitamente, a sua inclinação adorativa.

Assim, a tendência para a adoração revela um estado de relativa inconsciência do espírito. O modo de adorar e o objeto adorado variam à medida que a consciência vai despertando para a Vida, até que atinge a condição de poder repelir o senso de adoração, pelo que de nulo ele significa, em face de maiores conhecimentos espirituais adquiridos.

A adoração resulta do temor. Ela encobre um sentimento de medo. Medo de castigos, medo do inferno, medo do que lhe possa suceder, a ele adorador, na vida de encarnado ou de desencarnado. Adora-se para mendigar favores e proteção. A adoração, pois, acusa uma condição de inferioridade espiritual.

Verifica-se que, a manifestação inicial do anseio de adorar, ocorre na encarnação do homem selvagem, e se prolonga, de encarnação em encarnação, até às classes ditas civilizadas, em que a adoração obedece aos moldes de um sistema preparado para satisfazer às condições sociais do meio.

A religião é sempre um aparato destinado a incentivar a adoração. Os grupos afins se reúnem para adorar de um certo modo, um certo deus. Assim, cada povo, cada raça, cria a imagem mental de um deus à semelhança dos seus adeptos. Depois, estes adeptos, invertendo a realidade do fato, dizem que eles é que são a imagem daquele deus por eles mesmos criado. O que a mente imperfeita cria só pode ser imperfeito como ela mesma, e os encarnados são todos imperfeitos. Essa imagem mental que os religiosos fazem é de um deus corpóreo, de forma humana, com os mesmos defeitos espirituais que eles possuem, porque ele representa a imagem dos seus próprios sentimentos, muito embora proclamem eles a sua perfeição.

O deus corpóreo está reafirmado em todos os conceitos das religiões, sendo que, nas ocidentais, ele está bem caracterizado no próprio «credo», que é a oração fundamental dessas religiões: nesse «credo» há a afirmativa de que o filho de deus está «assentado» ao lado direito do deus pai, para julgamento dos seres, como se se descrevesse um quadro da vida material comum. (Continua no próximo número).

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



Lila é realmente muito bonita. Casada com José Carlos Dolabela, portanto cunhada das "suspenses" Vera e Heloiza.

LILA DOLABELA:

Uma das mulheres mais bonitas do Brasil ▶



Lalice Maluf, de São Paulo, esteve no Rio por dois dias, e fez rápida «decolagem». Não ficaram atônitos. A fascinante Lalice continua sem «date».

GOSSIPS

A fascinante Lalice Maluf, de São Paulo, esteve por dois dias no Rio, fazendo rápida decolagem de volta. Não ficaram atônitos: a Lalice continua sem «date».

O jovem casal Carlos Augusto Moreira, recentemente casado nos «States», está novamente frequentando a «soirée» carioca.

★

A diferente Bi Crisóstomo de Oliveira (de São Paulo) atualmente morando em Roma, ainda não iniciou nenhum romance italiano. Está demorando, Bi!

★

Rumores de que Vanja Orico está sendo esperada no Rio para casar-se. Não estou acreditando!

★

Confidencialmente: parece sério o novo romance de Ildinha Garavaglia. Trata-se do galante milionário Fernando Pessoa de Queiroz.

★

Comentava-se no «society» o desquite do jovem casal Guilherme Kos.

★

Baby Thomas informa de São Paulo que Raul Guastini, diretor da Televisão Vítor Costa, está mais uma vez de casamento marcado. Boa sorte, Guastini.

★

Loura e sensacional, Marlene França Lopes está fazendo grande sucesso entre as jovens que mais transitam no Country. Seu tipo de beleza «mignon» é realmente «suspense». Quanto ao seu atual «date», depois eu revelarei o nome. Não é, Marlene?

★

Depois de seriamente rompidos, reataram. Ele é desquitado; ela (solteira) bonita e morena. O amor acontece assim.

★

Maurício Duque (de São Paulo) esteve no Rio e seu «date» foi uma loura que transita muito pela piscina do Glória. Quem é ela?

Baby Thomas, pelo interurbano, informa: ...que a notícia dada de «preview» por este colunista, de que a senhora Lúcia Scarpa Comenale, do «society», vai tentar pela segunda vez a felicidade matrimonial, é verdadeira, e que, aliás, teve grande repercussão... Quem é ele?

★

Parece que o curto romance de determinada senhorita (iniciais G. M. C.) com uma figura muito em evidência, está em fase de liquidação. Será?

★

Ela passou a figurar na PRATELEIRA.



Há bem poucos dias anunciei de «preview» para vocês, o desquite da paulista Lúcia Scarpa Comenale (ex-Procópio de Carvalho). Agora notícia que Lúcia ainda este ano vai tentar a felicidade matrimonial. «Gossips são gossips». E daí?



SOCIAL SET

"CLOSE-UP" COM LILA DOLABELA

Trata-se de uma beleza loura realmente "suspense". Nascida paulista e casada com carioca, seu espôso, José Carlos Dolabela é irmão das famosas Dolabela: Helô e Verinha, que comandam o jovem "High-Society". Como a fascinante Helô Amado, é admiradora do deputado Carlos Lacerda. Também participa do mesmo grupo de sua amiga Helô, freqüentando muito o Country, o clube mais fechado do Brasil; e às noites de sexta-feira costuma ir ao Sacha's, porque, como acontece em toda capital famosa do mundo, essas noites são as mais "café-society".

Lila tem três filhas a quem dedica grande parte de seu tempo, formando com José Carlos um par realmente feliz. Ela tem toneladas de beleza.

- NEWS - WEEK -

Pela primeira vez vou focalizar nesta coluna a figura fascinante de Maria de Lourdes Monteiro que, sistematicamente, é minha candidata a «Miss Brasil». Na minha última correspondência que abri, vários leitores escrevem perguntando se Maria de Lourdes tem ou não altura para representar o Brasil na próxima parada de beleza em Long Beach. Com as informações que colhi junto à própria Maria de Lourdes, informo que realmente ela possui, e até mais do que é exigido no concurso. Pois essa beldade loura tem de altura 1,65m; e o exigido num concurso internacional dessa natureza é 1,60m. Para melhor esclarecer, informo também que a francesa Cristina Martel, quando foi eleita «Miss

Maria de Lourdes Monteiro, a beldade mais «suspense» do Brasil é a candidata desse cronista ao título de «Miss Brasil».



Universo» media 1,64m. A beleza realmente «suspense» de Maria de Lourdes deve ser «Miss Brasil»!

★

Já no Rio o casal Ricardo Jafet, que regressou de Paris, depois de uma temporada de mais de dois meses. Nelly, está mais bonita e mais elegante.

★

Na «soirée» do dia 31, todo o «society» de Juiz de Fora se movimentou para participar da festa em que foi escolhida a «Glamour Girl» de 1957. Oportunamente darei o nome da vencedora.

★

Em um clube noturno na cidade de Recife, o irrequeto jovem Fabiano Veras, comemorou sua «mudança-de-idade» com a presença do jovem «High-Society» local.

★

O «society» carioca se movimenta com a visita do Presidente de Portugal, Craveiro Lopes.

★

O jornalista mineiro Sérulo Tavares voltou a escrever sua coluna no vespertino «A Noite», batizada de «Fôlha Corrida».

★

Muito comentado o «Close-Up» que apresentei nesta coluna, da bela e fascinante Helôisa Amado.

★

Arnaldo e Heleninha Brenha estiveram passando mais um «week-end» no Rio. A beleza e elegância de Heleninha está realmente «suspense».

★

Vou dar uma rápida «decolada» até São Paulo.

★

Até a próxima. O Gélot continua na pista.



Esta foto foi batida há quase um ano atrás, na recepção do casamento de Carmem e Tônia Mayrink Veiga, em S. Paulo. Jeff Thomas aparece com os noivos. A bela Carmem espera para breve a visita da cegonha.



A MOÇA DA SEMANA

● Núcia Miranda que, após longa ausência e muitas ameaças de retorno, está novamente no teatro da madrugada, integrando elenco da "boite" Night and Day.

CRÔNICA

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE

□ De saída, há que se compreender o estado d'alma da moça. Há que se vasculhar cuidadosamente a sua inquietude. Já se disse alhures que somente Mister Eco é capaz de ouvir e de entender estrêlas... Vêm daí algumas augustas considerações sobre o suicídio da moça bonita, vedetas, vedetinhas e inefáveis canastronas, tôdas, quando postas em desespero, lançando mão dos mais diversos barbitúricos para o término de existências tão graciosas e fulgurantes à luz das ribaltas. Há, pois, que se compreender. O Augusto Mister está vendo o riso de descrença das eternas invejosas, quando uma dessas destemerosas candidatas à sublimação do Além — sabe-se lá, sabe-se lá! — aparece nos jornais, rosto abatido, envolta em lençóis e a declaração do costume: «Estou arrependida, mas ele foi muito ingrato...» E' a maldade humana na sua forma mais cruel. E' a falta de respeito pelos sentimentos alheios, tratando-se de coisa tão séria, qual seja a tentativa frustrada de uma transferência sôfregamente solicitada desta para a melhor. Ela queria publicidade — dizem os céticos, os desalmados. Moça artista, porém, não se transfere assim tão prosaicamente com uma talagada de formicida qualquer. E' eficiente — não duvideis! — mas também é vulgar e suburbano, muito do âmbito da copa e da cozinha, salvo seja. Moça de teatro que se preza há-de preferir sempre algumas dezenas de comprimidos sedativos. Há pouco tempo — é verdade — houve um caso de banho de mar reconfortador após uma noite alegre. O emprêgo dos barbitúricos, entretanto, está provado pelas estatísticas ter a grande vantagem de a suicida dormir lentamente, ela que, em geral, está sempre com o sono atrasado. E — o que é de suma importância — não lhe altera muito a beleza, cujo rosto, se estiver maquiado, ainda será de maior efeito. Dorme sono grande, profundo, que é bastante «bem» quando os circunstantes a socorrerem e chamarem a ambulância, na qual existe sempre um estudante de medicina com ares de galã enfasiado, pronto a aplicar-lhe a lavagem estomacal e as injeções desintoxicantes de estilo. Dormirá muito, longe de tudo e de todos, embora telefonemas perguntem ao enfermeiro como ela está passando e se já está fora de perigo. Está, sim. Está e talvez receba até braçadas de rosas, que moça bonita não deve morrer tão bonita assim. As rosas estão ali com todos os seus espinhos e nem por isso deixam de ser belas. Há sempre um magnata compreensivo que entende dessas coisas... O que é bom, porém, é saber-se que suicídio de vedeta tem sempre ressurreição. Novo despertar, vida nova, sono perfeitamente em dia para futuras noites e a libertação daquela pêso cruciante que lhe esmagava a alma inquieta. Sem aquela estranha e desagradável sensação de vácuo, de angústia, de gastura, de fome sem ter apetite, de não-sei-que, produzida pela dor indefinível localizada ali onde o braço faz escanteio. E que é — sabeis! — muitíssimo chata...

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

★ A «boite» Fiesta parece, finalmente, ter encontrado o seu destino. Tanto tempo negaceou e agora tudo leva a crer ter resolvido formar ao lado do Metrô, do Bidou e de outras casas de baixa frequência. O «maitre» Costa e seus garçons já bateram retirada.

Quando se pensava que a bailarina e coreógrafa Blanche Mur

estaria integrada no elenco da futura companhia de Válder Pinto, eis que o contrato é assinado com o produtor Carlos Machado. Diz-se que a bailarina assim preferiu pela promessa de também seguir com o «show» que vai (vai mesmo?) para Miami.

Não é novidade: a «boite» Pôsto Seis fechou, o Clube do Cinema

abriu. Ninguém duvide se amanhã acontecer o contrário.

Muita gente não entendeu ainda o entusiasmo de Edith Piaff pela cantora Marlene, a ponto de se fazer sua empresária para uma «tournée» na França. Nem Mister Eco tampouco...

Anunciada a presença de Colette Marchand à frente do ballet «Etoiles de Paris», no Teatro Municipal, em julho. Colette Marchand ganhou o «slogan» de «as mais belas pernas do mundo» em concurso que, ainda que incrível, não foi organizado pelo relações-públicas Braga Filho...

A entrevista «pão, pão — queijo, queijo», na página ao lado, foi conseguida pelo telefone 11, de Caxias, em cuja delegacia se en-

contrava o entrevistado, cronista do «Shopping News», passando o fim-de-semana...

Os artistas do sr. Ferreira da Silva, em São Paulo, assumiram a direção da companhia, inundaram a praça de «felipetas» e agora esperam os resultados. Há esperanças de que, pelo menos, defendam os salários.

Quem disser que os bailarinos Mata and Hari e a cantora Maria Helena Raposo fizeram sucesso no Copa, positivamente não sabe de nada. A cantora, então, foi atirada às feras...

Todos os frequentadores das vesperais diárias da «boite» Night and Day comparecem munidos de pastas. Sai-se um pouquinho mais cedo do escritório, compreendeis...



LIA MARA
Nós vamos até de «felipetas»



«MAITRE» COSTA
Nessa «fiesta» não vou mais

NOUTRAS PLAGAS, ELAS FAZEM A NOITE VADIA



GENE DE MARCO
Noruega



JEANETE JANE
Portugal



ANE CAROL
Chile



GLÓRIA NORTON
Espanha

A ARARA TOPOU

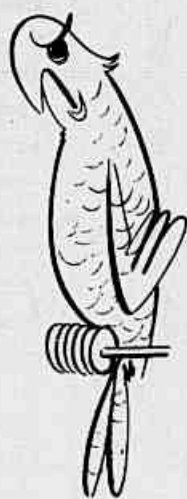
...que o seu bravo salvador — um dos mais curiosos cronistas desta praça pelo seu noticiário internacional — pugnando pelo melhor nível de nossas publicações especializadas, pretende também lançar uma revista ilustrada, dedicada exclusivamente aos assuntos na noite vadia. Ser «jornalista» somente não era o bastante. Tornava-se necessário também ser editor. E vai ser, não duvideis. Ganhará telegrama congratulatório do Dr. Moses e aquela papelada desagradável do Imposto de Renda perderá a sua razão de ser...



Geysa de Bôscoli teve ganho de causa na ação ordinária movida contra a vedeta Joana D'Arc e Joana D'Arc teve a ação executiva movida contra Geysa Bôscoli julgada improcedente. Os artistas por eles contratados e por eles bigodeados nos seus salários, não tiveram nada.

A ARARA CHUTOU

...e não é a primeira vez que o faz. A bichinha notável, de bons costumes como sabeis, não compreende por mais que o tente como rapazes bem postos, bons amigos quando em estado (raramente) de sobriedade, percam a trasmontana e desandem em atitudes mal educadas e grosseiras em lugares públicos como o Sacha's, perturbando o sossego dos que se querem divertir, com palavras de baixo calão e o desrespeito acintoso às senhoras presentes. A Arara chuta-os mais uma vez e promete, se a coisa continuar, publicar os nomes dos ditos, para as necessárias providências domésticas.



PINDAÍBA — cronista hebdomadário — responde Pão, Pão — Queijo, Queijo

O LIVRO MAIS DIVERTIDO QUE JÁ LEU FOI UMA AUTOBIOGRAFIA DE PAULO DE MAGALHÃES, SOB O TÍTULO DE «PIRANDELO, O MAIOR AUTOR CONTEMPORÂNEO»...

Pão — Qual o seu verdadeiro nome?

QUEIJO — José Pindaíba da Silva. Este Silva é de minha mãe e Pindaíba foi a herança que meu pai me deixou...

Pão — Por que o seu cachorro se chama Molière?

QUEIJO — Por que o cachorro de Jacinto de Tormes se chama Shakespeare?

Pão — Você sabe ler e escrever?

QUEIJO — Não preciso. Sou colunista social.

Pão — Por que você detesta o padeiro Malaquias?

QUEIJO — Porque ele lê Proust, Voltaire e um tal de Schopenhauer. Isto é lá leitura para padeiro?

Pão — Onde fica o Morro do Capão?

QUEIJO — O futuro Morro da Pindaíba tem situação geográfica invejável. O Prof. Medeiros ignora isso, porque ele é igual a mim: também não sabe geografia. O morro que atende, provisoriamente, pela alcunha de Capão fica na estação de Magalhães Bastos, entre a Vila Militar e Realengo. Tem o Jericó de um lado e os Afonsos do outro.

Pão — Quem são Pé de Boi, Russo do Capão, Plínio, Negrão, Indalécio e outros «astros» citados em sua reportagem social?

QUEIJO — São figuras conhecidíssimas nas jurisdições do 27º e 28º Distritos Policiais. Pertencem ao «high society» capanense. São todos valentes e decididamente «kar». Pode procurar saber na polícia.

Pão — Qual dos valentes você mais admira?

QUEIJO — O confrade Ibrahim. Deu no João Rezende, ameaçou de morte o Jeff Thomas, está sendo processado numa Vara Criminal. É o meu ídolo!

Pão — Quais os intelectuais que você admira?

QUEIJO — Além do confrade Ibrahim, admiro o Chico Xavier, Pomona Politis, Jean Pou-chard, a dupla Leda Rau-Carlos Renato (cronistas a quatro mãos), Jeff Thomas, Brício de Abreu, a dupla Heitor Muniz-Marly Sorel, Carlos Machado, Dyla Josetti, José Ronaldo, Ribeiro Martins, Elvira Pagã, Eloy Dutra, J. Maia, Queiroz Júnior e outros.

Pão — Qual o livro mais original que você conhece?

QUEIJO — «Nascimento, paixão e morte de Carmem Miranda», de Queiroz Júnior. Foi escrito por todo mundo, menos pelo autor...

Pão — E o melhor livro?

QUEIJO — «222 anedotas de Getúlio», também de Queiroz Júnior. É muito bom. Tem até adaptações de anedotas de Bocage que a gente não conhecia lá no Capão...

Pão — Foi este o mais divertido que você já leu?

QUEIJO — Não. O mais divertido foi uma autobiografia de Paulo de Magalhães, sob o título de «Pirandello, o maior autor contemporâneo».

Pão — Qual o poeta mais popular no Morro do Capão?

QUEIJO — Manuel Bandeira. Os poemas dele ninguém conhece lá, mas ele subiu muito no conceito da nata capanense quando escreveu uma crônica sobre o confrade Ibrahim...

Pão — É verdade que você tem um cartão apresentando Pomona Politis a uma escola?

QUEIJO — Foi Malaquias, o «boulanger» do Capão, quem m'o deu. Achou 52 erros gramaticais numa seção da confeiteira. O cartão é para um curso de alfabetização de adultos, na Ilha do Governador. Quando a estimada colega quiser tenho o cartão lá no morro. Pode ir buscar...

Pão — Você é o Stanislaw Ponte Preta?

QUEIJO — Não. Sou da «curriola» do Carlos Machado. Meu maior desejo é ser convidado para comer picadinho na copa do Sacha's, na mesma mesa com Heron Domingues, Brício de Abreu e L. A. B. (iniciais do cronista estomacal Luís Alípio de Barros, muito parecidas com as da Legião Brasileira de Assistência).

Pão — Por que você torce pelo Bangu?

QUEIJO — Questão topográfica: o clube do Silveirinha fica perto do Capão. Além disso, é um sossego: o time perde sempre e a gente se habitua com isso. Só chama a atenção quando consegue ganhar uma partida...

Pão — Por que você fala tanto no Ibrahim?

QUEIJO — Sou presidente do fã-club dele, no Morro do Capão. Além disso, ele tem prestígio. Basta dizer que ameaçou matar o Jeff Thomas e o Catete deu ordem a «A Noite» para que não deixassem o Jeff Thomas se defender...

Pão — Para terminar, por que o seu «Recado de Pobre» saiu, no «Shopping News», na mesma página da seção de Heron Domingues?

QUEIJO — Erro de imprensa...

LUÍSA BARRETO LEITE

- *Os Empresários Exploram Atores*
- *O Comércio de Traduções*
- *A Interferência do Governo no Teatro*
- *R. Magalhães Júnior*
- *Críticos - Publicistas*
- *Pornografia e Analfabetismo*

Reportagem de PAULO FRANCIS

LUÍSA Barreto Leite tem experimentado quase tudo em teatro. Ficou conhecida principalmente como atriz. Teve a formação de "Os Comediantes". Isto significa, em princípio, que não admite vedetismo. Luísa vê o intérprete como instrumento do teatro e não vice-versa. Procura realizar-se como pessoa, fora do palco. Teatro faz-se na cama, escreveu Jovet. Não se notava isso nos espetáculos que vimos dêle. Embora haja exceções, os empresários no Brasil seguem religiosamente o credo de Jovet: bem o notamos nos espetáculos que perpetram. Daí Luísa marcar passo, juntamente com Célia Biar, Natalia Timberg, Fernanda Montenegro, etc. Quem a viu em "Dorotéia", de Nelson Rodrigues, sabe o que o teatro perdeu, quando ela entregou os pontos. Sexo e "política" são as pragas de bastidores. Luísa foi empresária. Perdeu dinheiro, porém pagou a todos que trabalharam com ela. Isto não constitui a regra na classe. Por outro

lado, sempre patrocinou repertório de boa qualidade. Contribuiu, por exemplo, para divulgação de Pirandello no Brasil, encenando "Vestir os Nus" e "O Homem, A Bêsta, e A Virtude". Partilhou, assim, o trabalho de "Os Comediantes" e do Teatro Brasileiro de Comédia. Nada mau como fôlha de serviços. Luísa ensina e dirige amadores. Manifesta-se sobre o assunto na entrevista que nos concedeu. Seus inimigos não se contam nos dedos. Constituem, provavelmente, legião. Explica-se: Luísa diz o que pensa. Esta é a questão. A sinceridade, para as "respeitosas" de teatro, é para uso interno. Hoje, Luísa voltou à crítica, profissão em que se iniciara na vida. Está em "O Jornal do Comércio". Substituiu Agnelo Macedo, para satisfação de todos que sabem ler e escrever. Mantém-se fiel a si própria e a seus pontos de vista. Continua escrevendo aquilo que pensa sem temer consequências. Estamos incondicionalmente com ela para o que der e vier.

» DENUNCIA:



(CONTINUA) >

LUÍSA BARRETO



Luísa Barreto Leite, lutadora incansável, batalladora pelo progresso do teatro brasileiro.

PERGUNTA — Existem poderes no teatro que não funcionam. Você sabe disso tão bem quanto nós, Luísa. Temos o Sindicato de Atores permitindo a exploração de elementos da classe. Há empresários que pagam cachets, negando contratos. Burlam a lei. O nível de salários varia quase ao absurdo. Quer discutir sobre o problema?

RESPOSTA — Poderes que não funcionam, padrões que pagam diárias, salários que variam ao absurdo, gente que burla a lei de todas as formas, são características peculiares ao Brasil, ou aos países subdesenvolvidos econômica e culturalmente; por que no teatro as condições deveriam ser diferentes? É verdade que, no teatro, as coisas se agravam consideravelmente, pois os empresários, em sua quase totalidade são também as «vedettes», os maridos das «vedettes», ou coisa que o valha, de forma que, além da exploração econômica, normal em todas as profissões, existe ainda a exploração, ou melhor, a sufocação artística de valores que possam ultrapassar o limite imposto pelo vedetismo. Quanto ao sindicato, do ponto de vista artístico não lhe cabe dar opinião e do ponto de vista econômico fecha os olhos porque é ao mesmo tempo sindicato de atores e de empresários, além de sociedade beneficente, para a qual os empresários contribuem, como é natural, com muito mais dinheiro. Creio que, em relação ao ponto de vista artístico, algo poderia ser feito pelo Serviço Nacional de Teatro, que poderia negar subvenção às companhias que não apresentassem um elenco homogêneo, de primeira categoria. Isto, em parte, solucionaria também o problema dos salários, pois os diretores deixariam às escolas de teatro a função de ensinar e só contratariam atores já capazes de representar sem professores.

PERGUNTA — Existe a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Domina o teatro, no tocante a textos. O empresário não pode escolher o tradutor das peças que lhe interessam. Os donos da SBAT, quase todos subscritores, apossam-se dos textos e negociam com os mesmos como bem entendem. Daí a qualidade das traduções que nos são inflingidas, freqüentemente. Comente.

RESPOSTA — Quando Albert Camus esteve no Brasil, fiz uma entrevista com ele a esse respeito. Sua resposta, pronta e imediata, foi que ele, como autor, jamais admitiria que sua obra se tornasse exclusividade de outra criatura, quer dizer, o tradutor.

Uma obra literária é como um filho, não se abandona na mão dos outros. Além disso, uma peça de teatro pertence ao público. Se, em um país tão grande como é o Brasil, uma peça ficar reduzida a uma só companhia e a um só tradutor, estará perdida para a maioria do público. Como autor, continuou Camus, digo que qualquer profissional ou amador que queira representar qualquer uma de minhas peças, sem autorização direta da SBAT, basta comunicar-se comigo. Creio que é esta, também, a opinião de todos os autores franceses da moderna geração. Por conseguinte, eu, Luísa Barreto Leite, atribuo esse estado de coisas à negligência dos empresários na defesa da qualidade literária de seus espetáculos. É verdade, por outro lado, que os pequenos empresários nada podem contra a SBAT. Eu própria, fui obrigada a encerrar as atividades de minha companhia porque mais de vinte textos me foram negados, sob o pretexto de que já haviam sido cedidos a outras companhias mais poderosas, e de que a SBAT precisava garantir uma boa renda para textos inéditos no Brasil. Assim sendo, eu só poderia levar à cena textos já representados. Em sua quase totalidade, os textos que me foram negados continuam inéditos.

PERGUNTA — A SBAT faz política. R. Magalhães Júnior gaba-se de haver dado à luz a lei de obrigatoriedade do autor nascido no Brasil ou naturalizado. Gostaríamos de ouvir a opinião que você tem sobre R. Magalhães Júnior, como autor e político.

RESPOSTA — A história de Raimundo Magalhães é longa; data de mais de vinte anos, sua capacidade de fazer política em benefício próprio. Lembro-me de que suas primeiras peças foram colocadas porque ele prometia — e dava — uma publicidade fabulosa através da coluna de «A Noite» (naquele tempo um jornal importantíssimo) e das três revistas que dirigia para a mesma organização, além das colunas dos amigos, que eram muitos e das grandes subvenções que arranjava. Naquele tempo ele considerava a companhia de Jaime Costa a melhor do Brasil, mas atualmente, sua política é outra; com a fortuna feita e o nome também, (embora não muito bem feito) precisa conseguir prestígio intelectual e limpar o passado. Não lhe basta a entrada para a Academia de Letras, precisa também o título de benemérito do teatro. Como é o magnata das traduções e este título ninguém lhe poderá tirar, procura enganar os jovens, dizendo-se protetor de suas obras inéditas, mas há por trás disto muita coisa que não pode ser explicada em duas palavras. Mas a verdade é que, por causa dessa «bendita lei do têrço», muitas companhias estão se vendo em palpos de aranha e outras baixaram consideravelmente o nível dos seus espetáculos.

PERGUNTA — Resta comentar a Associação de críticos. Você procura reformá-la, embora tenha de aturar a companhia de críticos-publicistas e de comprometidos em geral. Há, talvez, meia-dúzia de críticos tentando isso. Já Francisco Pereira da Silva e João Augusto preferiram desligar-se da Associação. Fale do que deveria ser o agrupamento dos críticos como instrumento de cultura. Examine o problema do compromisso por dinheiro e por amizade.

RESPOSTA — Em primeiro lugar, não estou tentando reformar coisa alguma. Quando eu tinha vinte anos, lutava para reformar o mundo; aos vinte e cinco, resolvi reformar o teatro; aos trinta, achei que podia reformar a educação através do teatro; hoje, com mais de quarenta, já sei que há certas coisas que são imunes a uma reforma fundamental;

LEITE DENUNCIA:

no máximo, as mesmas podem evoluir, adaptando-se às novas circunstâncias. Faço parte da Associação de Críticos porque sou combatente de todas as fileiras. Não acredito que se possa lutar por coisa alguma do lado de fora. Se a gente acredita, realmente, no teatro, deve contribuir, na medida do possível, para que ele melhore em todos os setores. Quanto ao crítico-publicista, se ele não misturar as duas coisas, isto é, se a publicidade que ele faz não influenciar suas atitudes como crítico, a Associação nada tem a ver com isso. Esta é, porém, uma teoria. O publicista compromete-se a defender seus empresários. E há alguns que usam suas colunas como arma de extorsão.

PERGUNTA — Fale da lei R. Magalhães Júnior para os associados da SBAT.

RESPOSTA — De qual lei R. Magalhães? Desta que é chamada de «caranguejo»? Ou de uma outra muito mais antiga, realizada intramuros, na SBAT, para impedir que qualquer cidadão honesto e culto possa traduzir decentemente uma peça, sem ceder metade de seus direitos, ao associado da SBAT que assinará com ele o trabalho, sem ter participado do mesmo? Se você fala da lei «caranguejo», só posso repetir que, se fôsse autor, teria vergonha de ver uma peça minha representada por obrigação. Penso que tudo que é feito por obrigação é feito de má vontade. Teatro é amor. Por conseguinte, encenar uma peça sem amor, é destruí-la no que ela poderá possuir de bom. O nosso teatro é um teatro de intérpretes e de diretores; por enquanto, eles ainda são mais fortes do que os autores, e não é com a má vontade dos primeiros que os segundos revelarão suas boas qualidades. Além disso, ninguém tem o direito de se meter com o emprêgo do capital particular. Se uma companhia não pede dinheiro ao governo, tem o direito de representar as peças que bem entender. O público é o seu único juiz. Penso, por exemplo, que o governo poderia subvencionar só peças nacionais. Era uma prerrogativa sua negar auxílio a obras literárias estrangeiras, nunca, porém, determinar quando poderão ser representadas, e em que quantidade.

PERGUNTA — Os empresários impingem ao público chanchadas e dramalhões, pretextando a não existência de repertório de boa qualidade que se sustente na bilheteria. Você está de acordo?

RESPOSTA — Claro que não. Os maiores sucessos de nosso teatro, nos últimos anos, tem sido, com raras exceções, o sucesso de grandes textos. Seria impossível enumerá-los todos, mas temos os exemplos do repertório de «Os Comediantes», culminando com «Desejo», de O'Neill, que ficou oito meses em cartaz; do repertório de Dulcina, no Municipal; de «Hamlet», pelo teatro do Estudante; dos recentes «Otelo», pela CTCA, dos espetáculos de Pirandello, pelo TBC, de «O Canto da Cotovia», por Maria Della Costa, etc. O que acontece é que, infelizmente, nem sempre os grandes textos são como merecem; ou que, por vezes, um grande texto é mais literário do que teatral, transformando-se num espetáculo cacete para o público.

PERGUNTA — Fale da mentalidade dos empresários com que trabalhou.

RESPOSTA — Os empresários são, sobretudo, patrões. Foi disso que muitas vezes me esqueci. Veio daí minha incompatibilidade com eles. Um dos meus lemas foi tirado de um discurso de Lincoln: «Pela mesma razão que não quero ser escravo, não quero ser também senhor. Isto é democracia». Com a mania que tenho de reformar o teatro quis fazer dele uma democracia. Por isso não me dei bem nem como atriz nem como empresária, pois, não soube ser escrava nem senhora.



As denúncias de Luisa Barreto Leite são corajosas, francas, e merecem um exame profundo.

PERGUNTA — Critique as Escolas de atores (?) e o amadorismo, como existem.

RESPOSTA — Não quero falar de escolas que não conheço. Creio, porém, que a solução para o Conservatório Nacional de Teatro, do qual sou professora, é a sua inclusão na Universidade do Brasil, o que o colocará dentro do alto nível cultural indispensável ao seu bom funcionamento. Quanto aos amadores, em primeiro lugar, entre nós, não está bem definido o que vem a ser amadorismo. Podemos considerar o «Tablado» um grupo de amadores? Do meu ponto de vista, é mais um grupo experimental, formado de gente nova e de profissionais que vão e voltam. Amadorismo, por exemplo, no sentido puro e simples do termo, é o que faz Carlos Perry com o seu teatro em casa, o que fazem os estudantes de Direito que nos apresentaram a revista «Luz, Câmera, Ação!»; sendo que, este último, é mais um teatro de estudantes. Penso, porém, que uns e outros são extremamente úteis ao desenvolvimento da arte dramática.

PERGUNTA — Existe solução para o teatro-revista sem pornografia e analfabetismo?

RESPOSTA — Existe, sem dúvida. E foi isto que nos provou Silveira Sampaio com seus magníficos espetáculos, colocados dentro do mais alto nível artístico, no gênero. O fato de sua segunda peça «Brasil de Pedro a Pedro», ter fracassado na bilheteria, é uma outra história; envolve mil outros problemas, independentes da qualidade do espetáculo. Já sua primeira revista, «No País dos Cadillacs» foi um sucesso total e indiscutível em todos os terrenos. O que seria preciso é que para esta qualidade de teatro-revista, também houvesse auxílio do governo.

PERGUNTA — Fale de si própria, de seus planos em relação ao teatro.

RESPOSTA — No momento não tenho plano algum, estou em estado de beatitude. Voltei à crítica e lá farei o que puder para que os outros melhorem.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

Sôbre a minha mesa de trabalho o corpo do passarinho morto. Minúsculo, os olhos não inteiramente fechados; as penas muito finas e brancas do ventre crispavam-se ao sôpro de um vento largo e forte que **entrava pelas janelas, vindo do mar**. Estranho espetáculo. Ainda há poucas horas o passarinho, um «bico de lacre», se agitava sôlto na varanda ao lado de mais três de sua raça. E agora aqui está inerte, pronto para ser enterrado aos pés de uma avenca. Era uma pequena coisa frágil, **se leve, breve**, pulando nos braços das plantas, brincando, às vêzes assustado, invadindo a sala de jantar — e agora pousou sôbre as suas asas, sôbre a sua inquietação permanente a mão da morte, o silêncio da morte.

Era uma deliciosa criatura, uma partícula da natureza, vivendo poeticamente, e eis que mergulhando na morte se reveste de silêncio, de mistério, de gravidade. Que diferença haverá entre Pascal morto e êste passarinho? pergunto-me. E acho que não há diferença alguma. Tôda a criação quando repousa para sempre apresenta o mesmo aspecto de coisa fria, dolorosa, envôlta numa espécie de luz piedosa. Um grande ser em que se abrigaram sentimentos e idéias poderosas e uma ligeira avezinha do Senhor estão submetidos à mesma lei, ao mesmo destino: vem a morte e tudo desaparece; evolva-se a substância, o poder que permitia a Pascal meditar sôbre as coisas mais transcendentais do destino do homem e os mistérios do universo e aos pássaros cantar, voar, fugir dos perigos supostos ou reais.

O corpo do passarinho **bico de lacre** que pusei aqui sôbre a mesa em que escrevo, lembra-me todos os seres que eu vi, nesta longa vida, estendidos à espera de entêrrão. Lembra-me principalmente algumas crianças que partiram e sôbre

quem a morte estendera não só o seu manto de frio mas uma espécie de sorriso.



Neste domingo de junho há uma sombra de tristeza boiando no ar, no céu azul. A saudade de alguma coisa que foi, e a consciência afirma que não pode ser mais, se aprofunda na minha lembrança. Pedacos de sonho partido atravessam o meu mundo desolado. Vejo uma casa na Suíça onde nunca estive; uma paisagem de sonho se apresenta aos meus olhos. A esperança de paz, de entendimento, de resignação se esvai, se esgarça. Lembro-me do muito que construímos, nós jovens, e a irrealdade dos passeios, dos silêncios futuros... Acorando-me na desesperança sinto-me só, mais só do que ninguém, mais só do que os que se julgam entranhados pela solidão. A minha solidão é povoada de seres, a minha solidão se manifesta nas conversas numerosas, no meio dos ruídos, das festas, dos embates.

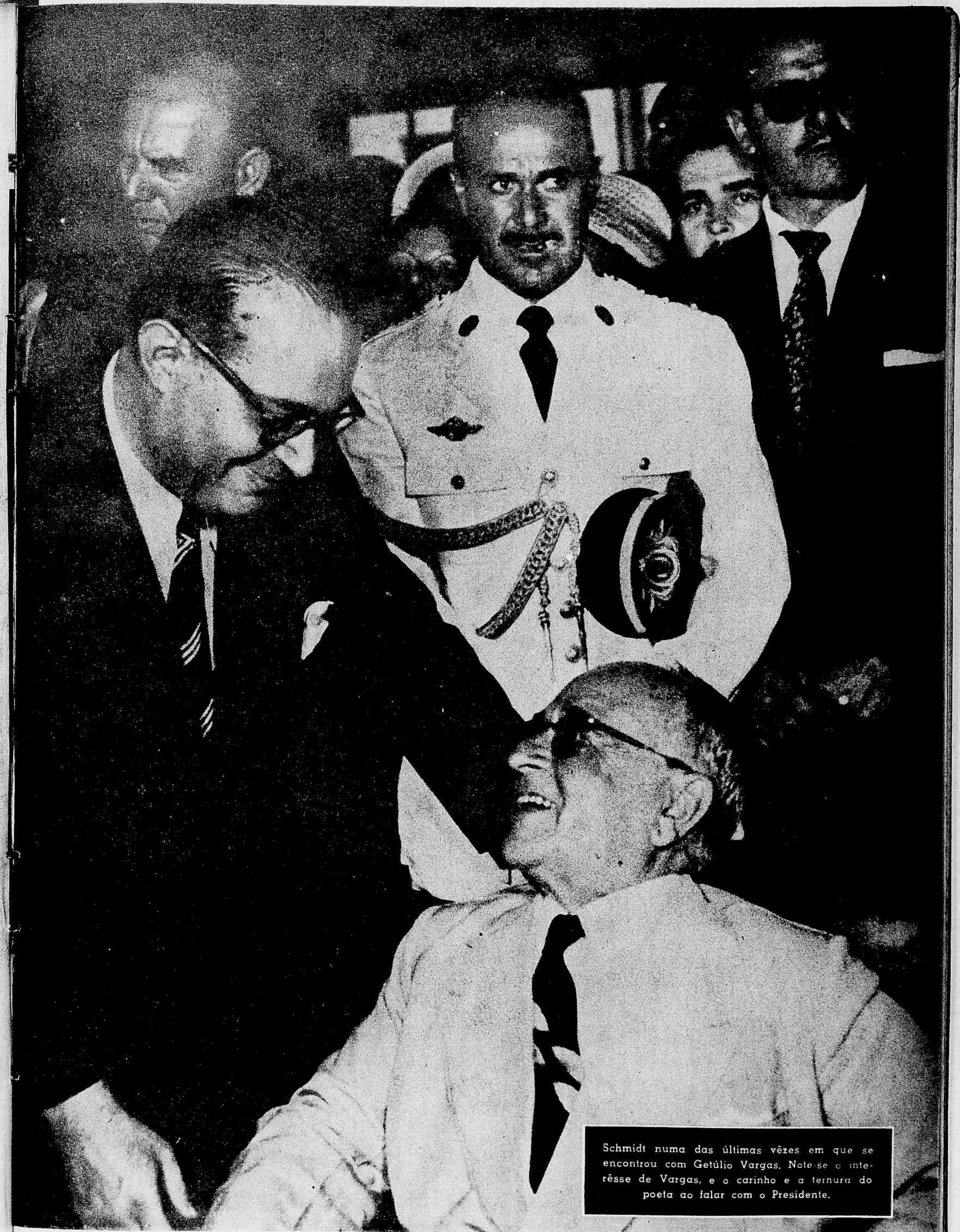


Saudade de uma tarde em terras por onde não me perdi jamais senão pelo desejo. O pássaro da noite chegou de viagem e foi pousando devagar. Conservamos as luzes apagadas. Mãos frias afagaram meu rosto febril. Uma voz chamou, de repente, a atenção para as estrêlas que iam desabotoando nos altos jardins.

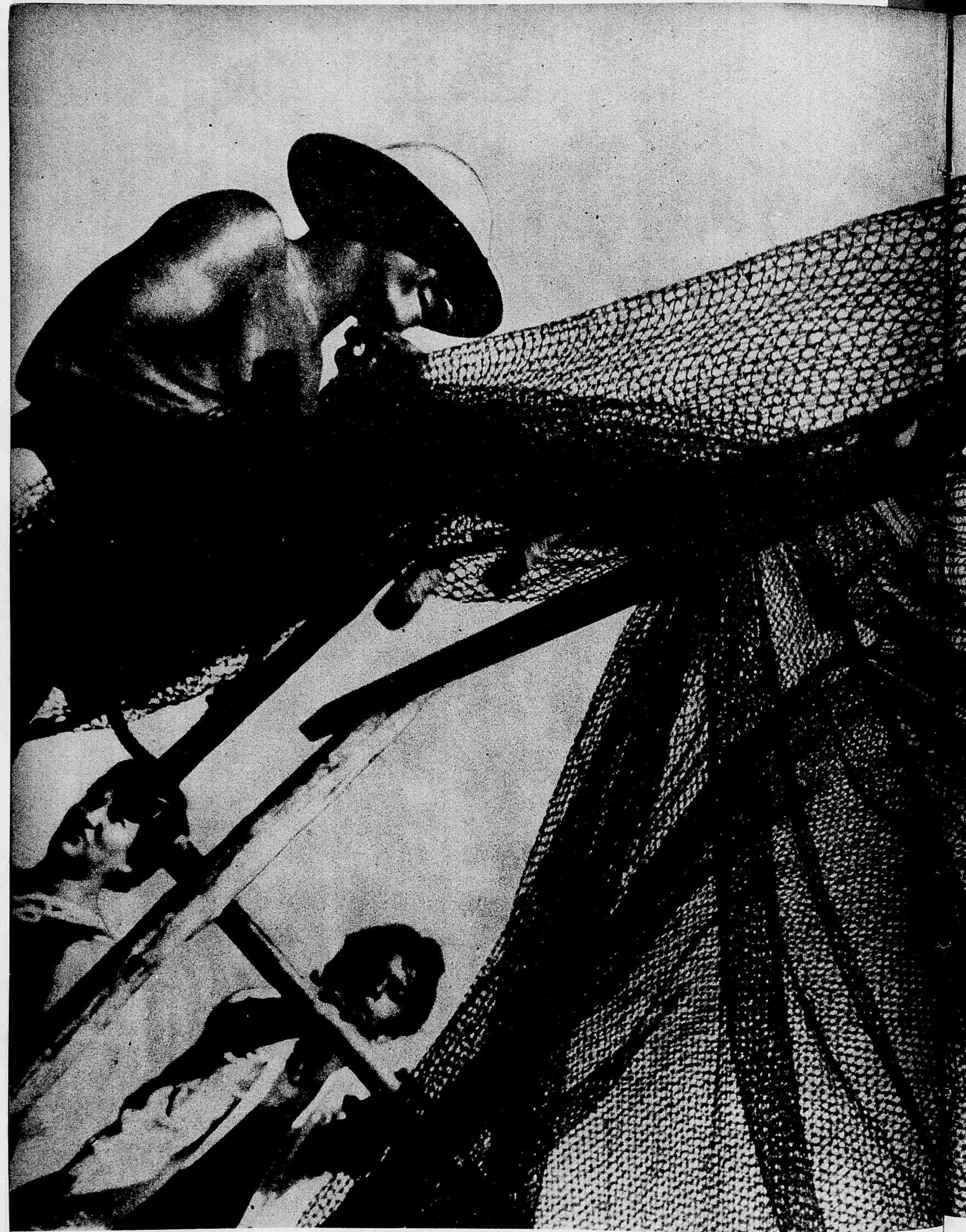


Consolava-se com o sono. Quando estava triste, abafada, infeliz mergulhava no sono. Podia dormir. Minha inveja era imensa. É que me cabia a parte pior do sofrimento, as noites brancas, as longas noites de olhos abertos.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



Schmidt numa das últimas vêzes em que se encontrou com Getúlio Vargas. Note-se o interesse de Vargas, e o carinho e a ternura do poeta ao falar com o Presidente.



GUERRA NA GUANABARA:

“LAMBANCEIROS” E DONOS DE CURRAIS DISPUTAM O CANGAÇO DO PEIXE

Reportagem de CESARIO MARQUES

Fotos de ANTÔNIO LIMA

Armar a rede é a grande preocupação. Na Guanabara o peixe domina, soberano. E por ele brigam lambanceiros e donos de currais. Mulheres e crianças tomam parte também nesta estranha guerra.





DENTRO E FORA DO MAR, POLITICOS PROTEGEM O CRIME ★ A MORTE ESPREITA NO LÔDO DAS PRAIAS DO OESTE DA BAÍA ★ LUTAS ARMADAS E MORTES SE SUCEDEM ★ TRÁFICO DE ENTORPECENTES E CONTRABANDO, DE RAMOS A SÃO GONÇALO ★ SÔBRE ESTACAS, NO LÔDO, AMEAÇADAS PELA FOME, MILHARES DE CRIANÇAS SOB O SIGNO DO TERROR

PROTEGIDOS por grupos políticos, armados até os dentes e com liberdade para praticar toda espécie de crime, os «lambanceiros», donos do cangaço do peixe na Guanabara, estão levando pânico e morte aos pobres homens do mar, que vivem da pescaria, de Ramos a Niterói, em toda orla marítima da baía. A «lambança», crime praticado há anos na Guanabara, somente agora veio a público, com a morte de três ladrões de peixe, Antônio Ferreira da Rocha, Orlando dos Santos e Oscar Alves de Oliveira, assassinados premeditadamente na região de Magé.

Antes, outros crimes de morte e muitos assaltos foram praticados com o nome de «lambança», que consiste no roubo, à mão armada, do peixe já recolhido por pescadores desprevenidos. Nenhum desses crimes passou das colônias de pesca como notícia ou inquérito policial. Entretanto é comum o aparecimento de corpos de pescadores não identificados nas águas sujas das praias internas da Guanabara. E a fome invade os barracos e casebres dos pescadores, que às vezes têm medo de enfrentar o perigo, de desaparecer no lodo imundo. Milhares de famílias vivem

da pesca, em povoados pobres e esquecidos ao longo da zona interna da Guanabara. Os pescadores nunca saem em grupos grandes. Em pequenos botes, sem nenhuma segurança, onde tudo depende do equilíbrio, eles passam horas seguidas com a rede no mar, o arrastão ou mesmo tarrafa. Cada barco, quase sempre manejado por apenas um homem, procura um local diferente, para não afugentar os peixes.

Normalmente os barcos saem à noite, quando a pesca é mais abundante. São movidos a remo ou bambu e usam a vela ou a lamparina, como iluminação. Os «lambanceiros» usam lanchas a motor, sem luz e atacam de madrugada, de surpresa, armados alguns até com metralhadoras.

♦ **OS CURRAIS** — Os currais são cercados de rede onde os peixes ficam presos. Seus proprietários só têm o trabalho de recolher o produto. Antes proibidos e atualmente em situação indefinida, estes currais prejudicam os pescadores, pois consomem todo o peixe de uma região. Os



A mulher se arregam dos botes para recolher o peixe.



Todos tomam parte na luta. A mulher com o filho ao pé, velhos, homens fortes e fracos, todos têm que contribuir para alimentar a guerra do peixe.

proprietários de currais há muito tempo entraram em guerra com os lambanceiros, que também roubavam o peixe aprisionado por eles. Desde que esta guerra se iniciou, a disputa do peixe tomou nova feição, com grupos políticos em luta dentro e fora do mar. Os «lambanceiros» são defendidos como se fossem verdadeiros pescadores e os donos de currais não existem, quando procurados pela polícia.

Foi numa das lutas entre lambanceiros e donos de currais que os três homens desaparecidos há tempos da praia de Ramos foram assassinados. Saíram para roubar peixe e encontraram a morte nas mãos de homens dos donos de currais. Embora neguem e pouco se tenha esclarecido sobre o caso, são acusados como os mandantes da matança o delegado e o presidente da Câmara de Vereadores de Magé, segundo acusações de irmãos de «Antoninho», um dos mortos, proprietários de currais. O delegado, capitão Abílio Vieira, na ocasião do crime, declarou que não podia apurar um crime que não sabia onde ocorrera, nem se ocorrera. Entretanto ele mesmo informou que um homem fôra ouvido sobre uns disparos verificados próximo a Ipiranga, distrito de Magé, no mesmo dia do desaparecimento. Enquanto isso, o presidente da Câmara levantava um movimento entre pescadores contra o perigo de uma invasão de Ipiranga, por parte dos parentes dos desaparecidos.

Pedro Dionísio, um dos homens de confiança dos donos de currais, suspeito do crime, demonstrou conhecer muito bem «Antoninho», acusando-o de traficante, ladrão e jogador. Falando inclusive em bares de sua propriedade, na praia de Ramos, onde o jogo era franco.

♦ **LUTA POLÍTICA** — Segundo declarações de alguns companheiros, que não quiseram identificar-se, Vicente e Válder Ferreira da Rocha, irmãos de «Antoninho», um dos desaparecidos, foram transferidos para a praia de Ramos pelo Serviço de Salvamento da Prefeitura, onde trabalham, por proteção. Depois da morte do irmão, em que aparecia como suspeito o delegado-capitão Abílio Vieira, ligado ao presidente da Câmara de Magé, membro do PSD, começaram a ser ajudados e protegidos pela política do deputado Tenório Cavalcanti.

A Câmara, com maioria do PSD defende os currais, enquanto Tenório apoia os lambanceiros, para combater politicamente seus adversários em Magé.

♦ **A LANCHAS DA POLÍCIA** — Apesar de toda a onda de assaltos e crimes, que está levando terror e fome às famílias dos pescadores, ne-

nhuma embarcação da Polícia Marítima patrulha a orla interna. Acontece tudo e de tudo, sem que nenhuma providência seja tomada. Contrabando trazido em botes do porto entra nas colônias de pesca. A praia de Ramos e o Porto de Mariangu são focos há muitos anos. Entorpecentes e principalmente a maconha tem tráfego livre na região. Tudo sem fiscalização. Numerosos povoados da orla marítima estão à mercê dos criminosos e traficantes. Onde o cangaço do mar se faz com mais frequência é justamente nas proximidades de colônias de pesca, aparecendo como exemplo Caxias, Mauá, Magé, Ipiranga, Guachindiba, São Gonçalo, etc.

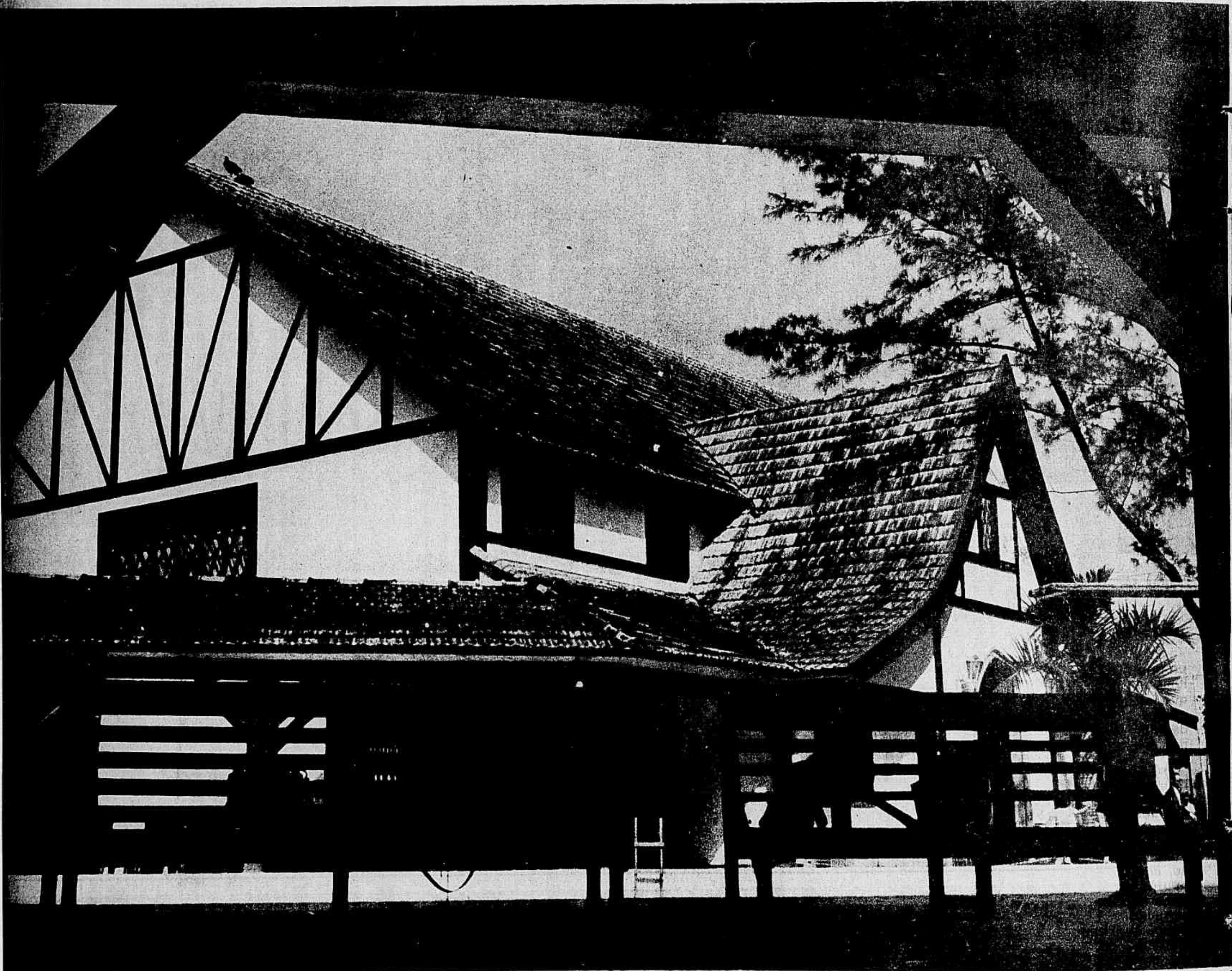
♦ **LUTA DE MORTE** — Poucos dias antes do desaparecimento dos lambanceiros de Ramos, Ipiranga foi invadida por eles. Saltando de uma lancha, armados de metralhadoras e fuzis, do tipo usado pela Polícia Militar, invadiram residências e roubaram todo material de pesca encontrado. Após o assassinato os irmãos de «Antoninho» tentaram repetir a façanha, não conseguindo, devido a um contra-ataque da Polícia de Magé.

O delegado-capitão Abílio retribuiu a visita dos lambanceiros mandando invadir suas casas em Ramos numa tentativa para recuperar as rédes e um bote roubados de Ipiranga. Conseguiu levar de volta inclusive os fuzis. Foi a única diligência que a Polícia fez, sob comando do titular de Magé para «apurar o crime».

♦ **FOME E MISÉRIA** — Os pescadores vivem humildemente, sem conforto e assistência. As crianças sem escola aprendem a viver no mar desde os oito anos. Enquanto os homens trabalham as mulheres lavam roupa e costuram para fora. Os próprios pescadores vendem o peixe nas povoações e cidades próximas. Quando não há peixe, há fome. Quando há fome, a criança chora. Muita criança chora quando os lambanceiros e os donos de currais atacam.

Quando não moram em casebres, os pescadores vivem em barracos. Nas proximidades da praia de Ramos existem várias favelas de pescadores, inclusive uma construída dentro do mar, sobre estacas e lodo. Milhares de crianças vivem sob perigo iminente de febre, descargas e sem agasalho. É dentro de toda esta miséria que a Guanabara guarda na escuridão de suas noites, que agem os lambanceiros e donos de currais, implantando o terror entre os pescadores a 20 quilômetros do Centro do Rio de Janeiro.

O PIRAQUÊ CONTINUA DI



Quatro construções, como a que vemos acima, formam o conjunto de instalações cobertas do Piraquê. Uma beleza!

**O MAIS CURIOSO CLUBE DA LAGOA ★ CRIANÇAS, PASSARINHOS E
MICOS TOMARAM CONTA DO CLUBE ★ O MELHOR «JARDIM DE IN-
FÂNCIA» DO RIO ★ SILÊNCIO E NATUREZA, O GRANDE PATRIMÔNIO**

Reportagem de HAROLDO DAMÁSIO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

FERENTE

CHEGAMOS ao Piraquê às 9 horas de uma manhã de sábado. O objetivo era reportar o Clube no comum de suas atividades, mesmo por que o Piraquê, sede esportiva do Clube Naval — só acontece socialmente, com festas, duas vezes ao ano. São Pedro (espetacular) e Carnaval (fraco) são os seus dois maiores dias. A impressão, primeira, que se tem chegando ao Clube é que ele é, propositadamente esquecido. E na verdade isto acontece. A maioria de seus sócios são oficiais da Marinha de Guerra que quase nunca aparecem por lá. Aos civis também é dada a oportunidade de serem sócios. São geralmente os moradores das adjacências. Mas não são muitos os que se dispõem a pagar trezentos cruzeiros por mês por um clube sem movimento social e pouca vida interna. Assim, temos um movimento diário limitadíssimo de freqüentadores. Isto é que torna uma beleza o Piraquê. Poucos, muito poucos são os que gozam de uma tranqüilidade e de um sossego preciosíssimo dentro de uma maravilhosa paisagem. De fato dos dezesseis clubes que circundam a Lagoa é a sede esportiva do Clube Naval a melhor localizada, a mais aquinhoadá pela natureza e a mais poética. O Piraquê é acima de tudo um lugar de bom gosto. Não há ali nada que lembre luxo ou modernismo, mas indiscutivelmente é um recanto quase paradisíaco do Rio. Explicamos: é como um pequenino bosque que se debruçasse na tranqüila lagoa contando com muita limpeza e muita organização. O clube é maravilhosamente discreto, sua vida é completamente rotineira e os maiores beneficiários de seu ambiente são as crianças. Aliás o clube é como um imenso jardim da infância. E, é de uma manhã de outono que passamos em suas instalações que extraímos os seguintes «flashes»:

1) **UMA MANHÃ**, no Piraquê, principalmente uma manhã de maio é reconfortante como um banho de calma, ar puro, em nossa trepidante agitação diária. Normalmente, é um vazio de gente, de algazarra e de coisas supérfluas.

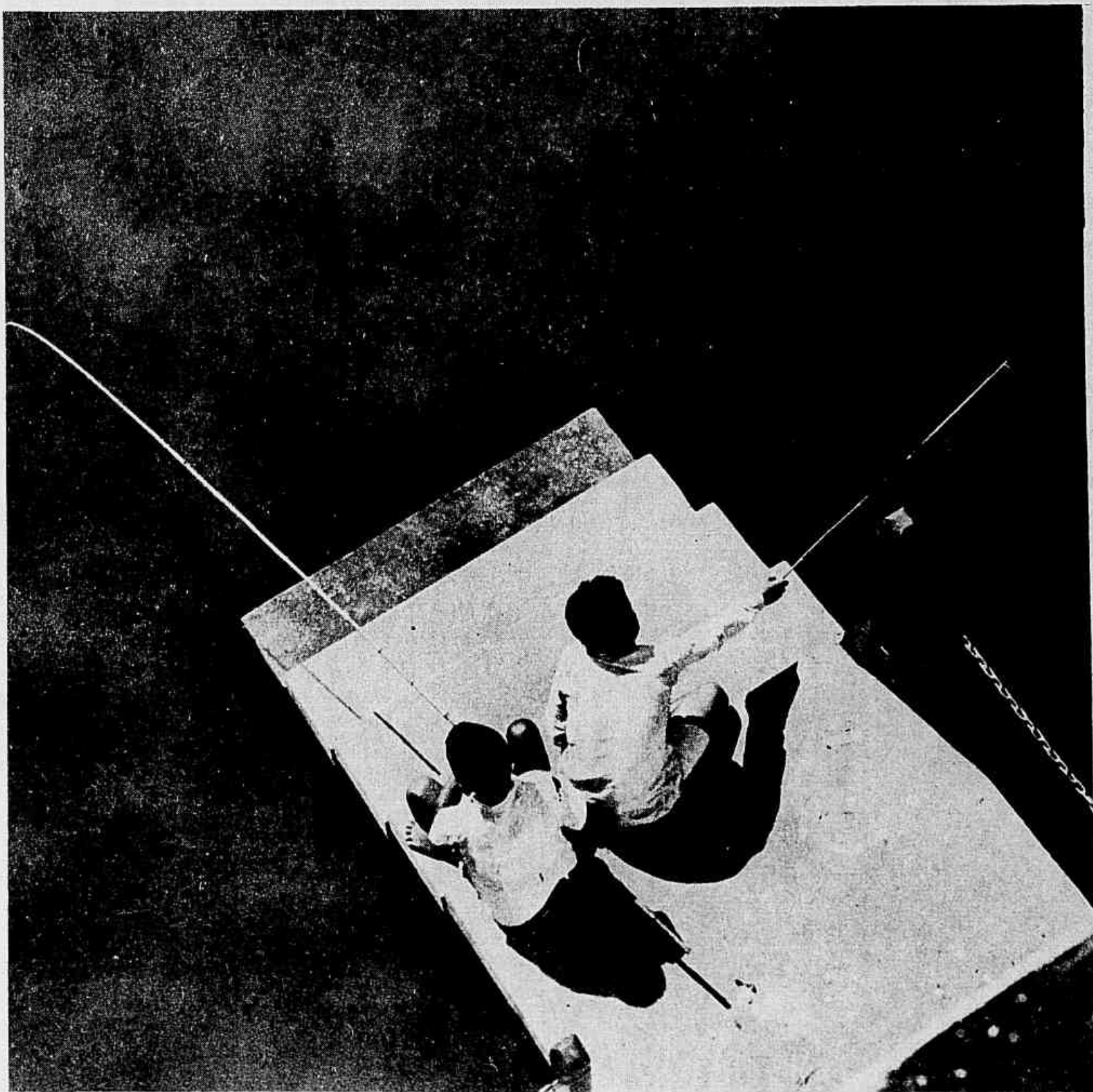
2) **INVARIAVELMENTE**, com exceção das segundas-feiras, abrem-se os portões que assim permanecem até 23, 24 horas, e lá dentro certamente está o seu privilegiado morador, a figura mais tradicional do clube — o gerente Soares.

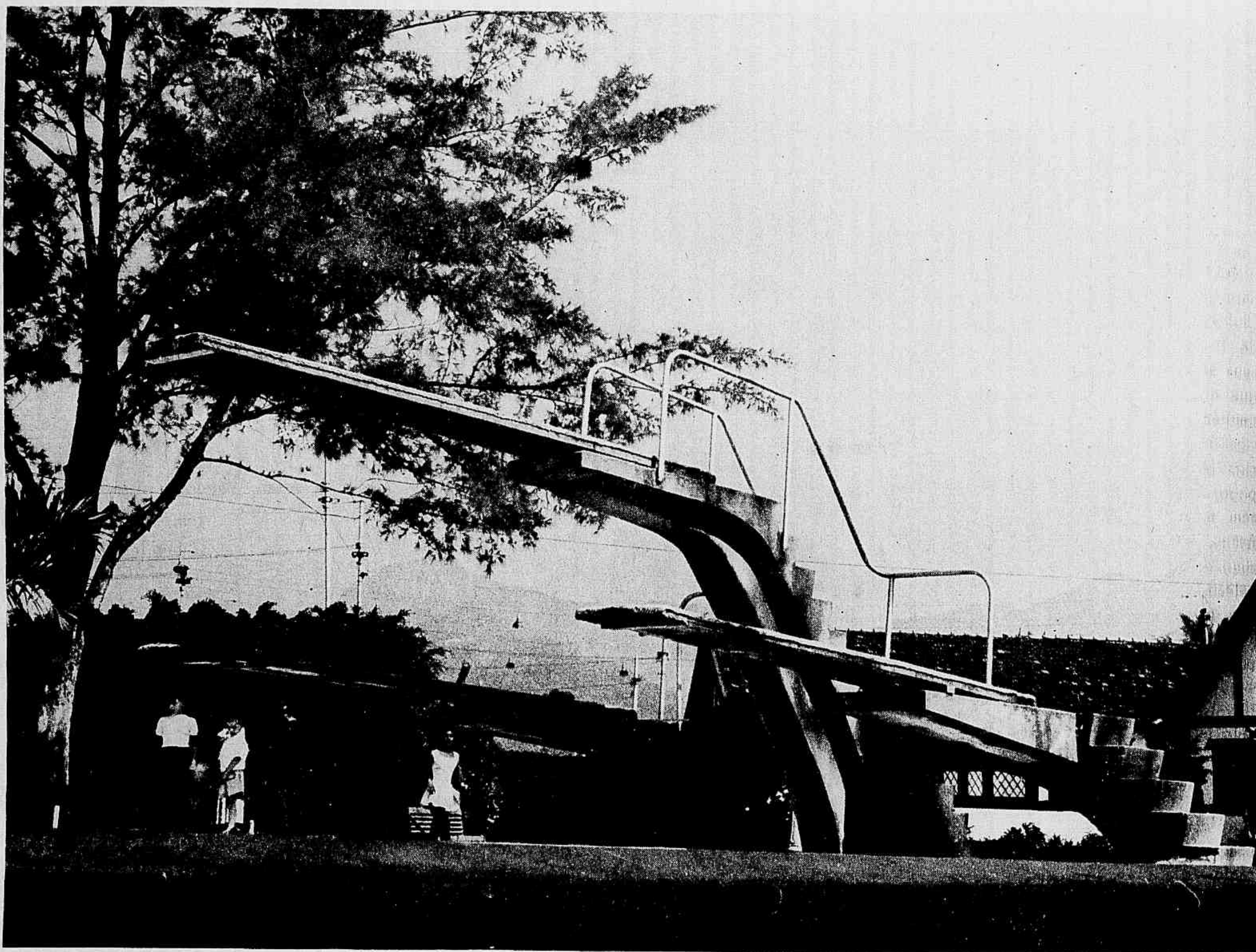
3) **UMA BANDINHA** de meninos e meninas de pouca idade, marchando e tocando bumbo, batendo pratinhos e muito compenetrados, no ginásio, foi a nota mais sadia e convincente da oportunidade que gozam as crianças que ali vão. É um lugar ideal para a criança: Sombra, espaço, parque com gangorras, escorregas, balanços etc., e de entretenimento para as suas mães.

4) **TÊNIS** — é o esporte mais praticado no clube. Cinco quadras e possivelmente mais uma dentro em breve com um atêro que se faz. Para a prática do elegante esporte, a figura cativante do tchecoslovaco Prof. Mira, que há doze anos ministra os segredos que fazem



Enquanto os tenistas fazem uma pausa e procuram a sombra da varanda, os «apanhadores de bola» aproveitam a folguinha para pescarem (o que?) nas escuras águas da Lagoa. Ali dentro todos são como uma grande família.





Pequeno mas confortável clube é o Piraquê, sede esportiva do Clube Naval. Até mesmo uma piscina e um convidativo trampolim existem para os sócios que só raramente aparecem.

um campeão como é o caso de Maria Helena de Amorim, a campeoníssima, que começou aos 9 anos sob a orientação de Mira e que até hoje ouve-lhe os conselhos. O elegante boné de Mira também é uma das coisas mais tradicionais do lugar.

5) AQUÁTICA — para a prática de esportes sobre as escuras e nem sempre agradáveis águas da Lagoa, o clube possui para divertimento dos seus sócios, uma lancha, quatro barcos e sete «gaivotas» ou pedalinhas, e um elogio se deve: tudo em ótimo estado de conservação. Apenas, quando o domingo é bonito é que saem da garagem os «hidráulicos».

6) A PISCINA — um clube tão pequeno ainda tem uma piscina para tirar mais do seu limitado espaço, mas justifica-se que embora cercado de águas por quase toda a sua volta, está «mal cercado», e em contraponto com a escura, barrenta, às vezes fétida água da Lagoa, uma moderna, limpa e apetitosa piscina acontece ali com os seus trampolins. No verão é a piscina, o ponto máximo de atração do clube e o que para a vida do pacato clube é uma sensação: acontecem três vezes por semana banhos noturnos. Atualmente, sem água, reparando uma penetração de água suja da lagoa, por um dos seus flancos.

7) NAMORADOS — os inevitáveis pares de

namorados não poderiam ignorar um ambiente daqueles e se perdem em seus recantos. Perdem é um pouco forte, vejamos: se acham.

8) MIRANTE: Um mirante fica voltado, como não poderia deixar de ser para a Lagoa que é muito maior que realmente o carioca pensa ser. É a idéia mais feliz dentro da curiosa fisionomia do clube. Dá-lhe um ar de autenticidade. É caracteristicamente singelo e bonito.

9) O PARQUE — em um clube pequeno talvez parecesse um despropósito um parque infantil tão amplo como o que vimos. Realmente os grandes ainda sem menores gostariam de ver aquilo ali construído, ou aproveitado de maneira diferente e, para nós, o parque infantil completo como é e coberto de árvores, principalmente com tão grande número de crianças nos pareceu ser a verdadeira vida do clube.

10) ISOLAMENTO — vocês já imaginaram um lugar onde vocês não ouvem barulho nenhum parecido com os das ruas da cidade? Os únicos ruídos que são ouvidos: mamães e babás, dizendo às crianças para não fazerem isso ou aquilo e a alegria de muitos passarinhos circulantes.

11) AOS DOMINGOS — um almoço é tradicional. Mas apenas o almoço, nem ao menos um jantar-dançante é ali realizado. Dizem os dirigentes que não vale a pena por que nin-

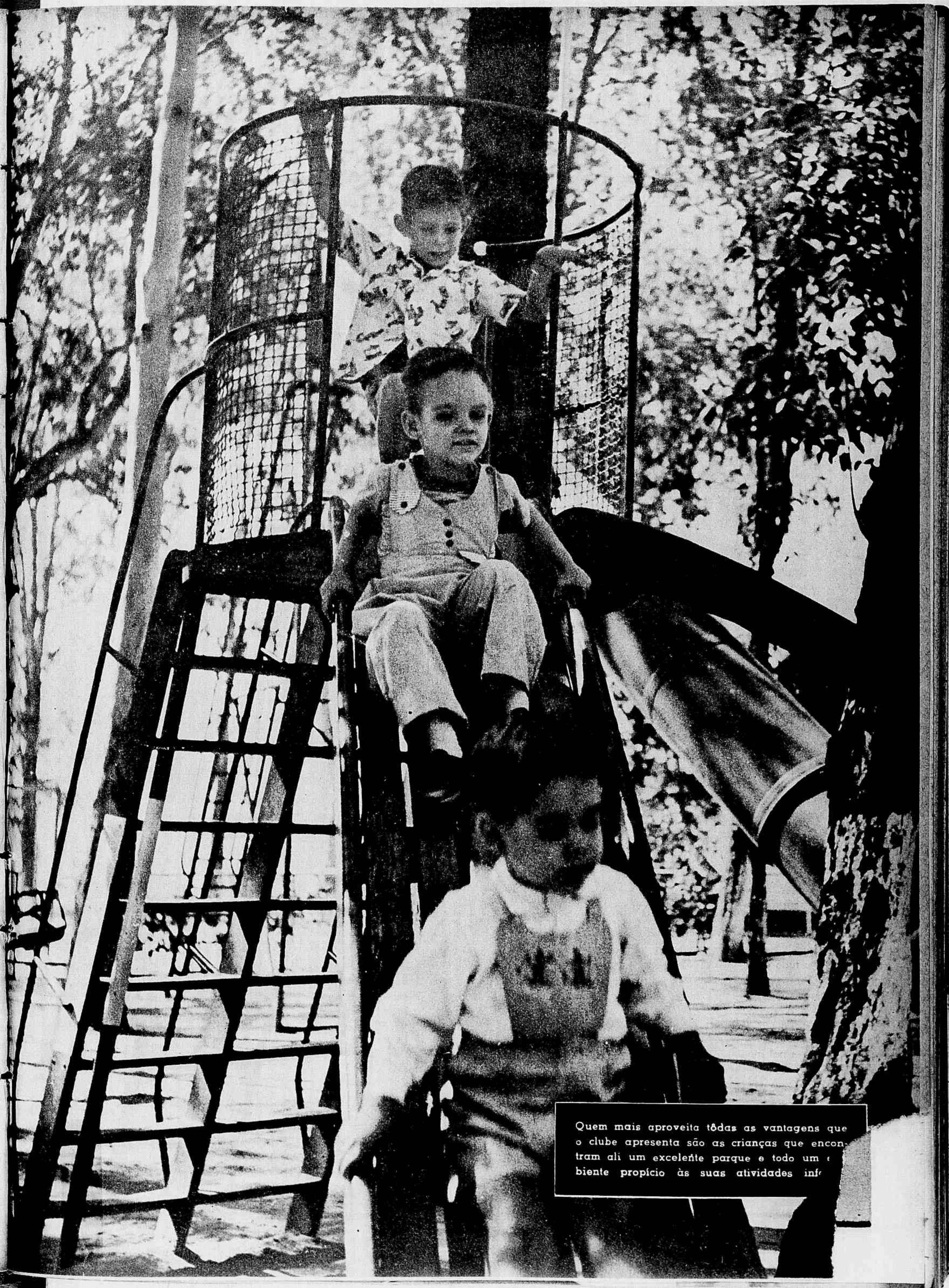
guém vai. Um cineminha acontece também aos domingos para a gurizada.

12) NOVA DIRETORIA, foi eleita para o Clube Naval e portanto para o Piraquê também. Todos sabem que para seu presidente foi eleito consagradoramente o Almirante Amorim do Vale, candidato único e absolutamente apoiado para o honroso cargo, pela totalidade da oficialidade da nossa Marinha de Guerra. Dêle esperam muito os poucos freqüentadores do clube, mas nós achamos que embora se possa dar mais motivos de entretenimento e prazer, dificilmente se poderá dar mais que o que já vem sendo dado: natureza, silêncio, limpeza e muita poesia. Acreditamos que o valor do Piraquê esteja no seu isolamento e quanto mais tempo assim estiver melhor para os que ali passam as melhores horas de sua vida.

13) MICOS (exatamente o que vocês leram) vivem nas árvores do clube. O Piraquê é um clube que tem mico. É um clube completamente diferente.

14) SÃO PEDRO está próximo, bastante próximo, de quando sair esta reportagem, esperamos que vocês se divirtam bastante e em benefício próprio não esqueçam o Piraquê e a maior festa junina que acontece no Rio.

15) O Piraquê é assim...



Quem mais aproveita tôdas as vantagens que o clube apresenta são as crianças que encontram ali um excelente parque e todo um ambiente propício às suas atividades inf

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

O Teatro em Casa, de Carlos Perry vai obtendo grande sucesso, e já ganhou até batismo internacional. Na noite de 4, quase ao terminar o espetáculo, chegou a casa de Perry a companhia italiana que estreou no Municipal. Estava acompanhada de Gianni Ratto e João Padua. Como fizeram questão de assistir ao espetáculo, as duas peças foram bisadas, o que provavelmente acontece pela primeira vez em teatro. Os italianos gostaram muito, e elogiaram especialmente Isabel Tereza. Estavam presentes: Luiza Barreto Leite, Millor Fernandes, Ivo Pitanguí, Daniel Tolipan, Alfredo Souto de Almeida, Guilherme de Figueiredo, Maria Inês de Almeida.

Nunca a UDN esteve tão sólida, tão coesa, tão unida. A direção do Partido só tem um objetivo: caminhar em direção ao povo. E parece que isso vem sendo conseguido. A recepção obtida por Carlos Lacerda e Juraci Magalhães em Minas se presenciada, assustaria os adversários.

A Sra. Miguel Aleman (Leonora Amar de solteira) comprou uma casa espetacular na Gávea. É intenção do famoso casal, fixar residência no Rio e receber regularmente.

Valentim Bouças chefiará a delegação brasileira (30 membros) que participará das discussões sobre tarifas a realizar em Genebra. O embarque se dará no início de Julho.

As informações sobre etiqueta (Ibrahim Sued, último número da Manchete) foram revistas (e autenticadas) pelo Ministro Carlos Lobo.

Os srs. Batista Ramos (líder do PTB), Afonso Arinos (líder do bloco minoritário) e Vieira de Melo (líder da maioria) foram designados pela Câmara para representá-la nas homenagens ao Presidente Craveiro Lopes. Nenhum dos três compareceu. Motivo: falta de fraque. Mas o que os 3 deputados não sabiam é que poderiam ter comparecido de casaca, desde que usassem colête preto.

Na reportagem que a revista Manchete publicou como um pretensioso estudo da personalidade do sr. Carlos Lacerda, há um ligeiro engano. O sr. Chico Pires foi classificado como **psiquiatra**, quando ficaria melhor entre os **psicopatas**. Aliás, se ele cair na mão de um psiquiatra de verdade, vai custar a se libertar: não é sempre que se arranja um material tão rico para estudos, como esse.

Neder João Neder é o novo Diretor Cultural do Monte Líbano. A revista do Clube ficará também sob a direção de Neder. Ele pretende dinamizá-la ao máximo.

A grande corrida desta semana foi em busca de casacas, fraques e cartolas. Fraques e casacas ainda foram encontrados. Mas há uma ausência absoluta de cartolas no mercado. Motivo: as cartolas «em» vêm de Londres e sua importação exige dólar de 5ª categoria.

DN já está em plena campanha eleitoral. As caravanas varam os programas se sucedem, todos se entusiasmam. Há uma

luta que se desenha, um duelo que se anuncia: ver quem viaja mais, se os líderes da UDN ou se o sr. Juscelino Kubitschek.

Vieira de Melo cumprimentando o sr. Afonso Arinos, na presença de jornalistas: «se o objetivo da pacificação fôsse levar o doutor Afonso Arinos ao Ministério do Exterior, ninguém seria mais entusiasta dela do que eu.»

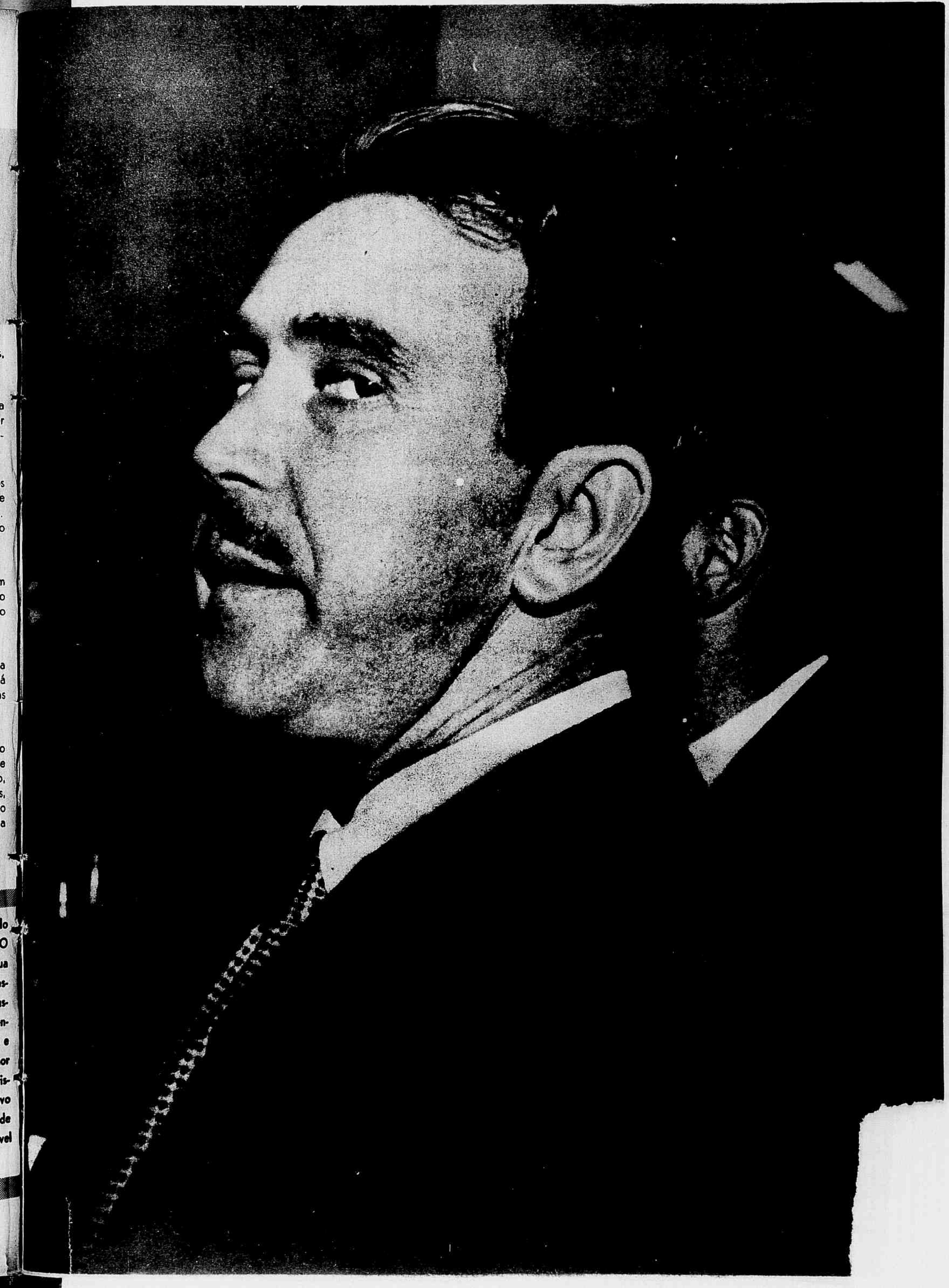
Na última quinta-feira estava anunciado um discurso do sr. Carlos Lacerda. Como sempre as galerias se encheram (principalmente de senhoras e senhoritas). Mas quem falou foi o sr. Vieira de Melo. O líder da maioria aliás, não esconde que gosta de falar para o auditório do sr. Carlos Lacerda.

Capanema, Bias Fortes Filho e Horácio Láfer têm andado em grande atividade. Parece que os três estão conversando no mesmo sentido: pacificação e reforma do Ministério do sr. Juscelino Kubitschek.

Duas estréias na imprensa carioca. Fernando Ferreira assinará uma coluna no «Correio da Manhã». E o «Jornal do Comércio» lançará um novo colunista social (mulher, inteligente e de «pedigree»). Mas o nome está sendo conservado em segredo.

Carlos Machado em grande atividade. Seu prestígio subiu muito na noite, depois do contrato com os homens de Miami. Gente que não cumprimentava o produtor já ensaia um sorriso ao vê-lo, cronistas que «não o toleravam» passaram a ficar mais amistosos, passaportes começaram a ser carinhosamente mostrados na porta do Sacha's. O ditador da noite tem muitas passagens a oferecer (ida e volta), e não é bom negócio hostilizá-lo no momento.

● Este senhor (chamemo-lo de cavalheiro) é o muito conhecido (não de fotografia), Antonio Sanchez Galdeano. A revista «O Cruzeiro» chama-o de «connoisseur». Mas em verdade a sua ocupação principal consiste em embarcar mercadorias no estrangeiro e fazê-la chegar ao Brasil sem dar trabalho aos exaustos homens da Alfândega. Esporte inocente que lhe tem rendido uma fortuna colossal e o conseqüente prestígio social e econômico. No momento em que a foto era batida, o senhor (chamemo-lo de cavalheiro) Antonio Sanchez Galdeano, arriscou um olho para o fotógrafo e manteve o outro no objetivo anterior. Por esse motivo (os leitores compreenderão), não pôde manter a sua linha habitual, e o seu indiscutível e impecável tom de elegância. Interior e exterior.



s.
a
r
-
s
e
o
n
o
o
a
á
s
o
e
o.
s,
o
a
lo
O
ua
s-
s-
n-
e
or
is-
vo
de
vel



PETRÓLEO: TRAIÇÃO E VITÓRIA

O petróleo domina as discussões, empolga o Brasil de norte a Sul. Nacionalismo e entreguismo são as duas palavras mais pronunciadas no Brasil de hoje. Mas de agora em diante quem quiser falar ou discutir petróleo não pode ignorar o livro de Joel Silveira (foto) e de Lourival Coutinho. «Petróleo: Traição e Vitória» é um dos livros mais sérios, mais empolgantes e mais documentados, já publicados sobre o assunto no Brasil. A primeira edição se esgota rapidamente, os editores preparam a segunda, o que prova que Joel e Lourival feriram a questão no ponto certo.

A FIGURA
EM FOCO



DI CAVALCANTI

Cresce a glória do povo
com êsse autêntico artista.
já tido como clássico,
da Escola Modernista.

MEU
DEUS

ONDE OUTRORA VICEJARAM OS CAFEZAIS...

